AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU,* referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia.* Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

Histórias e Memórias de Mulheres/Mães Trabalhadoras: Enredos e Lutas por Direito à Creche UDI - Maria Helena. Uberlândia-MG.1980 - 2005.

Patrícia Costa Palm

2134 S.8 (2)

PATRÍCIA COSTA PAIM

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MULHERES/MÃES TRABALHADORAS: ENREDOS E LUTAS POR DIREITO À CRECHE UDI – MARTA HELENA. UBERLÂNDIA. MG. 1980-2005.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Célia Rocha Calvo.

Uberlândia, Abril de 2006.

PAIM, Patrícia Costa, 1976.

Histórias e Memórias de mulheres/mães trabalhadoras: enredos e lutas por direito à creche UDI – Marta Helena. Uberlândia. MG. 1980-2005.

Patrícia Costa Paim – Uberlândia, 2006.

89 laudas.

Orientadora: Célia Rocha Calvo.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras-chave: 1. Mulheres, 2. Mães, 3. Trabalhadoras, 4. Creche.

PATRÍCIA COSTA PAIM

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MULHERES/MÃES TRABALHADORAS:
ENREDOS E LUTAS POR DIREITO À CRECHE
UDI – MARTA HELENA. UBERLÂNDIA. MG.
1980-2005.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Célia Rocha Calvo – Orientadora

Profª. Drª. Jorgetânia da Silva Ferreira

Prof. Ms. Renato Jales da Silva Júnior

É importante agradecer, pois as pessoas podem ter contribuído, e muito, mas as vezes não têm noção disso. É preciso agradecer, não como um gesto de educação e bons modos, é preciso agradecer para mostrar aos outros, aos nossos, como somos gratos. É preciso agradecer, pois assim nos sentimos, pelo menos um pouco, aliviados da dívida que achamos ter com o outro. É preciso agradecer para retribuir o grande sentimento que nos é devotado. Diante disso, quero muito agradecer as pessoas que, de um modo ou de outro, me auxiliaram na escolha do meu caminho e no trilhar do mesmo.

É importante agradecer aos meus pais, João Batista Paim e Maria Antônia Costa, pessoas brilhantes, que me nortearam, me auxiliaram e me conduziram até onde suas possibilidades permitiram. Agradeço aos meus pais pelos valores e exemplos que acabaram por emoldurar meu caráter, permitindo-me alcançar meus sonhos à partir dos meus próprios méritos. É preciso agradecer sempre o apoio de minha mãe e os ensinamentos deixados por meu pai, que infelizmente não se encontra mais conosco, mas no entanto está sempre presente em todos os momentos de minha vida. É com saudade que lhe agradeço: OBRIGADA, PAI!

É preciso agradecer aos meus irmãos, Letícia e Marco Aurélio, dos quais tenho muito orgulho e carinho. Agradecer a ajuda, a compreensão, o apoio, as leituras incessantes deste trabalho, a tolerância, o silêncio, o entendimento, enfim, agradeço por serem as pessoas maravilhosas que fazem com que nosso convívio seja repleto de alegria e afeição.

Quero agradecer as colegas de curso que se tornaram grandes amigas, Neila Lamonier e Maria Antônia Campos, que compreenderam este momento atribulado e estressante de minha vida, dando força, compartilhando experiências, dividindo angústias, trazendo momentos de descontração. Agradeço de coração à dedicação e o afeto, amigas!

É necessário agradecer a minha amiga Raquel Pereira Dias pelo incentivo e apoio, pela compreensão e por sua contribuição a este trabalho.

Quero agradecer minhas crianças, meus alunos que me fazem esquecer as angústias, sofrimentos e amarguras do mundo adulto, me permitindo ser, pelo menos por alguns instantes, criança novamente. E, mais do que exigir atenção e carinho, me acolhem em seus braços pequeninos, confortando-me, fazendo-me viver um mundo de fantasias, onde o choro é doloroso, mas passa. Permanecendo sempre dentro de nós um sorriso, devendo este ser parte de nossa alma, eternamente criança!

Não poderia deixar de agradecer uma pessoa muito importante, que desde o início sempre me incentivara a crescer, pois sempre soube que a busca pelo conhecimento e a descoberta do novo, me fazem extremamente realizada. Quero agradecer ao meu noivo Rodrigo Cameoka, que sempre se fizera presente em minha vida, mesmo nos momentos em que não se fora possível permanecer do meu lado. Quero agradecer além do incentivo, a dedicação, o comprometimento para comigo, a força nos momentos mais difíceis, o aconchego, o entendimento, a compreensão, enfim, quero agradece-lo por tudo que fez e faz por mim.

Agradeço de modo especial a Profª. Dr.ª Célia Rocha Calvo à dedicação, o incentivo, às críticas e ressalvas, ao comprometimento e auxílio no decorrer desta pesquisa. Agradeço por ter acreditado em mim, e na proposta de pesquisa que lhe apresentei. Agradeço pelo apoio dado e ao crescimento que obtive à partir deste.

E, mais que tudo, agradeço a Deus, pela possibilidade aberta à mim para que este caminho pudesse ser trilhado.

AGRADECIMENTO

A todos que contribuíram para que esta pesquisa se tornasse realidade. A todos os professores e professoras do Instituto de História que contribuíram para com este meu estágio de aprendizagem e para o meu amadurecimento. Ao amigo João Batista, secretário do Instituto de História, que em vários momentos destes cinco anos pode me prestar socorro, auxiliando-me, conduzindo-me para a resolução dos problemas burocráticos, devotando-me sempre atenção e simpatia. Aos colegas de curso, com os quais pude dividir conhecimentos, dúvidas, angústias, crescimento e aprendizagem. E, principalmente, aos sujeitos: mulheres/mães trabalhadoras, que para além de me auxiliarem nesta empreitada, fazem parte desta pesquisa, sendo que a mesma não existiria sem a existência dessas mulheres.

"Costuma-se dizer que a árvore impede a visão da floresta, mas o tempo maravilhoso da pesquisa é sempre aquele que o historiador mal começa a imaginar a visão do conjunto, enquanto a bruma que encobre os horizontes longínquos ainda não se dissipou totalmente, enquanto ele ainda não tomou muita distância do detalhe dos documentos brutos, e estes ainda conservam todo o seu frescor. Seu maior mérito talvez seja menos defender uma tese do que comunicar aos leitores a alegria de sua descoberta, torná-los sensíveis - como ele próprio o foi – às cores e aos odores das coisas desconhecidas."

(Ariès, Philippe, 1981)

SUMÁRIO

Apresentação.....08

I- Da creche ao bairro:

memórias e vivências das mulheres do bairro Marta Helena.....22

II- Direito à creche: institucionalização e expropriação.

A (re)organização do espaço 53

Considerações Finais 83

Referência Bibliográfica 86

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo observar e investigar, à partir da creche no bairro Marta Helena, hoje denominada de UDI – Marta Helena, os sujeitos históricos e sociais, indagando quem seriam esses sujeitos que necessitavam da creche e, principalmente, que lutaram, organizaram a creche em outrora, quando a mesma se fez por ações da própria comunidade e, concomitante a isso, quem são esses sujeitos hoje. Enfim, o objetivo proposto é conhecer as vivências e experiências dessas mulheres/mães trabalhadoras, no intuito de perceber o significado da creche do bairro Marta Helena em suas vidas. Para tanto, esta pesquisa é pautada na utilização das fontes orais, fazendo, pois, uso de entrevistas, no intuito de melhor apreender as vivências dos sujeitos, das mulheres que por algum motivo fez/faz uso daquele espaço, configurando a teia das relações que o compõe enquanto espaço social e cultural.

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa teve início com a observação dos sujeitos – as mulheres que utilizam o serviço da creche para deixarem seus filhos e as mulheres que trabalham, organizam aquele espaço –, sendo esta observação realizada de forma mais específica e centrada, visando os objetivos que nortearam esta pesquisa. Ou seja, procurei olhar para essas mulheres de uma forma especial, singular, buscando apreendê-las enquanto sujeitos. Estabelecendo diante delas, o olhar que o historiador remete as suas fontes de análise e investigação.

Assim, as mulheres, trazendo seus filhos, começam a chegar por volta das 6:50 hs e esperam na porta da instituição até às 7:00 hs, quando se iniciam os trabalhos na creche e as crianças são recebidas. As mulheres normalmente não adentram nas dependências da creche, seus filhos são entregues na porta de entrada às educadoras, que os encaminham para suas respectivas salas. O momento de entrada das crianças na creche é muito rápido, pois, as mulheres necessitam seguir para o trabalho ou para outras atividades e, por já ter transcorrido parte do ano letivo, as crianças, seus filhos, já se acostumaram com o ambiente da creche. Nesse horário tudo transcorre muito rapidamente, sendo que tais mulheres afirmam estarem sempre com pressa ou atrasadas para seus compromissos.

O que pude perceber, diante das observações que fiz, é que os sujeitos com os quais estou trabalhando, e que fazem uso da creche para deixarem seus filhos, são mulheres/mães de aproximadamente 20-30 anos, sendo que na maioria são as próprias mães que levam e buscam seus filhos na Unidade, mas isso não quer dizer que os pais, avós, tias, irmãos, vizinhos, etc., não participem também desse momento. Aparentemente, estas mulheres trabalham para auxiliar ou prover por si só o sustento de seus filhos, de sua família.

Elas chegam na Unidade em sua maioria a pé, empurrando o carrinho de bebê ou trazendo seu filho nos braços, ou ainda de bicicleta, mas mesmo que em um número muito reduzido, tem aquelas que chegam de carro para deixar seu filho na creche. Uma outra ocasião observada foi a saída das crianças, que se dá por volta das 17:00-17:30hs.

Acreditava ser quase impossível encontrar com as mulheres nesse horário, pois deduzi que muitas estariam no horário de trabalho e, consequentemente, mandariam outrem buscar seu filho. Enganei-me, em grande maioria as mulheres buscam seus filhos[1].

É interessante resgatar que as indagações que envolvem o espaço da creche e seus sujeitos, não surgiram em minha pesquisa de forma aleatória. Elas se dão mediante a minha prática diária, as minhas vivências como Educadora Infantil. A escolha desta profissão, deu-se em decorrência do meu forte interesse e fascínio pelas crianças, o que me levou a prestar um concurso público promovido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, no segundo semestre de 2002, para a referida função. Como Educadora Infantil fui trabalhar, no ano de 2003, em uma creche localizada no bairro Marta Helena e dentro daquele contexto: junto às mães, às crianças e às demais funcionárias, começaram a se configurar indagações sobre a origem daquele espaço, a forma pela qual o mesmo se organizara em outrora. Mesmo porque havia muita comparação, por parte das mães e funcionárias, em relação à creche de hoje com a creche quando ela ainda era comunitária, sendo que isto muito me instigava. Então assim, eu iniciei uma busca sistemática por informações que me auxiliassem no conhecimento referente ao processo de formação das creches em Uberlândia e, posteriormente, a municipalização das mesmas, na tentativa de reconstruir a ponte que interliga passado e presente. Buscando entender melhor as relações existentes, para que tais questões pudessem vir a ser melhor apreendidas e analisadas.

O fato de trabalhar na UDI – Marta Helena[2], não proporcionou apenas o surgimento de questões e indagações acerca da creche, sendo a partir da minha já inserção naquele espaço, que se deu o acesso aos meus sujeitos. Mesmo assim, busquei inicialmente verificar, junto à administradora daquela unidade, a viabilidade em promover minha pesquisa com os pais, familiares das crianças ali matriculadas e também com as funcionárias. Para mim, conduzir esta pesquisa com minhas colegas de trabalho e com as famílias que, de uma forma ou de outra, já me relaciono, por um lado facilitou o meu trabalho de investigação, uma vez que o estranhamento dos primeiros contatos já fora rompido pela convivência diária. Por outro lado, em alguns momentos

---

[1] Retrato aqui as observações realizadas no decorrer do mês de abril de 2005, na Unidade de Desenvolvimento Infantil do Bairro Marta Helena: UDI – Marta Helena, localizada à Rua Bahia, 2319, bairro Marta Helena, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais.

[2] Atualmente, as instituições públicas vinculadas à Secretaria Municipal da Educação de Uberlândia, que atendem crianças de 0-6 anos, são nomeadas de Unidade de Desenvolvimento Infantil – UDI – ou de Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI.

encontrei dificuldades, no que tange a abertura para confidenciarem-me suas vivências. Percebi que fora difícil, para algumas de minhas entrevistadas, me verem desvinculada do papel social que sempre exerci diante das relações estabelecidas naquele espaço de convívio. Era visivelmente perceptível a insegurança de algumas mulheres/mães no início das entrevistas, estando estas preocupadas com a razão pela qual eu realmente estava promovendo tal pesquisa, sendo incessante os questionamentos delas no que tange ao fato, a possibilidade, de seus filhos perderem a vaga na creche em decorrência de suas respostas, das questões levantadas, etc.

Objetivava então, neste momento, construir junto a tais mulheres uma nova relação de Historiadora com suas Fontes, sendo a mesma distinta e distanciada da relação que já se estabelecerá anteriormente entre Educadora e Mães, Educadora e colegas de trabalho. Para tanto me vi diante da necessidade de "despir-me" da condição de Educadora Infantil, partindo para um trabalho de observação e investigação junto a essas mulheres, meus sujeitos, e, é um pouco das descobertas que tive, das interpretações que realizei diante das entrevistas, que socializo neste trabalho de monografia.

Mediante a isso, no intuito de melhor apreender as questões que envolvem a creche, fui em busca de material referente ao tema que me possibilitasse conhecer mais, tornando possível uma maior ampliação de suportes teóricos para as discussões que se estabeleceriam. Me deparei com uma vasta bibliográfica, oriunda principalmente da década de 1980, quando os debates sobre a creche se intensificaram, ao mesmo tempo que se tornaram mais visíveis, socialmente, os movimentos de mulheres, de mães em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro. Tem-se neste momento, uma maior abertura nos meios acadêmicos, abarcando toda uma discussão referendando à concepção da infância e da criança. Diante disso, Sonia Kramer em sua dissertação de mestrado (1979)[3], pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, ao promover um estudo referente a situação da Pré-escola no país, estabelece no primeiro capítulo – "Infância e sociedade: o conceito de infância" – um trabalho relacionado com a concepção e percepção da infância, principalmente, na sociedade capitalista, sendo tal discussão essencial para que se perceba as transformações pelas quais nossa sociedade

[3] KRAMER, S. "A Política do Pré-Escolar no Brasil – a arte do disfarce". 2.ed. Rio de Janeiro, Achimé. 1984. (Série Universidade: Educação). Tese de mestrado publicada no ano de 1981, tendo uma segunda edição no ano de 1984.

lutava e as transformações que estariam por vir em termos de educação para os menores de 6 anos.

É a partir de uma concepção de infância que é construída historicamente[4], que Sonia Kramer afirma que,

> *A idéia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que muda a inserção e o papel social desempenhado pela criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto ("de adulto") assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade.*[5]

Seguido essa linha de raciocínio, o artigo "Pré-escola: entre a educação e o assistencialismo – 1985"[6], de Maria M. Campos, traz um estudo permeando algumas questões no que tange a situação no Brasil da pré-escola (cuja proposta é o atendimento de crianças de 4 a 6 anos), em meados dos anos de 1980. Ao se traçar esse perfil, trazendo as problemáticas desse tipo de atendimento, suas falhas, a precariedade do trabalho pedagógico desenvolvido, a receptividade por parte do Estado (visto que nesse momento o atendimento a criança menor de 7 anos não se dava de forma efetiva), da população e até mesmo do meio acadêmico, pude perceber – mediante também a outras leituras – uma dada similaridade com a problemática das mulheres e os direitos à creche nesse mesmo período. Assim, tanto a creche quanto a pré-escola encontravam-se em situações semelhantes, fazendo parte da luta das mulheres trabalhadoras e da população, diante da omissão junto as instâncias do poder.

Não pretendo afirmar que a creche e a pré-escola estavam em condições iguais de luta, reconheço os avanços obtidos pela pré-escola e também as maiores dificuldades enfrentadas pela creche. Minha tentativa ao aproximar ambas foi apenas de não fragmentar a luta para o atendimento à criança de 0-6 anos, e assim perceber a ação e reação do Estado frente a esse dois segmentos do que hoje chamamos de Educação

---

[4] Tal idéia é trabalhada por Philippe Ariès em "História Social da Criança e da Família", 1986. Sendo base para toda a discussão que permeia a questão da criança e da infância, neste presente trabalho.
[5] KRAMER, S. "A Política do Pré-Escolar no Brasil – a arte do disfarce". 2.ed. Rio de Janeiro, Achimé, 1984. (Série Universidade: Educação), pp. 19.
[6] CAMPOS, Maria M. Malta. "Pré-escola: entre a educação e o assistencialismo – 1985". In: ROSEMBERG, Fúlvia (org.). "Creche". São Paulo: Cortez, 1989, pp. 11-19.

Infantil[7]. Diante disso, apesar de partir para uma análise voltada para a pré-escola, muitas questões também são passíveis de serem analisadas sobre a ótica da problemática que envolve a creche, nesse momento histórico. Com isso Maria Malta Campos traz-nos como desfecho deste seu estudo a questão da legitimação do direito pela própria ação da população que, ao cobrar do Estado o auxílio, a subvenção, e este ao atender a tais reivindicações cria uma articulação propícia para a legitimação dessas ações em direito dos cidadãos.[8] Ou seja,

> *(...) O que ocorre é que as respostas governamentais, mesmo quando insatisfatória, acabam por criar uma situação de fato que ajuda a legitimar o direito a um determinado tipo de serviço por parte da população. Pois o processo que leva a sociedade a reconhecer que o atendimento a determinada necessidade da população por parte do Estado configura um "direito" de todos é um processo que se desenvolve historicamente, determinado que é pelo dinamismo das forças sociais em conflito e pela condição que os diversos grupos sociais têm de influir na atuação dos órgãos públicos em cada momento.*[9]

Em consonância com estes debates o que se tem é a promulgação, em 05 de outubro de 1988, da Constituição da República Federativa do Brasil, trazendo em seu texto a educação para a criança pequena, de 0-6 anos, como um direito, ampliando e universalizando o direito à educação para todos. Neste contexto, a Constituição de 1988 atribuiu como dever do Município, prover o atendimento às crianças de 0-6 anos em creches e pré-escolas de maneira gratuita, e ainda estabelece como responsabilidade tanto do Estado quanto da família assegurar à criança e ao adolescente direitos básicos enquanto cidadãos brasileiros.

Foi diante das observações promovidas e mediante as leituras realizadas, que propus a realização de um trabalho de investigação envolto numa perspectiva da

---

[7] A Educação Infantil tem sua regulamentação com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9.394/96 -, sendo direito às crianças de 0-6 anos de idade o atendimento em creches e pré-escolas. Entretanto a lei ordinária 11.114, de 16 de maio de 2005, estabelece por bem que. o Ensino Fundamental abarcará as crianças com seis anos, cabendo aos pais a matrícula de seus filhos menores. Com isso, tem-se uma reestruturação na Educação Infantil, que passará a atender crianças com até cinco anos de idade. Está lei fora publicada no Diário Oficial da União em 17/05/2005, mas até o presente momento, ainda não entrara em vigor na Rede Municipal de Ensino da cidade de Uberlândia. Assim, no decorrer do trabalho ao referendar a Educação Infantil na cidade de Uberlândia trago, de acordo com a realidade, o atendimento às crianças de 0-6 anos.

[8] Convém salientar que, o momento presenciado pelo estudo citado é referente aos anos antecessores á Constituição Federal de 1988, não havendo, pois, uma legislação que reconhecesse, nem muito menos regulamentasse a Educação Infantil – creche e pré-escola.

[9] CAMPOS, Maria M. Malta. "Pré-escola: entre a educação e o assistencialismo – 1985". In: ROSEMBERG, Fúlvia (org.). "Creche". São Paulo: Cortez, 1989, p. 18.

História Social, observando a creche no bairro Marta Helena, na tentativa de perceber os sujeitos históricos e sociais, indagando quem seriam esses sujeitos que necessitavam da creche e, principalmente, que lutaram, organizaram a creche em outrora, quando a mesma se fez por ações da própria comunidade e, concomitante a isso, quem são esses sujeitos hoje. Enfim, o objetivo proposto é conhecer as vivências e experiências dessas pessoas, no intuito de perceber o significado da creche do bairro Marta Helena em suas vidas.

Assim, com a pesquisa iniciada e a partir das discussões realizadas com a professora Dr.ª Célia Rocha, minha orientadora, constatamos que caberia a mim, enquanto pesquisadora, elencar os sujeitos que foram "esquecidos" nas discussões que permeiam a questão da creche. Para tanto tornou-se necessário buscar referenciais no que se refere à legislação[10] que norteia toda as questões acerca da creche: lutas, conflitos, embates, conquistas e reconhecimento. Tal conhecimento fora de grande valia para ampliar o meu entendimento sobre as lutas e conquistas que se estabeleceram aqui na cidade de Uberlândia e, mais especificamente, no bairro Marta Helena. Auxiliando e muito no decorrer de toda a pesquisa.

Ao delinear este caminho, me propus a dialogar com os sujeitos elencando as fontes orais como cerne desta pesquisa, no intuito de perceber as relações que se configuravam e se configuram no espaço delimitado inicialmente: a creche. Vejo aqui, a necessidade de fazer uma ressalva, pois o espaço inicial delimitado para o desenvolvimento da pesquisa, se amplia diante do contexto atribuído pelos sujeitos, em suas narrativas.

Assim, de acordo com Adalberto Marson[11] e Alessandro Portelli[12], nenhuma investigação histórica pode ser consolidada mediante um contexto estabelecido anteriormente à própria pesquisa. Foi conhecendo a importância dessa metodologia que propus deixar os diálogos junto aos meus sujeitos fluírem mais livremente. Dessa forma então, a partir das interpretações, sentidos e significados trazidos pelas entrevistadas, o

---

[10] Me refiro a legislação nacional que busca resguardar os direitos das crianças e adolescentes, ou seja, a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – 7069/90); além de leis locais – como por exemplo, a Lei Orgânica do Município de Uberlândia do ano de 1991 – que procuraram regulamentar todo o processo de municipalização das creches, objetivando adequarem-se à legislação nacional supracitada.

[11] MARSON, Adalberto. "Reflexões sobre o procedimento histórico". In: SILVA, Marcos A. da. (org.). "Repensando a História". Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. pp. 37-64.

[12] Tal idéia é trabalhada e percebida em vários dos textos estudados e abordados do historiador Alessandro Portelli, sendo todos estes trazidos na referência bibliográfica deste trabalho.

bairro Marta Helena,[13] se apresenta como sendo mais do que um lugar de moradia, fazendo-se enquanto espaço essencial nas relações de vizinhança, de amizade, de solidariedade, que se davam a partir do convívio diário.

E, nesta mesma conjuntura, a cidade de Uberlândia também é representada em algumas narrativas, enquanto sendo uma nova perspectiva, uma possibilidade de construir uma nova realidade[14]. Assim, é imprescindível perceber a cidade de Uberlândia como um lugar que não se estabelece desvinculado desses modos de viver e de lutar dos seus sujeitos sociais trazidos na pesquisa. A cidade faz parte das vivências destes sujeitos, sendo que o fato de morarem em um bairro, no bairro Marta Helena, não faz com que estes sujeitos estejam fora da cidade, sendo parte integrante e constituinte da mesma. Ou seja, muito do que motivou essas mulheres a lutarem pelos seus direitos está relacionado ao modo elas como elas se percebem nesta cidade.

Assim, é diante da investigação destes espaços, que busco a vivência dos sujeitos. Frente a isso, não posso considerar tais espacialidades enquanto uma comunidade, pois assim ter-se-ia vinculado a tais espaços uma idéia de equilíbrio proveniente do conceito biológico de comunidade, encobrindo, pois, os embates, os conflitos, as contradições decorrentes das relações sociais que configuram estes espaços. O que se tem então, frente a tal exposição, é que os embates emergem nas relações e são nestas relações conflituosas que tais espaços se inscrevem. Sendo a partir dessa concepção que propor-me-ei estruturar este trabalho.

Frente a isso, ao se promover uma localização no espaço físico/geográfico temos uma creche, cujo prédio encontra-se no bairro Marta Helena, na cidade de Uberlândia. Numa perspectiva mais ampla de espaço, a pesquisa proposta dá-se a nível regional. Mais especificamente, estamos lidando com uma investigação voltada para a História Local, a História da cidade de Uberlândia. Diante de tal conceituação, apoiada em uma exposição realizada por Janaína Amado[15] afirmo que coube a mim, enquanto historiadora, promover uma investigação permeando o regional, a História Local,

---

[13] Convém salientar que o bairro Marta Helena se faz presente nas discussões apresentadas no primeiro capítulo, pois as relações estabelecidas na própria creche envolviam os moradores do bairro. Diferentemente das relações que são estabelecidas nos dias de hoje na creche, tendo-se, pois, perdido em parte, os referenciais e valores que edificaram a creche em outrora (tais questões e discussões serão trazidas posteriormente).

[14] A cidade de Uberlândia é percebida, no que tange a idéia de uma nova perspectiva, nas narrativas trazidas na discussão construída no segundo capítulo.

[15] SILVA, Marcos et Janaína Amado. "República em Migalhas: História Local e História Regional". São Paulo: Ed. Marco Zero/CNPQ, 1999.

ficando atenta no intuito de perceber o espaço, a territorialidade, não apenas sobre seu aspecto físico, geográfico, mas sobretudo mediado pela vivência, pela experiência à partir das quais os sujeitos estruturam suas relações no âmbito social e também com a própria natureza que os circundam.

Para tanto, além de ver o regional vinculado ao social, sendo parte constituinte de suas transformações, rompi com a idéia de metrópole, percebendo as contradições, os conflitos, o modo de vida, a cultura dos sujeitos daquele local, sem estabelecer parâmetros de comparação entre uma realidade e outra (mesmo porque tais parâmetros não teriam fundamento ao se embasar a pesquisa na vivência das pessoas).

Ao buscar maior ênfase nas vivências dos sujeitos elenquei as fontes orais, pois creio que dessa forma ter-se-ia uma maior possibilidade de se perceber as relações estabelecidas, construídas tanto no espaço da creche, quanto no âmbito pessoal: seu universo familiar; social: a vida em sociedade, as lutas diárias, a organização frente aos problemas, enfim, o cotidiano dessas pessoas que procuram a creche para seus filhos.

É diante dessa perspectiva de promover meu trabalho á partir de narrativas, fazendo uso das fontes orais, que busquei o artigo de Raphael Samuel "História Local e História Oral"[16], no qual ele promove um estudo permeando a História Local, afirmando que o historiador ao promover os diálogos necessários – para que o sujeito possa expressar-se na pesquisa –, vários são os locais, os objetos, as formas pelas quais os sujeitos poderão ser percebidos. Tal fator tornar-se preponderante no que concerne à investigação voltada para a História Local, pois diante disso, dessa colocação dos sujeitos nos mais variados espaços dentro do âmbito social, cultural, político..., tem-se um desvencilhar, até então tido como necessário e imprescindível, da História Local aos documentos oficiais, o que acarretava, muitas vezes, um aspecto de oficialidade da História Local relatada, vinculando-a sempre aos discursos convincentes do poder. Assim, diante dessa percepção da História Local e, particularmente, a partir da qual emoldurei o presente trabalho, tem-se uma maior ênfase na vivência das pessoas, que trazem muito mais sobre as relações pessoais, sociais, sobre a vida em sociedade, no âmbito familiar, enfim, o cotidiano local, do que o documento escrito em si.

A partir desta proposta de promover um trabalho embasado nas fontes orais, coube a mim, no exercício do ofício de historiador, observá-las de forma crítica,

[16] SAMUEL, Raphael. "História Local e História Oral". In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, vol. 9, set.1989/fev.1990. pp. 219-243.

devendo, pois, como qualquer outro tipo de fonte, serem questionadas, indagadas, não podendo em nenhuma instância, serem consideradas como verdades absolutas. Ou seja, as fontes orais não podem ser caracterizadas como verdadeiras pelo simples fato de se estar lidando com um documento vivo, pois, em hipótese alguma, as pessoas, os depoimentos são puros, sendo passíveis de selecionamento e esquecimento, no que tange a interpretação de suas experiências. Assim, não só as fontes orais, como nenhuma outra, podem ser consideradas puras. Sendo que, na mesma proporção, não podem ser consideradas falsas por trazer parte do imaginário das pessoas. Cabe então ao historiador interpretá-las, sabendo resgatar os fatos em si e, mais que isso, observando e interpretando o motivo pelo qual é dado uma nova dimensão aos fatos mediante as vivências dos sujeitos. Tal idéia é bastante marcante nos estudos e nas experiências que Alessandro Portelli socializa em seus trabalhos e artigos referendando as fontes orais. Assim, ele afirma que:

> *Fontes orais são aceitáveis mas com uma credibilidade diferente. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso não há "falsas" fontes orais.*[17]

Diante dessa circunstância, busquei desde o início das conversas e entrevistas esclarecer qualquer equívoco, procurando deixar bem claro os meus interesses, explicando para meus sujeitos os reais motivos que me levaram à pesquisa, quais os objetivos que pretendo alcançar, sendo, pois, um trabalho estritamente acadêmico e que em nada influenciará o exercício de minhas atribuições junto as crianças e as famílias as quais entrevistei, nem tão pouco no relacionamento com minhas colegas. Enfatizei ainda que, em momento algum, o conteúdo das entrevistas seria socializado em meu ambiente de trabalho, ou seja, dentro da creche, me comprometendo, pois, a respeitar eticamente todo o conteúdo das entrevistas, utilizando-as exclusivamente como fontes de pesquisa histórica. Foi muito gratificante para mim, ter conseguido contornar os pequenos impasses que se apresentaram no início da pesquisa, fazendo com que a insegurança e desconfiança, de alguns de meus sujeitos, dessem lugar a credibilidade tanto a mim, como historiadora, quanto a minha própria pesquisa.

---

[17] PORTELLI. Alessandro. "O que faz a história oral diferente". In: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, n.º 14, fevereiro/1997, pp. 32.

Quando refiro que deixei claro meus interesses e os objetivos da pesquisa, e diante deles tive o consentimento para que se desse o início da entrevista, estabelecia-se neste momento, um pacto entre eu (a historiadora) e meus sujeitos, pois caberia a mim cumprir os compromissos preestabelecidos, cabendo ao entrevistados dialogarem comigo, produzir suas narrativas diante do que eu objetivara em minha pesquisa, a partir do caminho que busquei conduzir. Sendo que nessa concepção, diante do contexto da entrevista e da pesquisa, ambos os sujeitos comprometem-se com a ética, estabelecendo-se relações, vínculos, que me possibilitaram, enquanto pesquisadora, ter contato com as interpretações que meus sujeitos construíram sobre suas vivências – no momento das entrevistas –, na maneira como eles versam no presente suas experiências passadas ou do próprio presente, constituindo-se a partir daí, como autores/narradores de seus próprios enredos.

Tais questões que envolvem a ética no decorrer desta pesquisa podem ser respaldadas no trabalho de Alessandro Portelli[18], em que ele nos traz, de forma brilhante, a idéia de que embora nós, historiadores e pesquisadores das fontes orais, tenhamos que cumprir com algumas tarefas para conduzirmos eticamente nosso trabalho de pesquisa, não podemos deixar que esses procedimentos burocratizem nosso trabalho, nossa busca por respostas às nossas inquietações.

Nessa mesma perspectiva ética no contexto da História Oral, outra historiadora que muito contribuiu para a elucidação de várias questões no decorrer desta pesquisa foi Janaína Amado[19] que, busca orientar o trabalho com as fontes orais a partir da conduta que se deve estabelecer e privilegiar, para que se tenha uma indissociabilidade entre ética e História Oral, não fazendo uso de trechos comprometedores das entrevistas, sendo fiel ao conteúdo trazido pelo entrevistado, não apenas no que concerne as palavras, mas principalmente aos sentidos atribuídos a elas, a importância de diferenciar os depoentes não permitindo que os mesmos sejam caracterizados como homogêneos, dentre outros.

---

[18] PORTELLI. Alessandro. "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral". IN: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, n.º 15, abril/1997, pp. 13-49.

[19] AMADO, Janaína. "A Culpa Nossa de Cada Dia: Ética e História Oral". IN: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, n.º 15, abril/1997, pp. 145-155.

É mediante a tais referenciais teóricos que conduzi minha pesquisa, sendo a partir dos ensinamentos, dos conceitos apreendidos nestas leituras, assim como em outros autores que tive a oportunidade de ler e conhecer no decorrer de toda a graduação, que estruturei minha conduta diante dos sujeitos, no direcionamento das entrevistas e na análise das mesmas. Visando sempre estabelecer, de forma harmônica e verdadeira, a relação entre historiadora e fonte, sabendo, pois, que tal relação deve ser pautada na igualdade, sem o estabelecimento de hierarquias, no intuito de que se possa perceber as diferenças, ou seja, o conhecimento oriundo do outro o qual eu desconheço. Tal idéia é bem trabalhada por Alessandro Portelli quando o mesmo afirma que:

> *(...) O trabalho de campo é, por necessidade, um experimento em igualdade, baseado na diferença. É preciso que sempre exista uma linha de diferenças que, depois de transposta, torne-se plena de significado, mas é necessário que exista também uma linha, segundo a qual possamos comunicar o desejo de encontra um terreno e uma linguagem comum que possibilitem a troca.*[20]

Acho interessante trazer aqui nessa exposição, a minha experiência enquanto pesquisadora/historiadora, socializando assim um pouco das minhas dificuldades, pois num primeiro momento queria que as soluções surgissem diante dos meus olhos como num passe de mágica, que as questões, o teor das entrevistas fosse descobertos a partir de buscas teóricas, ou seja, queria construir um modelo de investigação e análise das entrevistas a partir dos estudos teóricos, mesmo tendo constatado nas leituras realizadas que esse procedimento não se aplica à prática investigativa do historiador.

Assim, quando me propus a trabalhar com fontes orais, tinha noção de que o caminho a ser percorrido seria árduo e trabalhoso, mas não tinha em mente que seria tão instigante. A fonte oral nos possibilita lidar com o sensível, com o humano, com o parcial, mas dentro de uma lógica[21]. Ao estabelecer um trabalhar utilizando fontes orais, houve a necessidade de permanecer sempre atenta às reelaborações que meus sujeitos produziam em suas narrativas, sendo fundamental entender e analisar tais narrativas para, então, compreender a trajetória, as vivências, as experiências e os valores, dos sujeitos históricos entrevistados.

---

[20] PORTELLLI. Alessandro. "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral". IN: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, n.º 15, abril/1997, pp. 19.

[21] Para compreendermos melhor a lógica histórica, faz-se necessário remeter ao trabalho de THOMPSON, E. P. "A lógica histórica". In: "Miséria da teoria ou um Planetário de Erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser". Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 61.

É preciso deixar bem claro que, no que tange à questão da creche, todos os sujeitos entrevistados são mulheres. Atribuo a isto, o fato da creche estar intimamente ligada às questões maternais, pois a mesma é voltada para o atendimento às crianças pequenas[22] e, consequentemente, são muito fortes os laços existentes entre mães e filhos. O fato dessas mulheres aparecerem de forma mais expressiva no meu trabalho acadêmico não quer dizer que os pais[23], avós, vizinhos e irmãos, como já fora tido anteriormente, não participem da responsabilidade para junto da criança pequena, dentro do contexto familiar específico do qual fazem parte. Entretanto, a participação das mulheres/mães é numerosamente mais significativa, dando-se assim a configuração dos meus sujeitos enquanto representantes do sexo feminino.

No que concerne à creche, mesmo tendo entrevistado somente mulheres, as mesmas não se caracterizam como um grupo homogêneo, sendo muito diferentes entre si, trazendo para a pesquisa formas diversas de apreender e vivenciar suas experiências, tendo como referência a creche, sendo possível apreender valores e significados diferenciados. Tal fato foi de grande valia para o enriquecimento do trabalho, pois pude perceber diferentes visões daquilo que vivenciaram e/ou vivenciam. Entrevistei a Dona Neuza, sua irmã: a senhora Regina, que muito contribuíram para o entendimento sobre a formação da creche. Entrevistei também as educadoras, que estão trabalhando hoje na creche: Raquel Pereira Dias, Maria Ducineide Silva, Valéria Oliveira Souza e ainda as mães: Keila Maria da Silva e Angela Rizza Silva de Freitas, que têm seus filhos matriculados na creche. Ainda trabalhando com as fontes orais, buscando conhecer e entender o surgimento do bairro Marta Helena entrevistei o senhor João Luís Neto, que muito enriqueceu este trabalho com seus depoimentos.

Adianto que para além do conteúdo gravado nas entrevistas – base para este trabalho –, também se faz presente muito do que foi possível absorver, apreender quando as

---

[22] O atendimento de crianças na creche e pré-escola, de acordo com a legislação, deve-se dar na faixa etária de 0-6anos, tendo-se a divisão em turma como: Berçário, Maternal I, Maternal II, Pré 4, Pré 5 e Pré 6. Hoje, no que se refere à creche do bairro Marta Helena, o atendimento se dá as crianças de 0-3 anos, possuindo uma turma de Berçário (4 meses à 1 ano e dois meses), outra de Maternal I (1 ano e dois meses à dois anos) e duas turmas de Maternal II (2 anos à 3 anos), não tendo, pois, o atendimento às crianças do Pré-Escolar, crianças de 4 a 6 anos.

[23] Me refiro a este termo atribuindo-lhe o significado masculino.

narrativas não estavam sendo gravadas, ou seja, em conversas informais que buscavam uma relação de proximidade e confiança com os sujeitos, bem como diante das observações sistemáticas e objetivas do cotidiano vivenciado na creche. Deste modo, a subjetividade e a realidade existente naquele espaço, vieram à tona não somente por meio das narrativas, sendo também desvendadas a partir dos gestos, comportamentos, enfim, linguagens que me permitiram conhecer melhor, e mais profundamente, aquelas mulheres.

Assim, procurei conhecer mais do que os fatos e as transformações históricas que essas mulheres vivenciam, refletindo sobre suas vivências e experiências, me valendo da subjetividade trazida pelas entrevistadas. Queria resgatar os sentimentos trazidos por estas mulheres, sentimento de solidariedade para como seu próximo, *"sentimento de culpa"* ao deixar seu filho na creche, sentimento de angústia e desconforto por ver crianças da comunidade passando fome, sentimento de revolta ao ver crianças abandonadas, sentimento de carinho para com as crianças da creche, sentimento de conforto e satisfação por terem onde deixar seus filhos, sentimento de vitória, de conquista ao verem consolidado o sonho da creche para o bairro Marta Helena, dentre outros vários.

Em consonância com tal preceito Alessandro Portelli[24] constata diante de suas experiências investigativas (principalmente no caso do massacre de Civitella) que, mais que o fato histórico em si, as representações que são construídas destes possuem imensurável valor, trazendo a forma do sujeito pensar, ver e apreender o mundo. Entender a forma pela qual se dá a representação hoje, do que foi a formação da creche para aquelas mulheres e ainda a representatividade da creche em suas vidas, traz-nos um conhecimento acerca das coisas, dos valores, dos sentimentos, muito maior do que esclarecer os fatos cronológicos e burocráticos de como tal processo se configurara.

Diante disso é que se fez necessário para melhor compreensão da pesquisa, organizar a presente dissertação em dois capítulos, sendo que no primeiro capítulo : Da creche ao bairro: memórias e vivências das mulheres do bairro Marta Helena, busco trazer, à partir das narrativas, a representação e o significado do que se fez a creche em suas vivências, resgatando, concomitante a isso, as experiências relacionadas com o viver no

[24] PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum". In: FERREIRA, Marieta M.& AMADO, Janaína (org.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 103-130.

bairro Marta Helena. Percebendo diante de tudo isso, a forma pela qual se dava a organização da creche, mediante as ações empreendidas pelos sujeitos, de acordo com a (re)significação das entrevistadas.

Já no que concerne o segundo capítulo intitulado: Direito à creche: institucionalização e expropriação. A (re)organização deste espaço, propus lançar uma discussão que busca apreender as vivências e experiências das mulheres que ali se relacionam, no intuito de conhecer meus sujeitos, percebendo quem são as mulheres que fazem uso da creche e também para melhor compreender a forma pela qual se dá a organização daquele espaço hoje, posteriormente a construção da sede própria e a municipalização da creche.

CAPÍTULO I

Da creche ao bairro: memórias e vivências das mulheres do bairro Marta Helena

O bairro Marta Helena é um bairro que teve sua formação no início da década de 1960, sendo estruturado a partir de um loteamento realizado pelo proprietário das terras correspondentes àquele espaço físico. Para conhecer e entender como se deu o surgimento deste bairro, procurei o senhor João Luiz Neto, indicado por uma moradora do bairro e funcionária da UDI – Marta Helena, a senhora Vilma Vicente Santos. Tal entrevista fora de grande importância para a concretização deste trabalho, sendo muito rica a narrativa produzida, apontando inúmeras peculiaridades e histórias que configuram o bairro Marta Helena.

O senhor João Luiz Neto nasceu em 10 de maio do ano de 1959, na cidade Piracaíba, próximo a cidade de Araguari, no estado de Minas Gerais. Veio para Uberlândia no ano de 1962, devido ao fato de seu pai, que era funcionário público estadual DNER (Departamento de Estradas e Rodagem) – hoje o DNIT (Departamento Nacional de Infra-estrutura Terrestre), ter sido transferido em decorrência da jurisdição maior deste orgão ser presidida em Uberlândia. É casado, tem dois filhos. É funcionário público federal, desde 1978, atuando na Universidade Federal de Uberlândia, como assistente de administração na área de processo de informação. Fora presidente da associação do bairro Marta Helena no ano de 1977, permanecendo durante alguns mandatos por decisão judicial. Fora ainda membro do CONAM, Conselho Nacional das Associações de Moradores e também do Conselho Municipal da Saúde e do CONSEP, Conselho de Segurança Pública, ambos da cidade de Uberlândia. A partir de sua narrativa pode-se perceber como se dera a formação, o surgimento do bairro Marta Helena.

> *O bairro Marta Helena foi realmente instaurado por volta do ano de 1962, por aí. Na época, quando nós viemos pra cá tinha sido um lotiamento recente, feito pelo dono das terras. Esse lotiamento foi feito pelo dono das terras e, meu pai, como, como se diz, ganhava-se o suficiente para que isso viesse a acontecê, pra*

> *que ele desse uma condição de casa própria, tá, ele decidiu: "nós vamo prá lá." Num tinha luz, num tinha água, num tinha esgoto, num tinha nada. Então o quê que aconteceu, meu pai simplesmente, qua minha mãe, os dois decidirum e construiu aqui. Era um lotiamento totalmente novo. Aqui era considerado mundo, com assim dizer, mundo de ninguém, porque as ruas só tinha um risquim assim, demarcando, quando o Cícero Diniz fez esse lotiamento. Ele fez esse lotiamento em virtude de que ficô prensado esse pedaço de terra dele, cum a rodovia que viria a ser construída, a 365 e parte da 050, que vem sentido Brasília pra São Paulo. Então ficô prensado esse pedaço, então ele decidiu, e tinha a linha férrea e as terra dele era só esse pedaço que tinha aqui. Isso aqui sobrô dele, ele tinha otra terras. Então, sobrô essa fatia de terra do Marta Helena. É por isso que o bairro Marta Helena é um bairro cumprido. Ele pega bem lá embaixo, hoje a Monsenhô Eduardo, antigamente era a linha da ferrovia, linha da Mogiana, e travessa assim pro otro lado. Então qué dizê, ele decidiu lotiá isso aqui. Lotiô porque era uma coisa, como é quele ia mantê uma fazenda, num lugá desse, com duas coisa perigosa: a pista de um lado e uma linha férrea do otro? Ele não poderia criá, fazê nada. O quê que ele fez? Ele lotiô. E quando ele lotiô aí meu pai comprô essa parte aqui.*[25]

Assim, diante deste trecho da narrativa do senhor João Luís pode-se perceber a forma como se dera a formação, o loteamento do bairro Marta Helena. Segundo ele, sua família se mudou para o bairro em busca do sonho da casa própria, sendo que, de acordo com suas narrativas, financiaram o terreno em vinte e quatro meses e a casa fora construída com a ajuda dos colegas de serviço do seu pai. A casa era simples e eles eram uns dos primeiros moradores do bairro.

> *Eu vim pra cá, nos estamos aqui no Marta Helena uns quarenta, eu vim pra cá eu tava cuns quatro anos e meio, já tá cuns quarenta, quarenta e dois anos. Nós viemos pra cá em março de mil novecentos e sessenta e quatro. Quando nós viemos pra cá só tinha uma casa na esquina, que foi desativada, o pessoal não respeitô, simplismente demoliru a casa. E a nossa, né, meu pai construiu com ajuda dos colega dele de, de serviçu do DNIT, do antigo DNER. (...) Quando nós viemos aqui pra esse bairro, nós morávamos na avenida Teresina, no bairro Brasil, numa casa de aluguel, meu pai comprô esse terreno aqui, pagandu vinte e quatro prestações, né? Comprô esse terreno. Isso aqui só tinha duas casa, qué dizê, a nossa e uma casa que hoje por tristeza foi demulida, que tava aqui na esquina, né? Nossa casa foi a segunda casa do bairro, até então isso aqui era cerrado puro, tá? Totalmente bruto, tá? Tanto que meu pai tirô os postes pra cercá o terreno, tá, ele tirô do próprio cerrado, sem tê que i muito além, tá? Ele tirô aqui perto, aqui mesmo do cerrado, né? Construiu uma casa simplis, de, piquinininha, né, que era só um ispaço piqueno pra que saísse do aluguel. Que era o maió sonho do meu pai, que era saí do aluguel, né? Então, ele construiu aquela casa piquinininha, que era um coisinha feita, a porta era feita de telha eternit, cê intendeu, num tinha como. Aí, isso aqui era estrada de carrero, né? Passava estrada de carrero aqui (...) isso aqui era só cerrado, cerrado fechado, cerrado que agente curria aqui, brincava, tá, cuns vizinho aqui próximo. Antigamente isso aqui era preço de banana. Ninguém quiria vim*

[25] João Luís Neto, entrevista realizada em 20/03/2006.

> *presse Marta Helena, né? Quantas vezes aqui passavam aquela comitivas de gado, né, porque eles dormiam aqui, debaxo dum pé de piqui inorme. Pena que na época, quando eles dirrubarum o pé de piqui agente num tinha essa mera noção de conservação, essa mera noção histórica do que poderia ser feito. Agente quando era minino, agente brincava em cima dele. E ali era onde os troperos ficavam. Então isso aqui tudo, essa lembrança eu tenho. Apesar de tê vindo pra cá cum treis anus e poco, mais eu tenho essa lembrança, cê entendeu? Essa lembrança ela é marcante, tá, essa lembrança ela é marcante. Isso aqui era tudo terra, cê entendeu? Aqui embaxo, aqui naonde é o Biriri Jacó aquilo ali era uma fazenda, a linha férrea da Mogiana passava por aqui, cê entendeu? Discia aqui e ia até, ela pegava aqui e ia até, onde hoje é o Terminal Central. Ali era a estação ferroviária de Uberlândia.* [26]

A partir das lembranças trazidas pelo senhor João Luís, é possível vislumbrar como se davam as vivências dos primeiros moradores deste local, como era viver ali e até mesmo como se estruturava a cidade de Uberlândia, no que tange a sua inter-relação com o espaço daquele bairro que estava se configurando. Traz a partir de suas memórias o posicionamento daquela área recém povoada em relação as áreas centrais da cidade, afirmando com isso, a inserção daquele espaço na cidade de Uberlândia, sendo parte constituinte desta. Faz isso, ao afirmar que os trilhos da ferrovia passavam ali no bairro, que aquele espaço, "puro cerrado", era lugar de descanso e passagem para boiadeiros e suas boiadas.

Tais reminiscências possibilitam o reconhecimento daquele espaço como um lugar de moradia de trabalhadores, sendo que estes se particularizavam pela possibilidade de poderem pagar as prestações na compra do terreno. E, diante disso, optaram por conviverem, em busca de um lugar para se morar, em busca de uma casa própria, em um local sem infra-estrutura, com poucos recursos e equipamentos urbanos.

Assim, pode-se perceber um pouco do que era o bairro Marta Helena a partir do seu surgimento, da sua formação. Eis, pois, o motivo pelo qual foi proposto a exposição daquilo que eu considerei mais relevante nas narrativas do senhor João Luís para que se pudesse vislumbrar, a partir de um apanhado geral, a formação, a estruturação do bairro que também estarei observando e abordando no decorrer deste capítulo.

Essas são as memórias que João Luís construiu daquilo que para ele se constituíra no bairro Marta Helena desde a sua formação, na década de 1960. Essas são suas lembranças do que era viver, morar no bairro Marta Helena em sua infância. Esse é

---

[26] João Luís Neto, entrevista realizada em 20/03/2006.

o bairro Marta Helena, segundo João Luís, no seu início, no seu surgimento. Com o passar dos anos, vários trabalhadores deixaram o campo vindo para a cidade em busca de oportunidades, outros tantos mudaram-se das áreas centrais para os bairros. Com isso, os bairros da cidade de Uberlândia cresceram, da mesma forma que o próprio bairro Marta Helena cresceu, recebeu recursos básicos de infra-estrutura, teve sua área ocupada de forma mais efetiva, adequou-se ao crescimento da cidade de Uberlândia, expandiu-se agregando novos moradores, novas famílias que buscavam um local para moradia, que objetivavam a compra da casa própria. Tem-se ainda o fato de que com a expansão do setor industrial, ocorre um aumento no quantitativo de trabalhadores que se mudaram para o bairro Marta Helena em decorrência da proximidade entre os dois bairros. Este crescimento, esta ocupação se dera no decorrer dos anos, vindo com eles alguns outros problemas estruturais próprios do contexto urbano.

São estes problemas estruturais que são vivenciados na década de 1980, no bairro Marta Helena. São estes problemas que fizeram com que aquela comunidade[27], os moradores daquele bairro se organizassem em busca de soluções, em prol de melhorias para aquela população. É nesta perspectiva que percebo e pretendo resgatar a historicidade, no que tange a formação da creche naquele bairro, buscando os embates, as lutas, os conflitos, as dificuldades, as conquistas a partir das experiências dos sujeitos, dos relatos das mulheres, que participaram, de uma forma ou de outra, dessas articulações e enfretamentos para que os moradores do bairro Marta Helena viessem a possuir uma creche.

Diante disso, tive o prazer de entrevistar as irmãs: Neuza Maria de Freitas e Regina Beatriz de Freitas, tendo o relato, a narrativa de ambas um grande valor para a concretização deste trabalho.

Antes do primeiro contato com a senhora Neuza Maria de Freitas, não era do meu conhecimento o seu real envolvimento com o processo de formação da creche. Procurei-a no intuito de marcarmos posteriormente uma entrevista, e acabamos por conversar durante um longo e precioso tempo, a partir do qual pude dialogar com as

---

[27] O termo comunidade aqui, como em vários outros trechos desse trabalho, possui significado estrito e particular, atribuído a um grupo de pessoas/moradores que possuem características em comum, tais como: local de moradia, experiências, condições sociais, necessidades básicas, interesses comuns, etc. Não se deve aqui relacionar, em momento algum, como já fora dito anteriormente, o termo comunidade à percepção biológica de equilíbrio, mesmo porque tal abordagem camuflariam os embates, os conflitos imbricados nas teias de relações que se configuram tanto no bairro quanto na creche.

vivências dessa senhora e, concomitantemente, com suas lembranças e memórias no que tange as relações socioculturais estabelecidas diante do bairro e da creche em si.

Neuza Maria de Freitas é uma jovem senhora, nascida no ano de 1959, na cidade de Uberlândia, residindo ainda no bairro Marta Helena, para o qual se mudara na década de 1980. Mora em uma casa simples, com um cômodo comercial à frente da residência, no qual exerce seu ofício de costureira. O fato dela permanecer como moradora do bairro até os dias atuais é proveniente dos laços, das relações de vizinhança que se firmaram e fortaleceram durante os anos de convivência, de cumplicidade, de amizade, pois não possui residência própria, sendo alugada a casa em que reside atualmente. Têm três filhos, e um deles mora com ela, pois ainda não se casara. É uma pessoa muito simpática, risonha e comunicativa, transmitindo muita alegria de viver, trazendo de forma leve os momentos mais difíceis, transparecendo muita vivacidade em seus relatos, em sua forma de narrar suas vivências.

Através de suas narrativas pude perceber as dificuldades das pessoas daquela comunidade, envolvidas no processo de formação da creche, e ao mesmo tempo a garra, a perspicácia em prol da consolidação de um sonho, de uma necessidade real.

> *Até então agente num sabia da dificuldade que era montá uma creche, achava que era fácil, né? (Risos) Ai tá, vamo começá a pesquisá, ai o Rubens (na época esposo de Dona Neuza) foi na prefeitura, ai agente começô. Tinha que prepará inúmeros documentos, assim a associação pudia consegui montá essa creche. Conseguimos lá na prefeitura queles pagassem o aluguel e desse alguma coisa de comê, né? Mas agente tinha que montá a creche pra depois eles ajudarem.*[28]

Assim, o que se tem é que, mesmo diante de todas as dificuldades que se apresentavam naquele momento, para a formação de uma creche para o bairro Marta Helena, Dona Neuza, no vigor de sua juventude, juntamente com outros membros da associação e também alguns moradores do bairro, depararam com a necessidade de mobilizarem-se em prol da idéia de lutar por uma creche para o bairro, pois viam e vivenciavam as dificuldades dos moradores daquele local, cidadãos trabalhadores que muitas vezes viam-se privados de sua cidadania, de seus direitos à subsistência digna.

Frente a isso o senhor Rubens Rezende, que era presidente da Associação do bairro Marta Helena, procurou se inteirar das providências iniciais que caberiam a ele tomar, enquanto representante dos moradores daquela localidade. Para tanto, o senhor

---

[28] Neuza Maria de Freitas, entrevista realizada em 30/08/2005.

Rubens procurou a Prefeitura Municipal de Uberlândia, e constatou que, inicialmente a creche deveria existir para que, somente depois, a prefeitura provesse algum tipo de auxílio, no caso em forma de subvenção. Nessas condições, caberia à Associação do bairro, aos moradores, as mães e a quem mais se interessasse, prover os meios para que a creche fosse criada.

O bairro Marta Helena, na década de 1980, era constituído por moradores/trabalhadores, sendo em sua grande maioria assalariados (tal característica é permanente nos dias atuais), que lutavam diariamente pelo sustento de suas famílias, pelo suprimento de cada dia, passando por provações diversas, situações árduas e penosas na tentativa de proverem as garantias para que pudessem viver minimamente bem.

Nessa perspectiva, ao se observar a questão das crianças, filhos e filhas dos moradores do bairro Marta Helena, a situação torna-se mais exorbitante, pois elas eram regularmente expostas a situações de risco, ficando trancadas em casa sozinhas ou acompanhadas de irmãos mais velho, enquanto suas mães se ausentavam de casa para trabalharem. E é diante desta realidade, diante destas circunstâncias, das experiências vivenciadas por essas crianças que se pode apreender um pouco mais das condições de vida daquela comunidade, que sobrevivia com dificuldades, lutando por dignidade, pela conquista de seus direitos.

A partir das experiências destas pessoas pode-se indagar a concepção e percepção que se têm ao nos reportamos à questão da infância[29], podendo ampliar tal análise para o âmbito nacional, pois neste momento tem-se um fervoroso debate sobre o referido tema, que se direciona não apenas a questão do cuidar, mas também a educação para as crianças de 0 a 6 anos. Trazer um pouco deste momento, consequentemente, destes debates, embates e discussões é essencial para que se possa perceber as transformações pelas quais nossa sociedade lutava e as transformações que estariam por vir em termos de educação para a criança pequena.

Assim, é frente a essa disputa, esses embates que se davam em torno dos direitos das mulheres e também dos direitos das crianças à infância que se configuraram, mais

---

[29] Para melhor entendimento dessa questão torna-se essencial a abordagem presente no trabalho de ARIÉS, Philippe. "A História Social da Criança e da Família". Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, no qual este historiador francês promove uma análise da forma pela qual a criança e a infância são apreendidas pelas mais diversas sociedades, em alguns recortes de tempo, afirmando ser a concepção de infância determinada à partir do contexto histórico e social em que a criança vivencia.

intensamente na década de 1980, as lutas por instituições que buscassem garantir esses direitos. Essas lutas se consagram neste momento em decorrência do fortalecimento dos movimentos sociais em nossa sociedade. Ou seja, há uma maior efetivação dos movimentos de mulheres, movimentos feministas, movimentos de bairros que se organizam e se tornam mais evidentes, ganhando força nas lutas por direitos para a população e também por uma maior participação da mulher na sociedade. Esses movimentos contribuíram muito para a consolidação de diversas conquista para as mulheres, dentre elas a própria creche.

Neste contexto, diante das necessidades e organização da população do bairro Marta Helena em prol da creche, pode-se perceber a partir das memórias, das vivências com as quais tive contato que, inicialmente a creche se configura enquanto um espaço, no qual os filhos das mulheres pudessem permanecer enquanto estas mulheres se ausentavam para o trabalho. Assim, o princípio de direito atribuído à creche era inicialmente voltado para a questão da mulher, pois um dos critérios para a efetivação da matrícula da criança era a mãe ser trabalhadora. Nas narrativas colhidas pode-se perceber que há uma preocupação tanto com a situação da mulher/mãe quanto da própria criança, entretanto o princípio básico e elementar da creche era atender crianças cujas mães trabalhavam.

Conforme o relato de Dona Neuza, pode-se perceber bem esta idéia, ela nos traz a sua preocupação tanto com o bem estar das crianças, quanto com a difícil situação vivenciada por aquelas mães, sendo que uma acabava por ser a causadora da outra. Ou seja, as crianças muitas vezes se encontravam naquela condição de abandono, estando trancadas em casa, em decorrência da necessidade que essas mulheres/mães tinham em trabalhar.

> *Minha intenção era socorrê aquelas crianças que tava na dificuldade, entendeu? Minha preocupação era a creche funcioná, pras criança. Era socorrê as criança naquela hora que tava precisando, mais nada, num tava preocupada cum nada (...) Agente só queria facilitá a situação praquelas mãe que num tinha cum quem dexa.*[30]

A partir daí, Dona Neuza constrói conforme suas lembranças, a representação da realidade pela qual muitas crianças eram submetidas. Abandono, fome, carência afetiva, emocional, enfim, as mais diversas formas de violências.

---

[30] Neuza Maria de Freitas, entrevista realizada em 30/08/2005.

> *Essas criança daqui era criança que a mãe batia até machucá, espancava que chegava roxa na creche, eu tinha que chamá o pessoal da prefeitura pra vê, pra me orientá o quê que eu fazia. Era criança que a mãe pegava e saía pidindo esmola, falando que a criança tava passando fome e depois dexava a criança na casa do zoto, abandonada, e, e, e sumia. E, eram criança que pidia esmola, eram criança, nossa!, cheia de trauma, criança totalmente carente, carente de tudo, de tudo, num é de uma coisa e de outra, não, é carente de cumida, de ropa, de carinho, de uma família, de tudo. Criança que num tinha nada, nada, esse bairro melhorô demais daquela época pra cá, mais naquela época as criança desse bairro num tinha conforto, num tinha nada, num tinha nem família, nem o básico. Eu cheguei a i na casa desse pessoal, dessas criança e vê criança bebendo água em vaso [Dona Neuza se refere aqui ao vaso santário], eu vi, né ninguém que me falô, eu vi. Ropa? Eu pidí muita ropa pras criança lá da creche. Chegava criança, chegava lá, num tinha ropa pra vestí, a ropa quele chegava lá num tinha condição de cê dá baim nele. Pra começá, chegava na creche de manhã, uma das primeiras coisa pra fazê era dá baim nas criança que as criança num era acustumado a tomá baim. E era tipo assim, oitenta por cento das criança era assim, entendeu? Num era uma ou outra, não. Que as vezes assim, num lugar, uma ou outra, né. Não, lá não. Era oitenta por cento das criança era assim, mal tratada, judiada, criança duenti. Minina! Criança queimava de febre, cê ligava pra mãe; "não nu posso i não, tô trabaiano. Aí quê que adianta ocêis aí, cêis tem que se virá". – tá bom!*[31]

Através deste trecho da narrativa de Dona Neuza, produzido após ter sido indagada sobre as crianças do bairro: quem eram elas, como ela se recordava das crianças que foram atendidas pela creche. Foi um relato emocionado, trazendo características marcantes do cotidiano duro, ríspido e sofrido dessas crianças, que eram espoliadas de tudo, de condições mínimas para uma sobrevivência digna, de atenção, carinho, de comprometimento para que se desenvolvessem de forma saudável, tendo seu "mundo de fantasia e inocência" ameaçado de ser desfigurado diante da amargura a que se viam submetidas, impostas a presenciar e vivenciar, sem escolha, sem opção, sem muita perspectiva de um caminho diferente e melhor.

Acho importante salientar que, de acordo com a análise realizada deste trecho da narrativa, assim como de tantos outros, a proposta é apreender os relatos das entrevistadas considerando a subjetividade trazida no decorrer das narrativas, não me prendendo unicamente a descrição dos fatos, ao relato em si, mas sim percebendo a forma de expressarem-se, de demonstrarem os sentimentos que envolveram tais lembranças. Para tanto me respaldo no referencial teórico trazido por Alistar Thomson, no qual se afirma que:

> *Alguns praticantes da história oral, na ânsia de corrigir preconceitos e fabulações, deixaram de considerar as razões que levaram os indivíduos a*

[31] Neuza Maria de Freitas, entrevista realizada em 30/08/2005.

> *construir suas memórias de determinada maneira, e não perceberam como o processo de relembrar poderia ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual.*[32]

Dona Neuza, ainda no trecho da narrativa trazido acima, expõe um pouco das condições do bairro Marta Helena afirmando que o mesmo melhorou muito em relação a forma pela qual se organiza nos dias de hoje, que as carências da população eram imensuráveis, frisando mais uma vez a situação das crianças que não possuíam o mínimo de conforto, não tendo minimamente o básico que lhes pudessem garantir uma condição de vida salutar.

Concomitante a situação das crianças do bairro Marta Helena, como fora dito anteriormente, tem-se a questão das mães que lutavam por condições reais de igualdade, por poderem exercer juntamente com o papel de mães, seu papel social enquanto mulheres trabalhadoras. Assim, Dona Neuza relata em sua narrativa um episódio, desvendando o caráter real do cotidiano dessas mulheres e crianças da comunidade do bairro Marta Helena, que se deparavam com situações de alto risco em decorrência da indiferença a que eram submetidas por parte das políticas públicas. O fato que Dona Neuza descreve ocorreu com a senhora Maria Rosa, moradora do bairro, sendo que o mesmo fora culminante para a mobilização sobre a questão da creche.

> *(...) Os vizinhos chamaram a polícia pruma senhora, uma tal de Maria Rosa que ela trabalhava pra fora, era empregada doméstica, e os filhos, ela tinha eu não sei se era cinco ou se era sete filhos, e não tinha com quem dexá. Ai, ela dexava sozim as crianças e, chamaram a polícia, porque as crianças ficava fechada. Eles brigava, eles gritava, eles chorava, eles ficava sem cumida, e eles [os vizinhos] chamava a polícia. Ai, eu fui lá, era meu vizim, eu tinha mudado assim há poco tempo, não era há muito tempo praquele lugar, e eu fui lá. Quando eu cheguei lá eu achei muito triste, vê aquelas criança abandonada, a polícia, e a mulher tinha vindo do serviço e a polícia foi grossa, agressiva cum ela, e ela chorando: "e eu preciso trabalhá, preciso comprá cumida pras criança" e eu fiquei triste quaquilo...*[33]

Dona Neuza ao narrar a história, o acontecido com a senhora Maria Rosa, mediante suas lembranças, ela aponta tal episódio como sendo um fato representativo de

---

[32] THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. "Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais". In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. 67.

[33] Neuza Maria de Freitas, entrevista realizada em 30/08/2005.

uma situação comum às de outras mulheres trabalhadoras e moradoras do bairro. Assim, tal situação não era um fato isolado no dia-a-dia daquelas mulheres . Muitas se deparavam com a necessidade de trabalhar fora de suas casas, para auxiliar ou mesmo suprir as necessidades básicas de seus filhos, suas famílias, despendendo de um tempo anteriormente, em muitos casos, dedicado exclusivamente aos trabalhos domésticos, com os afazeres da casa, com o cuidado com a família. Mulheres, como a senhora Maria Rosa, que não possuíam escolha, precisavam trabalhar para sustentar seus filhos, e diante disso necessitavam "trancá-los" em casa, por não ter com quem, nem tão pouco onde deixá-los, enquanto se ausentavam para o trabalho.

O sentimento de indignação, neste trecho da narrativa de D. Neuza é marcante, sendo que ela afirma por meio deste que ficara triste com aquele fato, vendo as crianças naquela condição inapropriada, estando trancadas, sozinhas em casa, com fome, gritando, chorando, brigando entre si, sem a presença de um adulto, de um responsável. Mas ao mesmo tempo se mostra, em contraposição, solidária à mãe que trabalhava como doméstica para sustentar seus filhos, criando-os sozinha, sem nenhum auxílio. Como seria possível então, à senhora Maria Rosa prover o sustento de seus filhos e, concomitante a isso, zelar pela integridade daquelas crianças?

Como proteger seus filhos dos riscos, dos acidentes e dos perigos sejam eles domésticos ou da rua, sem estar presente, sem se ausentar do trabalho para isso? De certa forma, como conciliar a tarefa de prover o sustento de sua família, ser mulher/trabalhadora sem se eximir dos compromissos de ser mulher/mãe? Essas questões surgiram mediante o modo como os sujeitos, as mulheres, iam narrando sobre a necessidade de um lugar no qual se poderia deixar os filhos, possibilitando assim, o exercício de outras atividades, de trabalhar, de ser ao mesmo tempo mulher, mãe e trabalhadora.

Eis aqui o firmamento inicial do papel social da creche, que possibilitasse a mulher/mãe dar continuidade a seu papel social enquanto mulher/trabalhadora, não mais se anulando em um destes campos em prol do outro. Tal fato se faz necessário não apenas em decorrência de um desejo, um capricho das mulheres em se fazerem presentes no mercado do trabalho. Na maioria das vezes, principalmente quando se fala de famílias trabalhadoras, o fato da mulher conciliar a maternidade com o trabalho faz-se essencialmente enquanto necessidade, pois o sustento da família só se daria com a

renda proveniente do trabalho da mulher, ou ainda somente a partir desta, uma vez que muitas mulheres mantém sozinhas o orçamento familiar.

O que afirmo aqui é a necessidade de se perceber que, a vida familiar vivenciada por estas mulheres, em muito se difere daquele padrão cultural construído numa concepção capitalista/burguesa e romântica de 'família nuclear'[34] - composta por pai, mãe e filhos. Muitas mulheres entrevistadas eram mães solteiras ou divorciadas, e por isto eram responsáveis pelo compromisso de educar, cuidar, alimentar e vestir, sendo assim "as provedoras" de suas famílias. Com isso, pude perceber que as atribuições e obrigações destas mulheres não se limitavam aos compromissos com a casa e com a educação dos filhos, indo mais além, pois sem seu trabalho, sem sua remuneração não seria possível obter o suprimento básico para a sobrevivência.

Conforme se pode perceber a formação da creche para o bairro Marta Helena, era uma necessidade vigente e urgente para a população daquela localidade, que se concretizara mediante muita luta, exigindo a dedicação, o comprometimento de diversas pessoas: os moradores do bairro. Diante disso, Dona Neuza, no decorrer de sua narrativa destaca a efetiva participação da Associação de bairro, em nome da qual se articulou todo processo burocrático – reafirmando assim a sua participação e a do senhor Rubens Rezende – e também a participação de alguns membros de sua família: sua irmã Regina Beatriz Freitas e seu irmão Eurípedes José de Freitas, que unidos lutaram com maior tenacidade para que o bairro Marta Helena pudesse ter uma creche para atender os anseios da comunidade.

Frente a isso, vi ampliar-se as possibilidades de melhor conhecer aquele momento histórico, bem como conhecer outras pessoas que se fizeram agentes ativos nesse dado momento histórico, pois o contato com esses outros sujeitos dar-se-ia, frente a uma primeira aproximação, de forma mais fácil. Resolvi procurar a senhora Regina, no intuito de melhor estruturar este trabalho de pesquisa. O fato de, digamos, "selecionar" mais uma mulher para compor minhas fontes de trabalho não se dera de forma espontânea, pelo contrário, ao me deparar com o anseio, com a inquietação referente as vivências, as experiências das mulheres que participam, de uma forma ou

---

[34] A vida familiar, os papéis atribuído a cada membro da família no contexto familiar e social é discutido de forma esclarecedora em PERROT, Michelle. "História da Vida Privada. Da Revolução Francesa a Primeira Guerra Mundial". Vol. 4. São Paulo, Companhia das Letras. 1991, sendo este trabalho o suporte para que se possa entender melhor a estrutura familiar burguesa.

de outra, da creche hoje, me senti consumida pela euforia, pelo prazer em poder buscar no passado a história da creche a partir das experiências de outras mulheres, principalmente porque estas se fizeram agentes participantes, lutando efetivamente para a consolidação desse espaço no bairro Marta Helena.

Ao iniciar a entrevista com a senhora Regina Beatriz de Freitas percebi um certo receio, uma certa preocupação, por parte dela, em não poder me auxiliar, *"por não se lembrar de muita coisa"*. De fato inicialmente ela se demonstrou um pouco apreensiva, mas após falar sobre os acontecimentos, as lutas, a vontade de vencer os obstáculos, me pareceu mais à vontade. Dona Regina nascera na cidade de Uberlândia, em 20/12/1955. É moradora do bairro Martins, residindo em um apartamento com sua filha e seu genro. Sua filha é comerciante e Dona Regina a auxilia no pequeno comércio que ela possui no bairro Jardim Botânico.

Por volta dos anos de 1980, a senhora Regina exercia a função de cozinheira na creche, trabalhando lá desde o primeiro dia de funcionamento. E, é diante de suas experiências, das vivências que se construíram naquele espaço, que a creche se constituíra como sendo de grande importância para toda comunidade do bairro Marta Helena, mas sobremaneira para as mulheres que se fizeram ativas nessa luta, pois segundo a senhora Regina, tanto ela como sua irmã, Dona Neuza, passavam por um momento de grandes dificuldades, estando em processo de separação conjugal, necessitando assim, de um local seguro para deixarem seus filhos e mais que isso, encontraram na creche uma forma de prover o sustento de suas famílias, trabalhando na própria instituição. Diante disso, o que se tem é que a creche adquire uma nova dimensão na vida das entrevistadas, sendo também uma forma de trabalho, gerando emprego para estas mulheres.

> *(...) Eu e minha irmã, a gente, na época, todas duas separada. Uma das outra funcionária, duas funcionária também era sozinha, tinha filho pra criá, tinha que trabalhá e tinha que dá conta, né, de tudo, da responsabilidade. Aí foi onde que agente se juntô e feiz que, do nosso jeito tinha muitos, e nóis ainda tinha ajuda, que tinha família. Eu e minha irmã, o pai que dava mesada, que trabalhava, né, então agente era mais fácil, mais aquelas pessoas que precisava muito e como ele [refere-se ao senhor Rubens] era da associação, aí ele decidiu de ajudá agente a abri essa creche. Foi muito bom. Nossa, ajudô muita gente, mãe, né, que precisava.*[35]

---

[35] Regina Beatriz de Freitas, trecho da entrevista realizada em 22/09/2005.

Dessa forma, pode-se perceber as dificuldades enfrentadas por essas mulheres em criar, sustentar e educar seus filhos. Muitas dessas mulheres eram sozinhas, cabendo a elas todas as responsabilidades no que tange as questões familiares. O que se tem, diante das memórias, das lembranças socializadas por essas mulheres é o próprio sentido de ser mãe, que se faz presente na singularidade, na historicidade das experiências sociais e de classe que se estabelecem nas vivências destas mulheres. Assim, a creche acabou sendo muito importante na vida dessas mulheres, pois, especificamente no caso das entrevistadas e também de outras funcionárias, a creche representava mais do que um local seguro para a guarda de seus filhos, sendo também um meio de se inserirem no mercado de trabalho e assim, proverem o sustento de seus filhos, sem que se fizesse necessário distanciarem-se destes, conciliando, pois, o trabalho com o cuidar dos filhos de perto.

> *(...) As mães precisava trabalhá, num tinha, a situação era tudo difícil, nesse Marta Helena era tudo muito pobre na época, então todo mundo trabalhava. As mulhé que trabalhava lá, tinha criança e elas ficava lá também. inclusive os marido dexava [suas esposas] trabalhá porque tinha onde ficá as criança. Trabalhava junto, ficava junto.*[36]

Pode-se perceber no relato de Dona Neuza a necessidade real do trabalho dessas mulheres no contexto familiar, mesmo porque estamos nos referindo à famílias de trabalhadores, que sobreviviam da venda de sua força de trabalho, fazendo necessário, muitas vezes, a participação das mulheres, no que tange ao sustento de suas famílias, dependendo do trabalho destas para o suprimento das necessidades básicas à sobrevivência. Nestas circunstâncias, na forma pela qual se organizavam as vivências dos trabalhadores do bairro Marta Helena, a presença das mulheres no mercado de trabalho se fazia imprescindível, independente da forma pela qual se configurasse a estrutura familiar. O trabalho da mulher/mãe, tendo-se presente ou não a figura do pai, era essencial para que se desse a obtenção dos meios de subsistência.

As condições de vida dos moradores do bairro Marta Helena eram de constantes dificuldades e, segundo as narrativas produzidas pelas entrevistadas, marcadas pela pobreza, pela luta diária, pelo trabalho, por sacrifícios e privações, por esforços incessantes para que se desse a conquista de uma vida mais digna. *"Era tudo muito pobre na época, então todo mundo trabalhava"*. A luta se fazia necessária, sendo

[36] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

imperativa. O trabalho se fazia indispensável, sendo a forma mais nobre de se vencer as adversidades presentes no dia-a-dia. A solidariedade era marca presente naquela comunidade, sendo célebre em sua essência, fazendo-se imprescindível, pois além de sua ação afortunada, trazia consigo o carinho para com o próximo e, acima de tudo, mensagens de esperança que reafirmavam a todo momento: dias melhores virão.

Todavia, não poderia deixar de comentar a questão trazida por Dona Neuza, ainda neste trecho de sua narrativa, quando a mesma diz: *"inclusive os marido dexava [suas esposas] trabalhá porque tinha onde ficá as criança"*. Havia toda uma preocupação da família para com os cuidados e a educação das crianças, sendo papel da mãe, em uma estrutura familiar nuclear, zelar pela integridade dos filhos. O que Dona Neuza nos traz também aqui é que apesar de muitas famílias não estarem estruturadas diante da concepção nuclear de família, isso não quer dizer que a mesma não existia. A presença marcante e preponderante da figura do marido e pai, neste trecho da narrativa, é a expressão maior de que muitos dos valores vinculados a estrutura nuclear eram contínuos e constantes na vivência dessas mulheres e suas famílias. A família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, fazia-se presente, com forte tradição e imbuídas de valores ainda muito fortes e vinculados no cotidianos das pessoas. Assim, apesar de muitas vezes estas mulheres não possuírem uma família estruturada nos moldes nuclear, tradicional, muitas delas, em sua infância e adolescência, fizeram parte desse contexto familiar, trazendo, pois, para suas vivências muito desses valores, do modo de viver e pensar, enfim, dos costumes aos quais fizeram parte.

De acordo com as memórias de Dona Neuza, o fato ocorrido com a senhora Maria Rosa fora impulsionador para que se pensasse e se articulasse meios que promovessem a organização das pessoas que faziam parte daquela comunidade e vivenciavam aquela realidade. Diante disso é perceptível a necessidade daquelas pessoas em se organizarem politicamente, frente a tal problema. Necessidade esta que se apresenta com maior força mediante tal episódio, fazendo com que as mulheres, os membros desta comunidade, assumissem um enfrentamento que nasce como resultante da necessidade deste grupo de trabalhadores. Tem-se assim, neste contexto, frente aos enfrentamentos, uma preocupação voltada para a construção de lugares, espaços, que atendam as necessidades dos trabalhadores, sendo um deste espaços a creche. Para tanto, torna-se imprescindível a negociação com as instâncias de poder: com o prefeito,

seus secretários, assessores, enfim, sujeitos que se configuram enquanto representatividade do poder público.

O que se faz presente nos relatos dessas mulheres, são as necessidades que imprime uma dimensão simbólica ao passado, às experiências aqui lembradas e socializadas, de modo a trazê-las culturalmente. Com isso, elas apontam-nos os sentidos, o significado de terem que trabalhar, passando em decorrência dessa necessidade, grande parte do tempo longe de casa, fora das relações familiares, sendo frente a tal situação consideradas "culpadas" por seus filhos não terem os cuidados necessários, o alento materno, o direito à infância. (esse julgamento é percebido claramente, na forma como Dona Neuza nos retrata o fato que ocorrera com a senhora Maria Rosa, à partir do tratamento que os policias dispensam a ela). Nessa perspectiva faz-se, efetivamente, a necessidade da construção/criação de um espaço, um local seguro, que pudesse resguardar os filhos das mulheres/mães que trabalhavam, enquanto estas se ausentassem.

Frente a isso, em uma das reuniões da Associação do bairro, os moradores instigados com o acontecimento relatado anteriormente, acharam por bem articularem-se efetivamente em prol da formação de uma creche. Segundo Dona Neuza, o primeiro passo foi então alugar uma casa adequada para a instalação da creche, cujo aluguel seria inicialmente custeado pela própria comunidade, pois consistia como pré-requisito o fato da creche já existir para que, posteriormente, fosse concedida a subvenção por parte da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Percebe-se aqui a importância daquela comunidade no trabalho que se empreendeu em relação à creche, a autogestão que se fez essencial para que essa necessidade dos moradores, das mulheres/mães trabalhadoras fosse efetivamente consolidada. Para que a creche pudesse ser, a partir daí, organizada e estruturada, atendendo, pois, essa necessidade sociocultural que se fazia vigente.

> *(...) Agente tinha que montá a creche pra depois eles ajudarem. Tinha que alugá a casa pra eles depois pagá o aluguel e tinha que pagá o primeiro aluguel. Ai, agente conseguiu, reunimos, dividimos o aluguel com todos, pagamu o primeiro aluguel.*[37]

Quando Dona Neuza diz: *"reunimos, dividimos o aluguel com todos"*, ela afirma a participação ativa da comunidade do bairro. Participação essa, que fora essencial para

---

[37] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

a formação da creche. Ou seja, uma comunidade formada por trabalhadores, que conquistavam o pão de cada dia a partir do suor do seu corpo, que obtinham, com certas dificuldades, os suprimentos básicos para sobreviverem, pessoas que dedicavam horas de seus dias, para prover o sustento de suas famílias e que, apesar de não terem muito, doavam o que podiam, doavam mantimentos, objetos, utensílios domésticos, doavam-se, doando seu tempo já tão escasso, tudo em prol de uma causa comum, de um bem maior para a comunidade. Tal fato é perceptível em vários outros pontos de sua narrativa:

> *(...) E começamos a pidí panela, pidí de tudo na rua, aqui no bairro pra todo mundo. Até então, era a associação que tava ajudando e alguns amigos. Tinha alguns parentes meu, tinha algumas mulheres que precisavam pô as criança na creche, que agente chamava pra reunião da associação, e elas se propuseram em ajudar. Então ganhô uma panela aqui, uma panela ali, um deu cinco quilo de arroz, outro deu fejão, um imprestô, inclusive a panela de pressão era da minha casa eu levava e trazia todo dia (risos), era uma luta (...) começô a creche, a história do início da creche foi isso aí. E muitas pessoa no bairro ajudô, muitas, num sei nem dizê quantas, foi várias pessoas, uma deu uma panela, uma imprestô ota, uma deu um poco de arroz, uma deu um poco de fejão, então muita gente ajudô, sabe? Teve muita ajuda da comunidade. E depois então, posteriormente veio ajuda da prefeitura(...) Num tinha cumida, num tinha panela, num tinha garfo, num tinha nada, nada, infelizmente. A casa num ofiricia condição ninhuma e nós num tínhamos nada, agente começô do nada, pidindo um fugão imprestado, uma coisa aqui otra ali.* [38]

É imprescindível que se promova uma análise acerca da questão acima exposta, na qual pode-se perceber a ação efetiva, por parte da comunidade, na tentativa de elucidar um problema vigente, que afligia grande parte de moradores do bairro Marta Helena. As práticas de solidariedade se fazem presentes no decorrer de toda a narrativa de Dona Neuza. Ela deixa claro que sem a ajuda dos moradores do bairro, a formação da creche não seria possível, pois não se tinha nada e tudo que se conquistou foi a partir da boa vontade e a solidariedade das pessoas que se mobilizaram em prol desta causa. Doavam pouco, doavam o que tinham, mas com a ajuda de todos, com a mobilização em conjunto, o sonho da creche se fez possível.

Segundo Dona Neuza *"tinha os que podia um poquim mais"*, que tinham uma condição financeira um pouco mais favorável, sendo mais efetiva a participação destes. Eram também trabalhadores que batalhavam diariamente seu sustento e que possuíam um pouco mais de conforto, tendo uma situação financeira um pouco melhor que os

[38] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

demais, mas nem por isso se abstinham em ajudar. Era o caso do dono do açougue do bairro, o senhor Miguelim, que ajudava como podia, fazendo doações semanais de carne para a creche.

> *O Miguelim ajudava toda semana, duas vezes por semana. Era dois quilo de carne, na Terça e na Sexta, que era o dia quele, acho que era o dia quele matava vaca, parece. Ele dava dois quilo de carne. Aí pudia vim buscá toda Terça, toda Sexta pudia vim buscá, era constante.*[39]

As filhas do Miguelim também freqüentavam a creche. Eram crianças que não tinha uma presença materna, pois sua mãe falecera em decorrência de problemas de saúde, agravados pelo uso de bebidas alcóolicas. Eram crianças que não tinham os mesmos problemas das demais, tinham uma casa, comida, roupas, mas segundo Dona Neuza não possuíam o afeto materno, o cuidado proveniente da mãe.

> *(...) Era o pai que criava e num tinha, sabe? Lembro que comentava sempre que as minina que mais tinha condição financera era as do Miguelim, o rapaiz do açogue que dava carne pra nóis, que a mãe bibia demais e morreu, e elas ficô trêis minina com o pai. E num tinha quem cuidava nem nada e a mais nova passô a mão na serra e cortô os quatro dedim. Cortô, rancô fora, "thup!", passô na serra e cortô fora. Até hoje ela tem os quatro dedo fora, a menorzinha. Ela tava cuns quatro anim mais o menos. E aí, ele reclamava que num tinha jeito de trabaiá, ele levantava quatro hora da manhã pra trabalhá, dexava as minina sozinha e o dia intero as minina andando atrais dele. Ele pois duas, as duas menor na creche. Era as que tinha condição financera melhor, mais num tinha emocional, num tinha quem cuidasse nem nada. Num tinha referência materna. Aí a mais nova quando sarô os dedim, ela foi pra lá. Mais ela foi mais por problema emocional. Ela foi, ele foi visitá as criança e levô ela, porque ele ajudava sempre, né, e ela quis ficá lá cumigo, e ela ficó e ela gostô das criança, sintia carência, né, carência de mãe, carência de tudo, né.*[40]

Interessante salientar nesse depoimento que o senhor Miguelim, dono do açougue, apesar de ser uma das pessoas consideradas por Dona Neuza, com melhor condição financeira, levantava todos os dias as quatro horas da manhã para trabalhar, não tendo, pois, uma vida de regalias, trabalhando duro para ter, digamos, uma condição melhor. Cuidava sozinho de suas filhas, que andavam atrás dele o dia todo, não pagando, aparentemente, uma pessoa para cuidar delas, cabendo a ele tal responsabilidade.

---

[39] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.
[40] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

Outra ajuda de grande valia, segundo Dona Neuza, foi da senhora Maria que trabalhava na escola Hortêncio Diniz, única escola do bairro na época, que conseguiu algumas doações que ajudaram muito a creche. Teve ainda a ajuda de um senhor, cujo nome ela não se recorda, que trabalhava no Hotel Presidente e doou durante um tempo quitandas para a creche.

> *A Dona Maria que fez doação de tapetes para a creche, as criança dormia neles, agente num tinha cochão, ela ganhô uns tapete velho dumas mulher rica lá de baxo, quela arrumô doação e deu, ela trabalhava no colégio Hortêncio Diniz, ela era num sei o quê ali. E ela ando ajudando agente, até que algumas vezes ela ajudô bastante. Agente punha o tapete depois do almoço pras crianças durmí, num tinha nem jeito docê passa nu salão da casa lá. Tinha uma outra tambem, tinha um senhor aqui no bairro que trabalhava no Hotel Presidente, então lá era assim: as quitanda que consumia hoje tudo bem, as que não consumia hoje, amanhã não pudia consumí no hotel, aí ela trazia pra nós, e aquelas quitanda fresquinha. Aquelas crianças que tava acustumada a cumê arroiz de oito dia, né, eu falava assim ah, vô dá essas quitanda pra elas, até nós cumia delas, levava pra casa, num tinha nada, essas quitanda era boa. E, ela levava todo dia, minina, uma bacia de quitanda, quelas quitanda boa. Ele era gerente lá no hotel. Isso ajudô muito agente no começo.*[41]

A participação efetiva desses sujeitos, como de vários outros que doaram o que podiam, o que possuíam, fizeram-se essenciais para que a formação e o funcionamento da creche se configurasse como realidade. A luta pela sobrevivência dessas pessoas não se dava apenas a nível individual, tinha-se um senso de solidariedade, de preocupação com o outro, com o vizinho que se encontrava numa situação menos favorecida que os demais. Estar bem consistia em fazer o bem, em viver o bem comum. Dona Neuza nos dá provas a todo momento desse sentimento vivaz de solidariedade, presente em suas análises e suas ações.

> *Inclusive eu ia, muitas e muitas vezes, eu ia com a minha própria gasolina na mobilete, eu tinha uma mobilete eu ia pro distrito industrial buscá coisas que agente tinha ganhado, vinha no açougue buscá carne que o açougue do Miguelim, ele dava carne pra gente duas vezes por semana. Então, eu fazia até por conta própria. Ia na prefeitura, eu ia na prefeitura quase todo dia pidí uma coisa, pidí outra, porque num tinha condição. Então eu ficava conseguindo as coisas assim picadim, divagar, divagarzinho pra consegui levar a creche adiante que o objetivo era não fechá de maneira alguma, né? Muitas vezes eu saía da creche e saía de casa em casa no pessoal da associação pidindo as coisas. O que eu num tinha em casa, muitas vezes eu comprei no supermercado Daniela, no meu nome pra creche.* [42]

.....

[41] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.
[42] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

> *Eu pidia ajuda também, eu pidia ajuda pra ajudá, pra limpá a casa, pra fazê cumida, eu saía pidindo assim pras colega na rua, eu via mocinha assim: "bem, vamô lá limpá o chão lá pra mim, vamô fazê isso, vamô fazê aquilo."(risos) Tinha umas mãe que ajudava. Chegava de tarde pra pegá as criança, lavava loça, lavava banhero, sabe, ajudava, tinha muitas que ajudava, porque tinha umas que nem a ropa do fi num levava, dexava lá aquelas ropa suja, agente que tinha que lavá. Elas fazia muito isso. E as mulhé ficava até sete hora da noite lavando chão, lavando loça, pra dexa tudo arrumadim pra manhã de manhã, né? Porque senão num tinha jeito no outro dia. Aí as veiz algumas ajudava em alguma coisa. Fazia algum serviço. Mas era poca, a ajuda delas era poca, mais era correria dagente mesmo. Agente era muito disposta naquela época. Eu acho, hoje eu paro pra lembrá eu era muito animada. Num tinha nada dificil, não tinha. O que dizia da creche num tinha nada difícil pra mim, se falasse cê tem que i lá na prefeitura agora brigá com todo mundo, mas cê tem que consiguí isso, eu ia, ichi, e chegava lá eu falava cum todo mundo, até com o Zaire [prefeito da cidade de Uberlândia no período da formação da creche do bairro Marta Helena]. Eu fui falá muitas vezes, entrava na sala dele assim, oh, direto, brigando cum ele (risos). "Eu priciso disso, cê qué queu faço o quê, dexe os minino passando fome? Não tem jeito." Eu era muito corajosa, muito, muito, muito.*[43]

Dona Neuza se faz protagonista em suas narrativas, pondo-se como sujeito ativo, participante das dificuldades, dos entraves existentes para a consolidação da creche. Tem-se aqui, imbricado no depoimento de Dona Neuza, o sentimento de pertencimento, sendo que ela se vê enquanto parte daquele espaço, da mesma forma que este espaço se faz marcante em suas experiências.

Assim, em seus enredos, ela se coloca como peça importante para que se desse o processo de formação da creche, pois segundo ela algumas pessoas tem que se dedicar, trabalhar com afinco para conseguir conquistar aquilo que é de interesse de todos, aquilo que promoverá o bem comum: *"Oh, mais tem que tê duas, trêis pessoas que firme, viu? Porque senão morre mesmo. A creche lá se nóis num tivesse pegado firme, num sei não"*. E diante de sua força, sua garra tem-se também, mesmo que discreta e modesta, a participação de algumas mães, que quando solicitadas ajudavam, fazendo com que as tarefas do dia-a-dia fossem realizadas, sendo possível assim, iniciar um novo dia de obrigações, cumprindo-se os compromissos para como as crianças.

Frente ao sentimento de solidariedade e às ações empreendidas pelos moradores do bairro Marta Helena, algumas questões pairam no ar: existiam políticas públicas voltadas para os anseios e problemas daquela comunidade? As ações empreendidas pelos moradores daquele bairro se fizeram necessárias em decorrência da ausência de

[43] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

políticas e do exercício do próprio do poder público? A ausência, o descompromisso do poder público, para com esta dada parcela da população uberlandense, teria sido o fato crucial para que houvesse uma organização, uma ampla mobilização diante de um problema tão grave? Como fora dito anteriormente, era estabelecido como pré-requisito a formação da creche, para que somente a posteriori, houvesse o auxílio da Prefeitura Municipal de Uberlândia, em forma de subvenção. Será que tal fato viria mostra a tentativa do Estado abster-se da responsabilidade da creche em si? Estas são questões essenciais para se estar refletindo, pois mesmo diante do auxílio provido pela prefeitura, inicialmente era imputado a ela apenas o apoio financeiro e técnico[44], sendo da própria comunidade a responsabilidade frente a creche.

Instigada com estas questões busquei investigar e entender alguns pontos concretos acerca da formação e estruturação da creche no bairro Marta Helena. Para tanto, a senhora Regina muito me auxiliou, esclarecendo alguns pontos referentes a localização exata da casa alugada à Rua Quilombo dos Palmares n.° 145, onde a creche fora inicialmente instalada. A casa não tinha instalações adequadas para o atendimento a criança pequena, era uma casa comum, que não recebera nenhuma adaptação especial para o atendimento às crianças.

> *Era uma casa bem velha assim, bem grande os cômodos, não lembro mais quantos cômodos, mas era grande. E, quem achô a casa até fui eu, ia passano na rua e vi que tava pra alugá. Aí falei pro meu cunhado, que é o ex-marido da Neuza, ele era presidente da associação, aí ele tava lutano pra cumeçá essa creche. E alugamo essa creche, essa casa, não sei, não lembro o valor do aluguel, não me lembro.*[45]

E diante de muitas lutas, a creche do bairro Marta Helena teve sua fundação no ano de 1986[46], iniciando assim, suas atividades junto a comunidade no que tange o atendimento de crianças com até 6 anos. A creche tornara-se uma realidade, recebendo o nome de "Creche Comunitária São Cosme e São Damião".

---

[44] Sendo proposto inicialmente pela prefeitura o custeio do aluguel, alimentação, salário das funcionárias da creche e apoio técnico referente ao apoio psico-pedagógico, conforme o documento Retrospectiva Histórica de Creches – Aspectos Teóricos e Legais (maio/1998) colhido na Prefeitura Municipal de Uberlândia/Secretaria do Desenvolvimento e da Ação Social, em junho de 2003.

[45] Regina Beatriz de Freitas, trecho da entrevista realizada em 22/09/2005.

[46] Segundo documento: Retrospectiva Histórica de Creches – Aspectos Teóricos e Legais (maio/1998) colhido na Prefeitura Municipal de Uberlândia/Secretaria do Desenvolvimento e da Ação Social, em junho de 2003.

No que se refere a peculiaridade da nomenclatura, a senhora Neuza me relatou que sua família teve uma educação pautada nos princípios católicos, sendo que sua mãe sempre lhes ensinara a devoção à São Cosme e São Damião, santos da religião católica: os quais são tidos como protetores das crianças. Assim na reunião da associação de bairro, que tinha por bem definir o nome para a creche, foi sugerido que a mesma recebesse o nome de tais santos, por se tratar de uma instituição que teria como foco a criança. Em decorrência da aceitabilidade o nome da creche do bairro Marta Helena ficara definido então como "Creche Comunitária São Cosme e São Damião".

Pode-se aqui perceber a forte presença de traços religiosos, mais precisamente católicos, nas vivências dessa comunidade, que elegem como nome para a creche a figura de dois santos católicos, atribuídos enquanto sendo protetores de crianças. Outra marca da religiosidade é referente ao fato de uma promessa, na qual Dona Neuza afirma que nunca se "rejeitaria" o atendimento a gêmeos na creche. *"E nós tinha feito uma promessa de não injeitá gemêos. Nunca. Toda veiz que chegasse, se chegasse deiz criança, mais os gemêos tinha que ficá, os outro pudia dexá, mais os gemêos tinha que ficá".*

Essa promessa pode ser vinculada ao próprio nome da creche, São Cosme e São Damião – dois irmãos gêmeos de origem árabe, que exerciam a medicina, e segundo as tradições católicas, salvavam vidas e pregavam a fé católica – santos protetores das crianças, segundo crença popular[47] . De certa forma, tal promessa pode ser atribuída a sua crença pessoal de que se rejeitassem o amparo a irmãos gêmeos estariam promovendo a recusa da proteção divina dessas santidades.

O que se tem então, é um pouco das práticas que eram construídas por essas mulheres e pelos próprios moradores do bairro Marta Helena, à partir do que é rememorado pelas entrevistadas. É o modo pelo qual essas práticas são lembradas e explicadas, sendo que todas essas práticas, essas ações, os sentimentos envolvidos, a religiosidade, constituem-se na cultura daquelas mulheres, daqueles moradores, ou seja, da própria comunidade. Nos depoimentos aqui trazidos, na forma pela qual essas mulheres se expressam à partir das narrativas produzidas, é perceptível os valores, as normas sociais, as normas firmadas no convívio da própria comunidade, que se

[47] Tais informações foram pesquisadas nos sites: www.comamor.com.br/cosme_damiao.htm e www.jangadabrasil.com.br/setembro/ba109000.htm. Acesso em 11 de março de 2006.

(re)organizam de acordo com as memórias, as lembranças, na forma pela qual elas articulam o passado e o presente, relacionando-os.

Mediante as vivências dessas mulheres, das crianças, dos trabalhadores, enfim, dos moradores do bairro Marta Helena, somada a luta para efetivação da creche, a primeira vitória se deu quando essas mulheres viram-se dentro da casa (alugada para ser a sede da creche), atendendo as primeiras crianças, que inicialmente não era um número expressivo, mas que só fez aumentar ao longo do tempo.

> *E, a nossa preocupação era de num tê criança. Ai agente começô parece que era doze criança ou era dezoito, uma coisa assim. Foi, começô poca criança. Eu não lembro direitim. Quando agente viu aquele tanto de criança é que nóis apavoramu, né? Teve época que divia tê, era pra sê acho que era cinquenta criança e agente tava cumas oitenta.*[48]

Assim, pode-se observar que, as lutas travadas por essas mulheres que estavam à frente da creche, trabalhando para que se desse o atendimento às crianças, eram diárias. E diante das memórias destas mulheres, da vivências socializadas por elas, tem-se imbricado em suas lembranças, a forma pela qual se dava a organização da creche, diante da autogestão empreendida por esta mulheres.

Assim, no relato das práticas do dia-a-dia na creche, é visível a preocupação destas mulheres com as crianças, sendo parte das suas responsabilidades cotidianas. Preocupavam-se com a alimentação, com o banho, com a higiene pessoal e do próprio ambiente, dando total atenção àquelas crianças que, na maioria dos casos, eram desprovidas de carinho, afeto, atenção, compreensão, dedicação, além do básico para sobrevivência digna: alimentação adequada, roupa limpa, assistência médica, dentre outras. Eram crianças que viviam em situações de carência, de pobreza, de negligência, sendo expostas a uma realidade dura e cruel. Muitas eram abandonadas à sorte, vivendo jogadas pelas ruas, sobrevivendo como fosse possível, catando lixo, mendigando, esmolando. Outras tinham casa, tinham família, mas não possuíam atenção, cuidados, carinho, ou seja, em ambos os casos, não possuíam os instrumentos essenciais para uma infância digna e feliz, independente da classe social a que se pertença.

> *Minha intenção era socorrê aquelas crianças que tava na dificuldade, entendeu? Minha preocupação era a creche funcioná, pras criança. Era socorrê as criança naquela hora que tava precisando, mais nada, num tava preocupada cum nada (...) Agente só queria facilitá a situação praquelas mãe*

[48] Regina Beatriz de Freitas, trecho da entrevista realizada em 22/09/2005.

> *que num tinha cum quem dexa. Aquelas crianças tava passando fome, cumendo sujera na rua, cumendo lixo. Esses minino que agente eh, ficó preocupada [refere-se aos filhos da Maria Rosa], és catava lixo, cumia lixo na rua, então agente quiria acabá quaquela situação. Muitas criança que foi pra creche era da favela, tinha favela nos trilho de ferro aqui, óh [apontando para o fim da rua na qual mora]. Então, muita criança que foi pra creche era da favela e aí passava fome mesmo, de não tê nada, então a intenção era essa.* [49]

Aqui Dona Neuza traz-nos as dificuldades vivenciadas pela população do bairro e, principalmente, pelas crianças, mostrando-nos os desafios aos quais ela e outras pessoas se propuseram a enfrentar, chamando para si a responsabilidade de fazer diferente, de fazer melhor, de promover meios para que aquela condição subumana fosse ao menos amenizada. Ao mesmo tempo, ela se mostra preocupada com as condições das mães que se encontravam diante do conflito de necessitarem trabalhar e não terem com que deixar seus filhos. Ou seja, era em razão das necessidades que se faziam presentes na vida das várias famílias, moradoras do bairro Marta Helena, que se promove a mobilização, visando auxiliar o próximo que se encontra em dificuldades, estando, pois, tais ações imbuídas do sentimento de solidariedade.

É diante das condições que se apresentavam no cotidiano destas crianças, que Dona Neuza expõe, de acordo com suas lembranças, a necessidade, a motivação para que ela lutasse. Era com o intuito de retirar as crianças daquela condição miserável, de extrema pobreza, que ela diz se articular. Era em prol de melhorias, para que o atendimento a estas crianças se desse com qualidade, que ela afirma a necessidade de se organizar, pedindo ajuda, correndo atrás, pois muitas vezes as refeições servidas na creche seriam as únicas refeições de muitas crianças, os banhos tomados ali, provavelmente seria os únicos. Assim, a luta dessas mulheres não se dera unicamente pela formação da creche, mas contudo, e sobretudo, para sua manutenção, para a continuidade do trabalho em atender as crianças e a comunidade.

Ainda nesta parte de seu depoimento, ela nos traz um pouco mais da vivência no bairro Marta Helena, apresentando-nos a favela que existira ali, próximo aos trilhos da ferrovia Mogiana (hoje, CASEMG). Era uma vivência difícil, de muita pobreza, mas tanto ela como os outros vizinhos faziam o que podiam para amenizar as amarguras daquela vida árdua, do sofrimento daqueles moradores. Conforme pode-se ver, neste outro trecho da narrativa, Dona Neuza traz as dificuldades dos moradores daquela área

[49] Neuza Maria de Freitas. trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

do bairro, reafirmando a solidariedade presente nas ações que visavam a ajuda àquelas pessoas.

> *(...) Nós pegamos as crianças ali da favela duma mulher, uma veiz porque o homi e a mulher era duenti. Ele deu um tumor na cabeça e ela era diabética e tinha crise de pilepsia. Então ninhum dos dois num trabalhava, num tinha condição e num tinha rendimento de lugar ninhum e tinha quatro criança, entendeu? E de início num tinha vaga praquelas criança na creche, então eu levava a cumida pra eles. "Ai, num pode, ai num pode, tá disviando a cumida da creche, tá robanu". Eu falava: "pode falá queu robo, pode falá que sô ladrona, tem problema não, queu vô levá." (risos) Eu falava pra todo mundo: "eu vô levá". "Ah, num pode". "Eu vô levá". "Eh, Neuza mais num pode, é robu". "Mais eu vô levá". Eu falava: "ah, quê que eles pode fazê cumigo? Ês pode fazê o que eles quisê, mais eu vô levá cumida presse casal , né"? Era só presse casal queu levava e pros minino deles. Ah, eu levava brinquedo também pros minino assim: giz, um lápis de cor, um papel, um deseim eu levava pras crianças, as veiz antes, porque num tinha vaga na creche, pra pô as criança dela, eu num pudia dexá as criança cum fome, nem pudia, e eles já era grandim, era minino de quatro, cinco ano, eu num ia dexa, aí eu trazia papel preles desenhá, uma coisinha e dava pra eles. Depois queles entrarum na creche. Até eles entrá na creche, até tê vaga preles entra na creche, porque quando saiu umas crianças aí eu coloquei eles.* [50]

Conforme pode-se perceber, a situação dos moradores, especificamente desta família que Dona Neuza traz em seu relato, era de muita pobreza e miséria. Claro que, diante de toda sua narrativa, este apresentou-se como um caso extremo. Entretanto, não poderia deixar de me reportar a ele, mesmo porque se trata de uma experiência que, por mais que não retratasse a condição da maioria de moradores do bairro, era um situação presenciada por todos, fazendo parte do convívio direto daquelas pessoas que, buscavam como podiam, amenizar as adversidades vivenciadas por aquele casal e seus filhos. Esta demonstrou ser a intenção de Dona Neuza, que mesmo ciente das implicações e conseqüências, levava comida para aquela família, pois conhecia suas reais condições de vida, presenciava suas dificuldades: pais doentes, sem terem condições de proverem o sustento de seus filhos, de sua família e, como ela mesma afirmara *"eu num pudia dexá as criança cum fome"*.

Nessa perspectiva, o que se pode perceber é que mais que uma prestação de serviço à comunidade, a creche configurava-se como uma possibilidade de se criar alternativas para que os moradores daquele bairro pudessem viver melhor, de forma

---

[50] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

mais digna, sendo este um dos sentidos da creche, apreendido nas narrativas tanto de Dona Neuza quanto da senhora Regina.

Um outro sentido atribuído à creche, também perceptível nas narrativas das entrevistadas, refere-se as adversidades e lutas enfrentadas pelas mulheres que trabalhavam naquele local, no que tange principalmente as dificuldades e problemáticas referente à questão salarial e às condições de trabalho. Vejam:

> *E nós éramos, no começo agente era quatro funcionárias e a prefeitura dava trêis salários, aí depois agente passô pra cinco funcionárias pra trêis salários. Aí a coisa foi ficano cada dia mais difícil. né?*[51]
>
> .....
>
> *Eu cuzinhava, minha irmã cuidava no geral, tinha as menina (duas funcionárias) que cuidava das crianças, a otra que fazia limpeza. Aí ficamo em cinco. Aí dividimo o salário pra nós cinco e nós topamo porque não tinha imprego, tinha que ficá. Só que eu num me lembro o tempo que agente ficô, né, quantos anos. Não faço nem idéia de quanto tempo agente ficô lá (...) Quando agente trabalhô num tinha cartera, não [refere-se aqui à carteira de trabalho]. Trabalhô mesmo só pra (pausa), ajudá, né? Trabalho de voluntário, bem dizê assim, né, tinha aquela ajuda queles davam que agente dividia, né, pra tentá, que também agente tinha responsabilidade, né, tinha que dá conta. Mas também os filho tava junto, num preocupava muito não, né? Tava cumeno ali, tudo junto, então tá bom. E era muito difícil imprego naquela época, és reclama muito de imprego hoje, mas naquela época era bem difícil, nossa! Uberlândia ainda era muito atrasadim, né? Cê vê, hoje tem esse tanto de creche, naquela época sabe quantas creche tinha? Eu nem num me lembro quantas, mas era pocas. Deve tê mutipricado agora, mutipricado, num sei, tem bastante.*[52]

Na narrativa de ambas as mulheres, o que se tem é um pouco das vivências no âmbito da creche, na forma como trabalhavam, como se dava a divisão do trabalho no dia-a-dia da creche, a função atribuída a cada uma, suas responsabilidades e a forma pela qual eram remuneradas diante do trabalho realizado. Remuneração esta, que se dava mediante a divisão do montante subvencionado e pré-destinado pela prefeitura para o pagamento das mulheres que trabalhavam na creche. De acordo com as narrativas, era uma situação difícil, em que cinco funcionárias dividiam o equivalente a três salários (pelo que pude perceber, com respaldo em outros trechos da narrativa, Dona Neuza refere-se aqui ao salário mínimo, sendo, pois, o montante dividido, referente a três salários mínimos), não possuíam registro na carteira de trabalho, sendo

[51] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.
[52] Regina Beatriz de Freitas, trecho da entrevista realizada em 22/09/2005.

considerado por Regina um trabalho voluntário, visando, pois, ajudar as mães e crianças da comunidade que se encontravam em dificuldade.

Dona Regina nos traz ainda que, apesar desses problemas, desses entraves, o trabalho na creche tinha suas vantagens, pois seus filhos permaneciam ali, junto a ela, sendo cuidados e alimentados, não se fazendo necessário que ela se ausentasse do convívio dos filhos para trabalhar. Isto para ela era uma das vantagens de se estar trabalhando na creche. Outra questão trazida por ela, ainda neste trecho, é que a oferta de empregos, já naquela época, era bastante escassa, sendo difícil inserir-se no mercado de trabalho. Frente a isso, ela nos traz a forma pela qual apreendia a cidade de Uberlândia, em meados da década de 1980, sendo apresentada como *"ainda muito atrasadim"*, referindo-se principalmente a oferta de emprego e a questão das creches que, na época, consistiam ainda em um número bastante reduzido.

O trabalho, as vivências e experiências na creche, a forma pela qual se fazia a organização, a divisão deste trabalho no cotidiano da creche, como era regida e direcionada, por elas próprias, as tarefas diárias, as responsabilidades com os afazeres e ainda a carga horária de trabalho e a questão salarial podem ser percebidos em alguns outros pontos das narrativas de ambas entrevistadas:

> *(...) Na época eu era a coordenadora, inclusive eu entrei na creche sem salário, eu trabalhava não tinha salário. Ai, depois é que eu vendo a necessidade, que precisava tê alguém pá tá coordenando aquilo ali e aí é queu, e eu precisava arrumá emprego, eu precisava ganhá um poquim, que meu marido tinha acabado de saí de casa, aí foi que eu fui pra lá, trabalhá lá, entendeu? Mas de início eu comecei, eu num trabalhava lá, eu num era funcionária. Eu só ia e dava um auxílio e saía e fazia assim, saía pidindo as coisas, buscando.*[53]
>
> .....
>
> *Eu abria era seis hora da manhã, seis e poca, fechava oito hora da noite, porque as mãe chegava tarde, porque de primero não tinha umas lei assim, mãe que trabalhava de doméstica as veiz as patroa quiria que ficasse até seis hora nos empregos, aí eu tinha dó, eu ficava sozinha ali cuidando, porque as mininas ia embora (...) Agente trabalhô bastante. Durante o tempo queu trabalhei na creche velha, eu trabalhei muito, muito. Meu horário era puxado. Ia muito cedo e saía bem tarde mesmo pra dá conta mesmo do recado (...) Tinha uma mãe que dexava a criança seis hora da manhã, então eu chegava mais cedo e saía mais tarde, mas o horário de fechá era seis hora. Das sete e meia as seis horas, as seis horas agente fechava. Só que muitas mãe dexava passá do horário, lá não cumpria, as mãe não cumpria, queu acho que num tinha condições, porque naquela época nem ônibus direito assim, tinha sabe? Hoje, não, de quinze em quinze minuto tem ônibus, naquela época, não, e a maioria trabalhava no centro, trabalhava em firma, então num tinha como elas chegá e eu tinha dó,*

[53] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

> *ficava esperando, as vezes nem comentava. As vezes, tinha uma lá que chegava tão tarde. nossa, nem comentava, sabe? Aí as minina já tinha ido imbora, né, e eu guentava, porque ficava cum dó, né, porque num tinha como elas chegá antes, elas explicava que não tinha jeito mesmo. Aí, ficava quas criança delas.*[54]

Neste relato, Dona Neuza faz questão de trazer o fato de que inicialmente ela não participara do quadro de funcionárias da creche, dando apenas o apoio necessário para que as coisas se dessem de forma harmônica e efetiva. Após perceber a necessidade de uma pessoa que coordenasse o trabalho na creche e, mediante também as suas necessidades pessoais de procurar um emprego para prover o sustento de seus filhos, ela torna-se parte do quadro de funcionárias da creche, exercendo a função de coordenadora.

No intuito de perceber também as experiências de Dona Regina, ela nos afirma que durante o tempo que permaneceu na creche trabalhou muito, exercendo para além de sua função de cozinheira, o papel também de "Tomadeira de Conta"[55], ficando na creche para além do seu horário de trabalho, até tarde da noite á espera daquelas mães que se atrasavam, que não tinham condições de buscarem seus filhos no horário estabelecido pela creche. Ela ainda nos traz as dificuldades das mães que trabalhavam no centro da cidade, necessitando, pois, de condução para o transporte, ficando a mercê dos horários do ônibus, que demoravam a passar, fazendo com que elas se atrasassem para buscar seus filhos na creche. Assim, no intuito de ajudar, de adequar o atendimento da creche as necessidades das mães, Dona Regina, mesmo que contradizendo seu horário de trabalho, chegava antes do início das atividades e se necessário fosse, permanecia na creche até mais tarde esperando as mães que se atrasavam para buscar seus filhos.

É perceptível na entrevista de ambas as mulheres que a dedicação à creche era real, concreta e, essencialmente, uma tarefa árdua, pois sentiam-se na responsabilidade de atenderem dignamente àquelas crianças, suprindo minimamente as necessidades das mesmas, sejam elas alimentícias, nutricionais, emocionais, afetivas. Era um trabalho

---

[54] Regina Beatriz de Freitas, trecho da entrevista realizada em 22/09/2005.

[55] O termo usado para denominar as funcionárias responsáveis pelo cuidado direto com as crianças era "Tomadeiras de Conta", que fora alterado no ano de 1987, quando tal função recebera a nomenclatura de "Auxiliares de Creche" segundo documento Retrospectiva Histórica de Creches – Aspectos Teóricos e Legais maio/1998) colhido na Prefeitura Municipal de Uberlândia/Secretaria do Desenvolvimento e da Ação Social, em junho de 2003.

penoso, de muita paciência e com pouco valor, pouco reconhecimento, principalmente no que se refere a questão salarial e a jornada de trabalho. O que essas mulheres exerciam era praticamente um trabalho voluntário, cuidando, alimentando, brincando e ensinando as crianças.

Quando questionadas sobre suas atribuições na creche, sobre qual o seu papel no contexto diário da creche, era com muito prazer, exaltação e orgulho que procediam suas narrativas. Nestes momentos, vi uma mesma reação repetindo-se em ocasiões diferentes, pude perceber um brilho nos olhos de ambas entrevistadas, que se sentiam lisonjeadas em terem tido forças para enfrentar os problemas, garra para correr atrás deste objetivo e terem conquistado, mesmo que "a trancos e barrancos", uma creche para o bairro Marta Helena.

> *Cê tem que começá, se cê não tem nada, cê tem que começá do nada. Então nós fizemo do nada criá, né, uma instituição. Que hoje, graças a Deus, como se diz, dá orgulho pra muita gente, não é? Por mais problemas que tenha, existe uma creche. Foi uma vitória concreta, o bairro tem uma creche (...) Eu defendia ali dentro as criança, porque as criança tava cum fome, chegava cum fome. criança cumia na creche e voltava a cumê na creche, chegava choranu. choranu, choranu, quê que tem? Tá cum fome. Isso é que me preocupava, mais nada. O resto não me preocupava não. Sabê quesse bairro era uma pobreza danada, isso me preocupava, o resto [inaudível]. O que eu fiz de andá por minha conta, de fazê compra no supermercado pra creche, isso aí eu nem lembro. Isso aí quando eu lembro é cum prazê, sabe? Olha eu, meu irmão agente saía assim pidindo, ele também ajudô muito, pidiu muito, sabe. Agente saía assim pidindo, buscando as coisas longe, sabe, ajudando fazendo uma coisa, outra. Se nós não tivéssemos rregaçado as manga da blusa naquela época e infrentado, num tinhamos creche. Tava até hoje sem. E graças a Deus tem. Então, eu, eu sintí assim, quando construiu [referindo-se a construção da sede própria da creche] a creche eu sintí, aí: realizei um compromisso (risos).*[56]

Aqui Dona Neuza traz um pouco do que fora para ela a luta empreendida na formação e continuidade dos trabalhos na creche. É indescritível o prazer que vi surgir em sua face ao afirmar-se feliz e realizada diante do trabalho cumprido, diante da realização de um sonho, tido por ela como uma obrigação social a ser cumprida.

Pode-se perceber também, no relato da senhora Regina, todos esses sentimentos descritos anteriormente, bem como o orgulho em realizar sua função na creche, a satisfação em cozinhar para as crianças, em cuidar da nutrição daqueles pequeninos, que

[56] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

viviam em condições precárias, sendo que, em muitos ocasiões, em seus lares, faltava até o alimento diário para suprir as necessidades básicas exigidas pela faixa etária.

> *(...) A cumida era gostosa, porque eu que sempre cozinhava assim, toda vida eu cuidei bem da cumida, tinha muita preocupação de dá cumida, a criança sinti mal, uma coisa assim, né? A cumida fazia muito bem feita, era sempre bem feitim, és comia muito bem, és gostava, és cumia bem mesmo, as crianças (...) A veiz im casa eles num tinha o que eles tinha ali, né? Porque ali agente dava café da manhã, quando as criança começava a, chegava, eu tinha obrigação de dexá pronto já , és ia chegano e ia dano alimentação pra eles, o café da manhã. Aí dava o almoço, a tarde o lanche e a, a sopa. Eu fazia quatro refeição pra eles e as fruta ainda fora de hora e tinha fruta ainda, que agente dava, ou às vezes uma bolacha, tinha criança assim, que às vezes é, tinha criança bem anêmica, aí agente cuidava mais daqueles assim, às vezes dava bulacha fora de hora, dava uma fruta. Saíram de lá, as crianças que saíram de lá, sempre eu vejo aí, tá fortim, viu? (risos) Passava bem.*[57]

Diante das percepções apreendidas nas entrevistas e também diante das leituras realizadas, a questão da creche, das lutas que permeiam sua conquista na cidade de Uberlândia, estão em consonância com um contexto maior de luta, fazendo, pois, parte do cenário nacional. Assim, nesse momento, é amplo o debate envolvendo o tema, desvendando questões e problemáticas estruturais, refletindo e indagando até mesmo qual o real papel social da creche.

Fora diante dessa realidade, em consonância com os fatos, com as discussões e as conquistas que se davam também a nível nacional, que no ano de 1988[58], a Prefeitura Municipal de Uberlândia, realiza a construção da sede própria da creche do bairro Marta Helena, localizada na Rua Bahia, 2319. Tal empreendimento se tornara possível mediante convênio firmado entre a P.M.U e o BNDS (Banco Nacional do Desenvolvimento Social), sendo que este liberou os recursos que foram empregados para construção e compra do equipamento para a creche. Dessa forma, diante do contexto vivenciado pela comunidade naquele momento, a construção da sede própria para a creche do bairro Marta Helena, possibilitou, de maneira efetiva, uma ampliação no número de crianças atendidas, correspondendo de forma mais real e eficaz à demanda.

> *As criança, teve época que divia tê, era pra sê acho que era cinquenta criança e agente tava cumas oitenta (...) Todas criança agente foi pegano, foi pegano, até*

---

[57] Regina Beatriz de Freitas, trecho da entrevista realizada em 22/09/2005.
[58] Segundo documento Retrospectiva Histórica de Creches – Aspectos Teóricos e Legais (maio/1998) colhido na Prefeitura Municipal de Uberlândia/Secretaria do Desenvolvimento e da Ação Social, em junho de 2003.

> *que chegô num ponto que a prefeitura falô num pega mais que senão as cumida num vai dá pras criança. Aí teve que começá a pará. Aí agente tinha dó, aí tinha umas que tinha menas, tinha necessidade aí nóis pegava, otras já num dava pra pegá todas que parecia, que tinha muita criança, não sei se hoje é tão lotado assim igual era. Mas era muito, muito lotado, passô da conta, num tinha espaço pra tanta criança. Eu acho que a maior dificuldade naquela época é agente num tê espaço assim, que dava pra cuidá, prexempo, na hora do banho agente num tinha os apreparo tudo, tinha um chuvero só pra tanta criança, as veiz num dava baim em todos. Era difícil então agente, tinha dificuldade nesse sentido assim, no cuidado das crianças. Até nas refeições porque lá na creche [se referindo a instituição nos dias atuais] tem as mesinha assim, tudo. Lá pra nóis num tinha, naquela época, num tinha, agente punha no chão, agente tinha dó tem veiz, sabe, tem umas coisa (Pausa). Agente sabe que as criança acha bão, comia normal, só que num tinha lugar assim, num tinha mesa, era sentadim no chão queles cumia.*[59]

Conforme pode-se perceber, no relato da senhora Regina, o número de mães pleiteando uma vaga para seus filhos crescia e muito, fazendo com que matrículas fossem recusadas, deixando de atender uma grande quantidade de crianças da comunidade. Outro ponto de sua narrativa que confirma essa problemática é quando ela atribui a maior dificuldade existente, em relação a sua vivência na creche, à questão do espaço físico não corresponder às necessidades reais no quesito quantitativo, assim como no qualitativo. A partir de sua fala ainda se pode levantar a questão dos critérios existentes para que se desse a matrícula da criança na creche. Quais deveriam ser estes critérios já que o número de vagas não correspondia a demanda?

Dona Neuza esclarece tal questão:

> *Tinha uns critério, agente estudô a possibilidade assim, de só dá a vaga praquelas crianças, aquelas mães que trabalhavam, principalmente, agente ia selecionando assim, aqui a mãe que trabalha, a mãe, o filho que não tem pai, né, que vive só com a mãe e o emprego também, se era trabalhos domésticos, se era lavadera de ropa, esses imprego mais simples, ganha menos, então a preferência da vaga era dessa criança, né? E, agente colocava os critério principal era o trabalho, a mãe trabalha se a mãe num trabalha, não, num consegui. Se bem que do jeito que era aqui nesse Marta Helena num pricisava tê critério não.*[60]

Percebe-se que, em sua fala, os critérios inicialmente eram: a mãe estar trabalhando, o trabalho da mãe ser "esses imprego mais simples" (segundo ela: doméstica, lavadeira de roupa) e também a ausência do pai. Na verdade esses critérios, de acordo com seu relato, nunca foram muito efetivos, pois a maioria das crianças

[59] Regina Beatriz de Freitas, trecho da entrevista realizada em 22/09/2005.
[60] Neuza Maria de Freitas, trecho da entrevista realizada em 30/08/2005.

vivenciavam uma ou mais das situações referendadas acima. O que limitava realmente o quantitativo de crianças atendidas, era mesmo a quantidade de alimento, de recursos disponibilizados pela prefeitura e, de certa forma, a limitação imposta pelo espaço físico.

Tem-se, pois, a efetivação de uma conquista, o reconhecimento de um direito adquirido a partir de muita luta: o bairro Marta Helena teria a construção da sede própria para sua creche. Dá-se à partir daqui o início do processo de municipalização da creche e com isso tem-se uma nova forma de organização deste espaço, trazendo para a creche uma outra dimensão, pois a mesma passa a ser regida e gestada diante de outras práticas.

É diante disso que proponho, no segundo capítulo, dar continuidade as discussões, observando e desvendando quem são os sujeitos que participam da creche hoje, tentando dialogar com as narrativas produzidas em conjunto com minhas entrevistadas, observando inicialmente sua experiências e vivências e, posteriormente, à partir destas investigar no que tange a creche atualmente: o que mudou? Como esse espaço se organiza a partir dessas mudanças? Quais as relações estabelecidas? Os conflitos, as contradições? Buscarei perceber ainda, junto as experiências das pessoas que se relacionam com aquele espaço, qual é o papel social desempenhado pela creche nos dias atuais e ainda a articulação dos sujeitos que, de uma forma ou de outra, possuem participação ativa na trama das relações que caracterizam e configuram a creche enquanto espaço social e cultural.

CAPITULO II

Direito à creche: institucionalização e expropriação. A (re)organização deste espaço

Neste capítulo pretendo discutir, a partir das vivências e experiências das mulheres, a forma pela qual se dá a organização deste espaço – a creche. Para tanto, vou além da reconstituição dos fatos, busco o sujeito e seus sentimentos, apreendendo a partir da subjetividade a forma pela qual eles estruturam e constróem a representação da creche hoje em suas vidas.

> *(...) Um dia eu fui lá e a coordenadora me recebeu, tipo assim: "o quê cê vei fazê aqui, né? Tá quereno tomá meu lugar?" Ela chegô a perguntá pra mim se eu pleitiava um imprego na prefeitura. Eu falei: "ai, coitada!"(risos) Eu sempre fui fogo, mas eu sempre fui tranquila, sabe? As coisas vem na minha mão. Eu num corro atrais de nada não. As coisas vem na minha mão, o que é meu é meu. O que não é, num é. Deus é que sabe das coisas, né? Aí fui na cuzinha, cunversei cum a Dona Cleuza, que a Dona Cleuza tava lá ainda. Aí és cumeçarum falá que num pudia ficá nas creches, naquela época num pudia entrá na creche, não sei por que razão eu num pudia, ninguém pudia entrá na creche, né? E eu tinha entrado, sem mais sem menos, né? Uai, eu prucurei cunversá cum ela, ela num me deu atenção, aí, eu fui lá na cuzinha cunversá com a Dona Cleuza, fui vê, visitá, uma visitinha de nada. Sabe, até então as criança da minha creche, ainda tavam lá, então eu fui dá uma olhadinha nas criança, vê as crianças, vê os nenêm, como que tavam sendo tratado, vê a creche nova, né? Aí fui tratada desse jeito, aí eu falei: "ah, qué sabe de uma coisa? Aí, eu nunca mais voltei lá, nunca mais. Aí a Dona Cleuza saiu também, eu era muito amiga da Dona Cleuza, Dona Cleuza saiu. A Zenir saiu, a Zenir trabalhava na limpeza, a Zenir trabalhava desde a creche lá ela entrô pra limpeza. Aí elas saíram as duas. Aí, ficô só gente estranha também. Mais eu nunca vi falá que creche num pode entrá, porque quando era nossa aí, eu fazia questão das pessoas entrasse, visse, as crianças gosta e eu falava: "oh gente, cês num repara isso ou aquilo assim, assim mais porque agente tá cum dificuldade, mas cêis quizê ajudá agente, agente aceita ajuda, se quizé visitá." Mãe, nunca proibí mãe de entrá na creche, eu num gostava que entrasse as pessoas que ia enché o saco, brigá e resmungá eu num gostava, não. Tinha um cômodo lá da creche eu, ninguém entrava não, que era onde fica a papelada [virar a fita] mas o resto da creche todo mundo entrava.*[61]

[61] Neuza Maria de Freitas, entrevista realizada em 30/08/2005.

Com a conquista da construção da sede própria, com a conquista da institucionalização do direito da criança à creche, mediante as lutas empreendidas tanto a nível local quanto nacional, o que se pode perceber diante deste relato, das lembranças trazidas aqui por Dona Neuza foi a tentativa de promover sua exclusão, o seu não reconhecimento frente as vitórias que foram conquistadas por esse grupo de mulheres e moradores, dos quais Dona Neuza se fizera presente, sendo sujeito ativo nas lutas que se fizeram necessárias, nos embates que se estabeleceram, para que se pudessem ter consolidado o sonho da creche.

Tem-se então que, quando se dera a transferência da creche para o novo prédio, a sede própria, Dona Neuza já não fazia mais parte do quadro de funcionários. Sendo assim, ela teve seu acesso à creche, de certa forma, restringido. Ela que, diante de suas narrativas, se colocara como parte constituinte daquele espaço, que lutara para sua existência, sua consolidação e manutenção, vira-se diante da situação de não ser bem aceita na nova sede da creche. Creche esta que ela própria ajudara a fundar e que lutara, para que se conseguisse os recursos para a construção de tal prédio.

A creche se configurou, nas vivências dessas mulheres, como um espaço de relações, no qual foram consolidados laços de amizades, sentimentos de solidariedade, de perseverança, de lutas, de conquistas. Havia envolto nas vivências dessas mulheres um sentimento de pertencimento junto aquele espaço, sendo que este sentimento de pertencimento é claramente perceptível em vários momentos do relato de Dona Neuza, como por exemplo quando ela afirma que: *"as criança da minha creche [referindo-se a creche localizada à Rua Quilombo do Palmares n.º 145], ainda tavam lá"*. Ela se vê, diante de suas lembranças, como parte integrante daquele espaço, da mesma forma em que este se faz presente nas suas experiências, ou seja, de forma marcante e importante.

O que ela quer nos dizer neste seu depoimento é que por mais que ela tivesse saído da creche, por mais que ela não fizesse mais parte do quadro de funcionários, ali ficaram amizades – suas amigas, as crianças –, vínculos que se estabeleceram em um outro espaço físico, numa outra temporalidade, mas que se constituíam enquanto parte daquele espaço social e cultural que não se inicia ali, com a construção do novo prédio para a creche, possuindo uma historicidade anterior àquele novo espaço físico.

Diante disso, Dona Neuza, assim como as outras mulheres que faziam parte da creche são expropriadas. São excluídas "da nova creche" na tentativa de serem anuladas, de serem desfiguradas, com intuito de fazer com que elas não mais sejam

percebidas enquanto sujeitos significativos, ativos e diligentes de toda a historicidade que envolve a creche do bairro Marta Helena.

Assim, o que aparentemente se apresenta é uma nova creche, não apenas com uma nova sede, mas também com novas formas de organização, de gestão, sem a participação real e efetiva da comunidade. Há uma nova forma pela qual aquele espaço se constitui, sendo que novos valores se fazem presentes, configurando uma nova dimensão simbólica e cultural diante da (re)organização que se promovera, que fora estabelecida à creche.

Busco ainda, para além da creche e da organização deste espaço, perceber quem são estas mulheres que necessitam da creche atualmente seja para deixar seu filho, seja para trabalhar. Quais as suas vivências e experiências, que por terem sido socializadas nas entrevistas, apresentaram-se como importantes e relevantes diante do momento presente que vivenciam. Busco ainda valorizar e analisar o movimento promovido pela memória dos sujeitos entrevistados, suas reminiscências, no intuito de apreender e interpretar as transformações e significações trazidas pelos sujeitos em suas narrativas. Nessa perspectiva Yara Khoury nos afirma que:

> *Ao narrar, as pessoas estão sempre fazendo referências ao passado e projetando imagens, numa relação imbricada com a consciência de si mesmos, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social. Associando e organizando os fatos no espaço e no tempo, dentro dos padrões de sua própria cultura e historicidade, cada pessoa vai dando sentido à experiência vivida e a si mesma nela.* [62]

Em consonância com tal idéia o que se tem é que ao narrar sobre suas vivências, as entrevistadas promovem escolhas e análises, optando por narrar determinado episódio, em detrimento de outro, fazendo menção aqueles que são mais significativos (por um motivo ou por outro), ou ainda aqueles que se fazem mais presentes em suas lembranças. É diante dessas elaborações, que se tornam explícitas as dimensões que elas constróem de suas experiências enquanto sujeitos sociais, formulando à partir disso, concepções sobre si mesmas e sobre suas trajetórias.

Mediante tais preceitos conduzi as entrevistas realizadas neste momento da pesquisa, da mesma maneira relatada anteriormente, ou seja, não me atrevendo a

---

[62] KHOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, Outras Histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes e outros (orgs), p. 131.

delimitar um contexto inicialmente, levando-o pronto para as entrevistas e para meus sujeitos se inserirem nele. Pelo contrário, procurei deixar fluir de forma mais livre, permitindo às minhas entrevistadas uma certa liberdade na delimitação de suas narrativas, cabendo, como já fora dito, a elas também a contextualização das entrevistas e, consequentemente, do presente trabalho em si.

Nessa perspectiva entrevistei mulheres: mães e funcionárias, sendo estas os sujeitos que se relacionam no espaço da creche hoje, configurando a teia de relações que fazem da mesma um local social e cultural, no intuito de perceber os embates, os conflitos, as vivências dessas mulheres, a partir do que a creche representa, na forma como ela pode ser percebida nas experiências do dia-a-dia que se estabelecem.

Hoje a creche do bairro Marta Helena: UDI – Marta Helena, possui sua sede própria, sendo seu espaço amplo e arejado. Possui quatro salas de aulas: Berçário, Maternal I, e duas turmas de Maternal II. Seu quadro de funcionários é composto por trinta Educadoras Infantis, três Auxiliares de Serviços Gerais, três Cozinheiras, uma Auxiliar Administrativo e a Administradora. E, diante dessa estrutura, são atendidas, aproximadamente, noventa crianças, com faixa etária de 4 meses à 3 anos e 11meses.

Frente ao quantitativo de pessoas que se relacionam neste espaço, coube a mim, no intuito de viabilizar este estágio da presente pesquisa, eleger alguns sujeitos para fazer parte deste trabalho. Diante desta difícil missão, pois todas as mulheres que foram abordadas se mostraram, gentilmente, interessadas em participar deste projeto, acabei por optar em entrevistar aquelas com maior disponibilidade de horários, sendo os mesmos compatíveis com as minhas possibilidades, facilitando assim, o encontro para as entrevistas. Desse modo, entrevistei as mães: Keila Maria da Silva e Angela Rizza Silva de Freitas e também as funcionárias: Raquel Pereira Dias, Maria Ducineide Silva e Valéria Oliveira Souza, cujas narrativas enalteceram este trabalho de pesquisa, mediante os relatos das vivências dessas mulheres.

Keila Maria da Silva é uma jovem mulher, nascida em 16 de fevereiro de 1980, na cidade de Dom Aquino, interior do estado de Mato Grosso. Ela é residente do bairro Santa Rosa, nas proximidades do bairro Marta Helena. Trabalha como babá, estando neste emprego há apenas alguns meses. Ainda bem pequena mudara-se para Cuiabá, para viver com sua madrinha e aos 9 anos voltara para o convívio com sua mãe mudando-se para Santa Helena do Goiás. Esta jovem trouxe em sua narrativa as reminiscências de sua infância, pautada em muito sofrimento e abandono.

> *... eu era bebezinho quando eu saí de lá, nem lembro. Aí de lá eu fui pra Cuiabá. Morei com minha madrinha, né? Aí depois eu morei com minha madrinha até nove anus. Depois eu vim morar com a minha mãe em Santa Helena de Goiáis, já em Goiáis. Aí eu morei lá cum ela até dezessete anus, e depois eu vim pra cá qua minha tia pra Uberlândia, qua minha tia... Quando eu fui morá qua minha madrinha eu era bem piquinininha, tinha uns quatru anu. Eu fui morá cum ela porque minha mãe bibia muito. Ela num bibia antes, mas meu pai morreu, né? Faleceu quando eu era nenenzinha ainda e ela se involveu cuma amiga que levô ela presses bar de muiezada, e ela tava grávida do meu irmão mais novo. Aí ela cumeçô a bebê e cabô. Só vivia nus bar bebenu. Então ela dexava agente jugadu, não tinha responsabilidade, sabe? Fora eu, tinha mais dois irmão. Meu irmão mais véi era grande já e se virava sozim. Aí, no caso, meu irmão mais novim ela dexava ele jugadu, quem tomava conta dele era eu. Só queu era muito novinha, então eu num dava conta. Aí a assistente social foi e pegô ele pra criá. Aí ela pegô e deu. Aí ela cria ele até hoje. Aí eu peguei, tinha uma vizinha nossa pegou e me levou pra casa da minha madrinha. Aí eu fiquei morando cum ela até os nove anus, queu fui pra lá eu tinha quatru anim. E nessa época já cuidava do meu irmão menorzim.* [63]

Pode-se perceber a partir desta parte do relato trazido por Keila Maria que, sua infância foi bastante conturbada, sendo muito difícil enfrentar tais problemas com tão pouca idade. Para ela o mais complicado era a ausência da mãe e do pai, a ausência de uma estrutura familiar que a resguardasse, cuidasse dela e de seus irmãos. Diante da ausência dos pais e, principalmente, da negligência da mãe ela se depara com uma situação de abandono e acabou por assumir uma responsabilidade não condizente com sua maturidade, sendo que, com apenas quatro anos, cuida de seu irmão mais novo.

Quando questionada sobre como se dava o sustento de sua família nessa época, quem cuidava da casa, da alimentação, cabendo a quem suprir as necessidades básicas para a sobrevivência dela e de seus irmãos ela me relatou que:

> *Vai, ninguém. Ninguém, porque eu saia e cumia na casa de um, de outro. Meu, meu irmãozim novim, oh!, cum trêis meis ele (pausa) cumia, bibia mais, sabe, eu fazia maisena cum água, sabe? Aquele mingau grosso de colá na paredi e dava prele. Isso quele cumia. Era dificil, eu só tinha quatru anim. Era muito dificil. Minha mãe largô nóis, num quiria sabê. Até o zoto vim e pegâ.* [64]

Pude perceber a emoção nos olhos da entrevistada, que se marejaram de lágrimas. Creio que realmente as lembranças provenientes de sua infância em muito mexeram com a entrevistada, por trazer á tona sentimento como: abandono, negligência,

---

[63] Keila Maria da Silva, entrevista realizada em 12/05/05.
[64] Keila Maria da Silva, entrevista realizada em 12/05/05.

desatenção, impotência por não conseguir cuidar de seu irmão mais novo, vendo-o, posteriormente, ser levado para junto de outra família, outro lar. Não pretendo aqui fazer avaliações diante das atitudes tomadas por sua mãe. Apesar de me comover com o desalento a que esta mulher sofrera em sua infância, não concordando com nenhum tipo de violência destinado à criança, não me sinto apta a julgar, mesmo porque não conheço as circunstâncias que levaram sua mãe a tomar tais atitudes.

Acho importante ainda aqui, trazer para a discussão o sentimento de solidariedade dos seus vizinhos, que lhe davam alimentação, e acabaram por tentar melhorar sua condição de vida ao levá-la para junto de sua madrinha, após seu irmão mais novo ter sido adotado por uma assistente social. Almejando retirar aquelas crianças da situação deplorável a que estavam submetidas.

Outra entrevistada que nos trouxe suas vivências na infância foi Maria Ducineide Silva, que nascera e fora registrada na cidade de Uberlândia, em 16 de fevereiro de 1969, mas sua família era residente na zona rural do município de Santa Vitória em Minas Gerais e, em busca de um melhor atendimento clínico, para que se fosse realizado o parto, sua mãe veio para Uberlândia. Hoje é residente da cidade de Uberlândia, vindo morar aqui em julho de 1979. É casada, tem três filhos já adolescentes. É moradora do bairro Liberdade, próximo ao limite adjacente com o bairro Marta Helena. Trabalha como Educadora Infantil, na UDI – Marta Helena, sendo contratada no exercício dessa função. Segundo ela teve uma infância tranquila, morou em cidades relativamente pequenas, do interior de Minas Gerais e Goiás. E, com dez anos mudara-se para Uberlândia.

> *Minha mãe vei aqui só pra me tê, agente num morava em Berlândia. Quando morava em Santa Vitória eu lembro de poca coisa. Primeiro na roça em Santa Vitória, depois morô na cidade, depois que mudô pra São Simão. Aí, minha irmã mais velha já tava na idade de ir pra escola, aí és [seus pais] mudô da roça porque meus pais queria que as filhas estudassem, né? Cinco filha mulhé, mas num é por isso que num tinha que estudá, né? Aí mudô pra Santa Vitória, depois que meu pai rumô emprego, trabalhô lá em Santa Vitòria em táxi, essas coisas assim. Aí depois mudô pra São Simão quele arrumô serviço de motorista, era motorista de ônibus lá em São Simão, carregava os pião pra barragi. Aí lá foro, ah eu nem sei quantos anos, tem que perguntá pra minha mãe. Acho que foruns oito anos que nóis moramo lá. Era barragem na São Simão em Goiáis, e meu pai trabalhava na barragi, agente morô numas casas mais, acho que era de tábua, mas assim tudo bem feitim, por dentro era, parecia que era de tijolo, era arrumadinha as casa lá, tudo cercadim, aquele monte de casinha. Era legal até. E agente estudava perto, a escola era boa até. Aí, ele [seu pai] foi mandado embora da barragem porque o serviço já tava*

> *acabando da barragi. Nós ficamo lá até quase acabá o serviço, aí mudô pra Uberlândia. Eu tinha (pausa) uns deiz anos. Foi em julho de setenta e nove.* [65]

Ao ser questionada de como se dera a mudança de São Simão para Uberlândia ela relata que as mudanças foram muito grandes, principalmente para ela que era criança. Morar numa "cidadezinha do interior" parecia mais condizente com as vivências de infância, sendo que aqui tudo parecia muito grande, a escola era grande, "barulhenta", com muitas crianças, causando um certo estranhamento às coisas que se apresentavam como novas.

> *Ah, é muito diferente, na, na cabe, pruma criança de deiz anos muda tudo, né? Cê fica meio assim, principalmente na escola, eu estranhei muito a escola. A escola lá, a escola lá parece que assim, sei lá, agente se sentia mais em casa, já tava acustumado, já tinha estudado lá, feito o primeiro e segundo, terceiro ano lá. É prezinho, primeiro, segundo, terceiro. Chegô aqui eu estranhei, achei bagunçado a escola, grande dimais, barulhenta. Parece que sei lá, tinha minino dimais, achei muito estranho.* [66]

Querendo saber mais sobre sua infância ao se mudar para Uberlândia ela me afirmará que:

> *(...) Parece que já num era infância, já tava passando pra adolescência. Acho que infância assim mesmo de divertí, de brincá, de fazê bagunça eu tive lá em São Simão. Pé de árvore no quintal pro cê subí, pé de goiaba... (pausa) Não, eu era criança ainda, mas acho que sei lá, aqui era tudo mais dificil, mais perigoso, num pudia saí, num podia, sabe? Lá, lá não. Lá cê num via falá de nada, de maldade que acontecia, parece que era criado livre, assim. Eu ia pra igreja sozinha, eu ia na rodoviária sozinha. Brincava na rua cuns minino, quas minhas irmã de pique-pega, de bola, de bete, de escondê, essas brincadera de minino. Eu tinha álbum de figurinha eu ia longe comprá. Minha mãe mandava eu no banco discontá cheque, quela era custurera tinha as freguesa. Aqui em Uberlândia eu comecei a saí de casa, assim nos lugar sozinha, eu tinha quinze anos. Lá em São Simão eu fazia, saía, andava sozinha na cidade, aqui não. Cidade grande, tudo é mais perigoso.* [67]

O que se pode perceber na narrativa da jovem senhora Maria Ducineide é que suas lembranças da infância estão mais ligadas as suas vivências no interior, nas cidades menores em que residiu. Não que sua infância tenha chegado ao fim, aos dez anos, quando se mudara para Uberlândia. Mas com a mudança de cidade, a mudança dos

---

[65] Maria Ducineide Silva, entrevista realizada em 01/05/05.
[66] Maria Ducineide Silva, entrevista realizada em 01/05/05.
[67] Maria Ducineide Silva, entrevista realizada em 01/05/05.

hábitos e dos costumes se fez necessária, atribuindo a esta infância outros valores, os quais eram novos e imbuídos de responsabilidades e cuidados que não se faziam presentes durante sua vivência em São Simão. Tal fato se faz perceptível nesse outro trecho de sua narrativa:

> *Ah, São Simão é muito diferente. Cidadezinha do interior, sabe? Aqui é uma cidade grande, cê num tem liberdade, tudo é perigoso, tudo tá sempre assim disconfiado de alguma coisa, de alguém. Aqui é sempre cum pé atrás. Bate a noite, bate palma cê num qué atendê. Se num falá o nome, se cê num vê que num é conhecido, fica cum medo, acha que pode fazê algum mal pro cê. É bem diferente. Eu falo que eu quero terminá minha vida numa cidadezinha bem piquena, calma do interior, mais tranquilo.* [68]

No relato de ambas as entrevistadas, que vieram para a cidade de Uberlândia e fixaram residência neste município, pode-se perceber a forma pela qual elas apreendem a cidade enquanto possibilidade, tendo uma percepção de que aqui encontrariam melhores condições de emprego, de educação. Para isso, suas famílias deixam suas cidades de origem, cidades caracterizadas como sendo de menor porte, e partem para Uberlândia, vislumbrando encontrar aqui condições melhores para sobreviverem, trabalharem e estudarem.

> *Ah, ele foi mandado embora da barragem porque o serviço já tava acabando da barragi. Nós ficamo lá até quase acabá o serviço, aí mudô pra Uberlândia. Viemo pra cá pra vê se meu pai arrumava serviçu. Aí ele arrumô emprego rapidim, com treiz meses ele já tava trabalhando na Transcol, trabalhô até aposentá, tem uns cinco, seis anos que ele aposentô. Minha mãe trabalhô na Pafi, muitos anos aquela fábrica de ropa. Minha mãe trabalhô lá de custurera muito tempo.* [69]

> .....
>
> *Foi bom, foi ótimo mudá pra cá (...) Vai, foi bom porque lá em Santa Helena, assim, (pausa) esses tipo de coisa é muito ruim, sabe? Quase num tem serviçu, sabe? Lá és paga muito baratu também. E, aqui não. Aqui não, aqui já, né, em vista de lá, é melhor. Aí minha tia mais meu tí mudô pra cá também por causa de serviçu, né? Pra rumá serviçu aqui. Por isso que é melhô, até nus istudo também. Porque lá nu tinha nada, nu tinha facudade, nu tinha nada, sabe? Só tinha terminadu o segundo grau e pronto! E aqui, não! Aqui já tinha curso técnico, alguma coisa, né? Foi bom.* [70]

---

[68] Maria Ducineide Silva, entrevista realizada em 01/05/05.
[69] Maria Ducineide Silva, entrevista realizada em 01/05/05.
[70] Keila Maria da Silva, entrevista realizada em 12/05/05. Segundo a entrevistada ela veio morar em Uberlândia quando tinha dezessete anos, sendo, aproximadamente, no ano de 1997.

Segundo Maria Ducineide, sua família que, anteriormente, residia em Santa Vitória, Minas Gerais, fora para São Simão visando emprego na construção da barragem hidrelétrica que se deu em fins da década de 1970 [71]. Posteriormente, com o término das atividades naquele local, muitas famílias viram-se na mesma situação, pois o emprego na barragem tinha caráter temporário e por isso, tiveram a necessidade de migrarem para outra região, outra cidade à procura de um novo emprego. Tal situação é vivenciada pela família de Maria Ducineide, que diante deste impasse opta por se mudar para Uberlândia na busca por emprego e melhor condição de vida.

Nessa mesma perspectiva, Keila Maria opta por deixar a cidade de Santa Helena de Goiás para mudar-se, com seus tios, para Uberlândia. Sendo que em ambos os casos, as famílias das duas entrevistadas migram-se do interior da Região Centro-Oeste, mais especificamente, do interior de Goiás, para a região Sudeste, vindo a fixar residência na cidade de Uberlândia. Essas famílias, assim como tantas outras, saem de seus locais de origem com a expectativa de encontrarem aqui, melhores condições de vida, melhores condições financeiras. Objetivam então, encontrar na cidade de Uberlândia mais possibilidades para o trabalho, para o estudo, na tentativa de reelaborarem uma nova forma de viver, vindo, pois, em prol de oportunidades.

Tal percepção da cidade de Uberlândia, obviamente não se faz presente na narrativa das entrevistadas que nasceram aqui. Para elas a cidade não se inscrevera como uma possibilidade. Apresentando-se como a cidade na qual nasceram, cresceram, constituíram suas famílias e permanecem até os dias de hoje, trabalhando, fazendo e refazendo suas práticas diárias, seu dia-a-dia. Aqui, nesta cidade edificaram suas experiências, suas vivências, seus costumes e, creio que devido a isso, devido ao fato de Uberlândia fazer-se presente desde o início de suas vivências, a cidade não aparece presente nas narrativas de forma específica e espontânea como se dera na narrativas das mulheres que escolheram tal cidade para viverem, tendo-a como possibilidade na busca de oportunidades.

Tenho ampla convicção que, se o foco da presente pesquisa fosse a cidade de Uberlândia e, diante disso, eu enquanto pesquisadora tivesse direcionado as entrevistas para questões relacionadas a forma pela qual essas mulheres, naturais de Uberlândia, percebem sua cidade natal, ter-se-iam ricos depoimentos. Entretanto, como a cidade se

[71] Segundo site goiasnet.globo.com/dossie/r_turismo.php, a Hidrelétrica de São Simão fora construída no ano de 1977. Acesso ao site em 20 de março de 2006.

apresentara como resultante de outras questões indagadas, mediante as lembranças daquelas mulheres que na infância ou adolescência, mudaram para cá, creio que este poderia ser o norte para uma ampliação posterior desta dada pesquisa.

Ainda na perspectiva de apreender nas narrativas as vivências dos meus sujeitos, a entrevista de Raquel Pereira Dias tivera grande valor, pois contribuiu e muito para percepção da relação que estas mulheres fazem entre as funções sociais: de ser mãe e trabalhadora.

Raquel Pereira Dias, nasceu na cidade de Uberlândia, em 02 de abril de 1963. É casada, tem dois filhos, o primogênito hoje com dezesseis anos e o caçula com onze anos. Mora desde pequena no bairro Bom Jesus, residindo até hoje na mesma casa de sua infância, sendo que em um mesmo terreno encontra-se edificada sua casa ao fundo e à frente a casa de sua mãe. É Educadora Infantil desde 2002 [72], quando fora contratada para o exercício atribuído a tal função, trabalhando inicialmente na UDI – Santa Rosa, localizada no bairro Santa Rosa. Posteriormente, com a realização do concurso público municipal, no ano de 2003, fora efetivada neste cargo, e diante disso viera a trabalhar desde então na UDI – Marta Helena.

Em sua narrativa ela afirma ter começado a trabalhar aos dezenove anos, quando cursava o último ano do curso de Magistério, nível técnico, conhecido também como curso Normal. Casara com vinte um anos, após já ter concluído seus estudos, a nível técnico, e continuara a trabalhar mesmo depois que seu primeiro filho nasceu.

> *É, eu comecei a estudá, eh, trabalhá cum dezenove anus. Então, até que dificuldade não tinha muito não, não tive problema cum estudá e trabalhá, não, já tava quase terminando o normal. Comecei a namorá com dezesseis (Pausa) casei, foi tranquilo, normal. Daí eu casei eu tava cum vinte e um anus e depois quando eu tinha trêis anos de casadu nasceu o Gabriel. Depois de cinco anos e meio nasceu o Pedro Henrique. Então, quando eu casei eu trabalhava ainda, depois quando o Gabriel fez dois anos eu parei. Tinha dois anos de casado, treis anos, não, cinco anos de casado. Ai eu parei de trabalhá, só voltei quando és já tinham crescido. Um tava com catorze e outro tava com sete (...) Quando eu parei de trabalhá, eu parei porque eu trabalhava período integral, então assim, não tinha como eu, com o salário que era poco, pagá uma pessoa pra olhá. É porque se fosse pra pagá uma pessoa, quase que o meu salário ficaria só pra pagá essa pessoa ai num daria, num compensava melhor mesmo ter parado. E taméem achei que era muito dificil sacrificá minha mãe pra podê ficá olhando, porque já tinha criado agente ainda vai ficá olhando neto. Daí achei dificil. Então onde a opção foi pará. No começo agente acha muito dificil, que o*

[72] Convém salientar aqui que neste momento, em 2002, a nomenclatura da função exercida por Raquel Pereira era Auxiliar de Creche, que recebera outra denominação: Educadora Infantil, posteriormente, a realização do concurso público municipal.

> *dinheiro nem vai dá, mas depois entra tudo no exo e dá como se agente tivesse trabalhando.* [73]

Neste trecho da narrativa de Raquel Pereira é perceptível a dificuldade atribuída por ela, no fato de estar conciliando a educação e o cuidar dos filhos com o exercício de uma profissão, com o trabalho fora de casa. Segundo ela, diante das circunstâncias que vivia naquele momento, sendo seu filho pequeno, com apenas dois anos, e diante da dificuldade em estar pagando alguém para cuidar dele enquanto trabalhava, em decorrência do seu salário ficar quase em sua totalidade destinado para tal fim, a melhor opção, fora parar de trabalhar e dedicar, exclusivamente, ao papel de mãe, esposa e dona de casa, abrindo mão do seu emprego, do seu salário, da sua profissão.

Tal fato pode ser percebido também na narrativa de Maria Ducineide que, diante das circunstâncias que se apresentavam decidiu abster-se da sua função social como mulher/trabalhadora e dedicar-se apenas à maternidade, à casa, enfim, aos filhos, aos afazeres domésticos, ao marido.

> *Quando eu casei, eu estudava e trabalhava. Daí depois queu casei eu parei de estudá, aí depois eu estudei mais um ano, aí parei. Ma eu voltei a estudá depois, em dois mil [no ano de dois mil]. Quando eu parei eu tinha, eu tinha, eu tava na sétima, eu parei (...) Ah, parei porque tava dificil. O André [esposo de Maria Ducineide] viajava, não tinha quem olhasse eles [seus filhos] a noite pra mim estudá, não tinha. Aí agente desanima. Aí depois que eu tive meus dois filhos Gabriela e Vinicius aí eu voltei e fiz a oitava. Aí depois eu parei denovo. Aí eu só voltei em dois mil. Nessa época queu parei de estudá eu parei de trabalhá também, porque num dava pra conciliá tudo: filho, casa, é dificil. Na época num precisava deu trabalhá, ele ganhava bem, num tinha aquela necessidade de trabalhá e cuidá de casa e filho. Aí foi uma opção e eu parei.* [74]

De acordo com a narrativa de tais mulheres, lhes foi dada a opção, cabendo a elas escolherem entre permanecer trabalhando ou não. Entretanto, acho que convém transformar tais afirmativas em interrogações, pois o que se pode perceber aqui é que, aparentemente, essas mulheres não tiveram opção e por isso abstiveram da profissão, do trabalho remunerado para dedicarem-se apenas aos filhos, à suas famílias. Atribuo a isso, principalmente, o fato das entrevistadas terem relatado dificuldades em encontrarem meios para que seus filhos fossem cuidados e educados em sua ausência. As dificuldades em pagar alguém para estar exercendo tal função, a ausência de creches

[73] Raquel Pereira Dias, entrevista realizada em 31/04/2005.
[74] Maria Ducineide Silva, entrevista realizada em 01/05/05.

que na época, apesar de existirem, configuravam-se em um número não muito expressivo, não havendo, pois, capacidade para atenderem a todas as crianças. Sem falar que neste momento a creche se configurava como algo novo, causando receio em muitas famílias. Pode-se perceber tal idéia, tal concepção na narrativa de Raquel Pereira.

> *No meu caso, quando eu trabalhava não tinha essas creche assim, né, pra dexá os meus filhos. E também assim, a idéia que todo mundo fazia de creche, é que era uma coisa assim, meio jogado. Até hoje tem gente que acha que creche é depósito de criança, não vendo como uma escola que cuida e educa as criança. (...) Eu tive meu primeiro filho em oitenta e oito e, não tinha creche assim, não. Depois é que teve, começó a tê essa creche formada pela comunidade, essa ONG, depois que passô pra Prefeitura, mas não tinha, antes não. E as que tinha era dificil agente consiguí tê acesso. Eram muito pocas, num dava pra todo mundo que precisava.* [75]

Para evidenciar esta percepção da creche como sendo algo novo, é importante resgatar o documento: Carta de Princípio do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, de 1986, que nos traz a creche como "novidade", na década de 1980.

> *No Brasil até época bastante recente a reivindicação (ou a própria idéia) do direito a existência de uma instituição para a guarda, a educação do cidadão-criança a creche, era estranha tanto a população quanto ao poder público. Assim é que as poucas iniciativas existentes se deviam quase que exclusivamente à benevolência de instituições filantrópicas que dirigiam sua ação às populações pobres.* [76]

Nessa perspectiva, será que realmente a situação vivenciada por essas mulheres se configurou em uma opção? Será que o fato de não encontrarem formas alternativas de cuidarem de seus filhos, de não terem com quem deixar, será que diante disso, diante dessas circunstâncias o que se teve fora mesmo uma escolha? Ou será que essa escolha se impôs, de forma vedada, implícita no contexto em que se inserira?

Essas indagações se fazem mais forte diante do fato de ambas as entrevistadas estarem novamente inseridas no mercado de trabalho, após seus filhos terem crescido e,

---

[75] Raquel Pereira Dias, entrevista realizada em 31/04/2005.

[76] Carta de Princípio do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – 1986. O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – CNDM – é um órgão colegiado, de caráter deliberativo, criado pela Lei n.º 7.353, de 29 de agosto de 1985, com a finalidade de promover, em âmbito nacional, políticas públicas voltadas para a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e de igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e sócio - culturais do país. O CNDM está subordinado a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça (www.mj.gov.br/sedh/cndm, site visitado no dia 24 de outubro de 2005).

ao afirmarem que, quando "optaram" por parar de trabalhar, pensavam em apenas "dar um tempo" para que seus filhos crescessem e, posteriormente, retornarem, voltarem a trabalhar.

> *Não, tinha creche, mas num tinha, na época eu não tinha necessidade, naquela época, como se diz, parece que tava só assim, só via casa e filho, achava que num precisava trabalhá, foi, e acho que foi mesmo uma opção. Eu pensava em futuramente voltá, mas esperava és crescê, falava num tinha necessidade na época, vou esperá és crescê. Pensei: vou dá um tempo, quando és tivê maior eu volto a estudá, a trabalhá. E fui dexando o tempo passá.* [77]

Diante dessa idéia, creio que convém apresentar aqui parte da entrevista e narrativa de Keila Maria, sendo que no momento em que fora exposta a hipótese de que, caso ela não tivesse conseguido a vaga na creche para sua filha, qual seria a providência, a opção, diante disso: se ela pagaria alguém para olhar ou se continuaria pagando a escola particular, onde a criança ficava anteriormente, seu marido, que esteve presente durante toda a entrevista, antecipou-se afirmando: *"tinha que pará de trabaiá, num ia tê jeito"*[78], e ela concordando, completou:

> *Tinha que pará porque quase meu salário tava ficando lá na escola, lá no Pirilampo. Aí então foi bom dimais eu consiguí a vaga aqui. Achei bom, porque pra mim a creche era necessidade mesmo, sabe? Ela é muito importante porque ela cuida da criança dagente, né? Que aqui agente confia, pode sai e dexá.* [79]

Pode-se perceber que a importância da creche na vidas das mulheres/mães entrevistadas que trabalham e não podem para isso absterem-se das responsabilidades diante da maternidade. Na entrevista de Keila Maria fica claro a real necessidade da creche em sua vida, pois sendo trabalhadora, que vende sua força de trabalho com o objetivo de complementar a renda familiar, auxiliando, pois, no sustento, nas despesas domésticas, a creche se faz uma necessidade vigente, sendo muito importante na vida dessas mulheres que saem da casa para trabalharem e o fazem tranquilas diante da possibilidade que, hoje, lhes é dada: ter um local seguro para a guarda e educação de seus filhos menores de 4 anos.

Outra mulher entrevistada e que tem sua filha matriculada na creche é Angela Rizza Silva de Freitas. Ela nascera em Uberlândia, aos 11 de julho de 1977. É casada,

---

[77] Maria Ducineide, entrevista realizada em 01/05/2005.
[78] Luís Cláudio Maciel, esposo de Keila Maria da Silva.
[79] Keila Maria da Silva, entrevista realizada em 12/05/05.

tem três filhos o primeiro com sete anos, outro com quatro e a caçula com dois. É moradora do bairro Liberdade, que faz fronteira ao bairro Marta Helena, sendo sua residência próxima à creche.

Foi muito interessante a entrevista realizada com Angela Rizza, pois sua insegurança era visível, estando muito preocupada com o fato de que a entrevista pudesse fazer com que sua filha perdesse a vaga na creche. Desde o início da entrevista tentei esclarecer tal equívoco, mas ela insistia em questionar se existia tal possibilidade, sendo que a cada fato relatado, a cada resposta construída ela me perguntava incessantemente: *"mas a minha filha vai perder a vaga na creche?"* Era como se eu estivesse ali, promovendo uma triagem, e a partir das respostas obtidas eu decidiria a permanência ou não da criança na creche. Por fim, consegui convencê-la e dessa forma a produção de sua narrativa se deu de forma mais livre, mais liberta do medo, da ameaça (não existente) de perder a vaga de sua filha na creche.

Ela trabalha como promotora de vendas, perfazendo uma carga horária de oito horas diárias, trabalhando das 7:30 às 17:30 horas e me relatou que, diante do fato de trabalhar praticamente o dia todo, a creche é uma necessidade, *sendo "um presente que caiu do céu"*, pois não tem condições financeiras para pagar um atendimento particular para cuidar de sua filha enquanto ela trabalha.

> *Pra mim a creche caiu do céu mesmo, entendeu? Porque seu tivesse que pagá alguém, eu não daria conta. Eu num ia dá conta, num ia tê como eu está trabalhandu, entendeu? Fica dificil, não ia sê fácil, mas graças a Deus, né? Porque não ia tê possibilidade de eu tá trabalhando. Esse foi um presente que caiu do céu, como eu te falei, né?* [80]

O que se tem até aqui, diante das narrativas produzidas por ambas as mães (Keila Maria e Angela Rizza), é uma representação da creche. Em que as mulheres/mães vislumbram a creche enquanto sendo uma real necessidade, sendo que, sem tal lugar, segundo elas próprias, seria complicado dar continuidade ao exercício de suas profissões, ao trabalho remunerado longe de casa. Pode-se perceber uma dada semelhança destes depoimentos aos das mulheres, que hoje estão trabalhando na creche, mas que em outrora viram-se diante do empasse de não ter com quem deixar seus filhos

---

[80] Angela Rizza Silva de Freitas, entrevista realizada em 12/05/2005.

pequenos e por isso decidiram afastarem-se do mercado de trabalho, para que pudessem cuidar e dedicar aos filhos, pelo menos enquanto estivesse pequenos.

Outra questão interessante no depoimento de Angela Rizza é o fato dela afirmar que a creche é *"um presente que caiu do céu"*. Muito me instigou tal afirmativa, pois esse *"presente que caiu do céu"*, existe hoje e atende a pelo menos parte da demanda que necessita, em decorrência de muita luta no passado. Sendo, pois, resultado de muito debate e fortes embates, que conseguiram para além de legitimar a creche como um direito para a mulher que trabalha, sendo uma conquista que possibilitou a universalização da educação ampliando-a, fazendo-a enquanto direito de todas as crianças pequenas. Não pretendo fazer juízo de valores, nem tão pouco condenar a colocação da minha entrevistada, mesmo porque apreendi em sua narrativa a grande felicitação que representara para ela ter conseguido a vaga na creche para sua filha, sendo este o significado de tal expressão. Entretanto, não poderia deixar de expor tal questão, mesmo porque caberia, mais uma vez, trazer e esclarecer o fato da creche hoje configurar-se enquanto direito, direito da criança (0-6 anos) ao atendimento educacional.

O fato da creche constituir-se enquanto um direito da criança não faz com que todas as crianças sejam atendidas, sendo que muitas famílias que buscam tal atendimento, acabam não conseguindo. Há uma fila de espera para aqueles que se inscreveram, mas infelizmente não conseguiram a vaga. Ao observarmos a creche comunitária a partir da forma pela qual a creche se organiza hoje, é perceptível uma nova forma de organização, estruturação. Tal fato pode ser vislumbrado na questão que tange as matrículas das crianças e os critérios observados e analisados para que a criança seja matriculada.

Segundo Dona Neuza, no que se refere ao atendimento oferecido pela creche comunitária, era prioridade o atendimento as crianças, cujas famílias eram moradoras do bairro Marta Helena.

> *Aí o pessoal começô a ficá sabendo, do Santa Rosa, do Liberdade, começô a trazê criança. Só que aí num tinha mais vaga e primero agente tinha que atendê as criança daqui do bairro que pricisava. Aí, por causa disso agente começô a não pegá mais, não tem vaga, não tem condição. Porque num tinha mesmo, não tinha cumida, não tinha condição de cuidá, não tinha nada, não tinha jeito. Aí,*

injeitô muita criança até mesmo as daqui do bairro, num tinha mais como tá peganu.[81]

E no que concerne aos critérios para matrícula da criança, conforme já fora explicitado no primeiro capítulo, Dona Neuza nos afirma que a prioridade era dada as crianças cujas mães trabalhavam em empregos relacionados com atividades domésticas, por exemplo, empregadas domésticas e lavadeiras de roupa, e também as crianças que não possuíam pai, sendo criados apenas por suas mães, mas havia a necessidade da mãe estar trabalhando, sendo tal critério irrevogável. Assim, ela elucida-nos como se dava a questão do acesso à creche, a partir de meados da década de 1980, sendo que se priorizava então, o atendimento das crianças do bairro, fazendo parte dos critérios o fato da mãe trabalhar, a ausência do pai, salvo algumas exceções.

Diante disso, trago aqui a forma pela qual a creche hoje organiza esta questão, ou seja, os critérios para que se dê a matrícula da criança na creche. Vislumbrando elucidar tais questionamentos, entrevistei Valéria Oliveira Souza nascida em 05 de junho de 1977, na cidade de Uberlândia. Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, trabalha na UDI – Marta Helena desde novembro de 2003, no cargo de Educadora Infantil, sendo eventual. Por este motivo auxilia, e muito, na secretaria conhecendo, pois, uma outra dimensão da creche. Segundo ela, o processo de matrícula das crianças na creche sofreu mudanças no fim do ano de 2003, quando já para as matrículas do próximo ano letivo foi implantado a inscrição por zoneamento realizada à partir da ligação para um número telefônico específico para o atendimento do tipo 0800 (ou seja, ligação gratuita). Este número é mudado a cada ano e, é pré-estabelecida uma data, divulgada anteriormente nas escolas e creches, sendo geralmente nos meses de outubro e novembro, para que as famílias interessadas possam ligar e fazer a inscrição.

O zoneamento vai abrangendo, então ele vai até longe. Só que começa pelo Marta Helena, passa pro bairro Brasil, o Liberdade, o Roosevelt, Santa Rosa, e se continuar tendo vaga ele vai abrangendo mais, mais bairros até completar o número de crianças atendidas. Por isso que pode estar acontecendo de mesmo ter uma outra unidade em outro bairro e a criança estar aqui, porque teve vaga pra está criança. Como foi o caso do Santa Rosa que inda existia a creche no Santa Rosa, mas tinha criança do Santa Rosa aqui. Se após o zoneamento houver impate, aí as crianças que tem irmãozinhos na unidade passam na frente. Se mesmo assim houver impate, que é quase impossível, os pais que trabalham, se ambos trabalharem. Só que não é mais critério pra entrá na, na unidade que pais trabalham. É zoneamento, porque é direito, depois da

[81] Neuza Maria de Freitas, entrevista realizada em 30/08/2005.

> *Constituição, é direito da criança. Depois, aí o 0800, ah, os funcionários da unidade vão lá fazê o zoneamento, cada unidade mandam dois funcionários pra lá, pra fazê o zoneamento. A prefeitura refaz, ou reavalia aquele zoneamento e manda uma lista pra cá com os contemplados e as crianças que vão ficar na lista de espera.*[82]

Diante do esclarecimento de Valéria Oliveira, no que se refere a questão das matrículas, pode-se perceber que o processo de matrícula das crianças na creche teve que adequar-se às mudanças e às conquistas implementadas, posteriormente, à promulgação da Constituição Federal de 1988. Assim, a creche que anteriormente atendia prioritariamente as crianças do bairro, cuja mãe trabalhava, e ainda aqueles casos em que a mãe fosse única responsável pela educação dos filhos, hoje esta creche, diante de uma outra concepção e outra estruturação, atende as crianças partindo do princípio realizado pelo zoneamento, no qual serão atendidas primeiro as crianças que tiverem residência mais próxima da creche, atendendo também os bairros vizinhos e adjacentes. Entretanto, a inscrição pelo 0800 e a contemplação da vaga á partir desta inscrição, não é garantia da efetivação da matrícula da criança na creche, pois cabe a comprovação dos dados passados pelo telefone, caso ocorra alguma irregularidade, essa criança perde automaticamente a vaga.

Eis aqui o motivo pelo qual as mulheres/ mães trabalhadoras, que têm seus filhos matriculados na creche, não necessariamente residem no bairro Marta Helena, sendo que assim, este perde o referencial percebido em outrora, não sendo mais representado fortemente como espaço de relações, de convívio, sendo tais características atribuídas mais ao espaço da creche. Tal fato é mais expressivo no que tange as funcionárias da UDI – Marta Helena, que em sua grande maioria, não são moradoras do bairro, sendo oriundas dos bairros adjacentes com Liberdade, Santa Rosa, Roosevelt, mas até mesmo de bairros mais distantes da creche como: Santa Mônica, Planalto e outros. Assim, o bairro Marta Helena ganha um novo caráter para estas mulheres/funcionárias sendo, pois, atribuído como local de trabalho, estando as relações estabelecidas mais associadas a própria creche.

Retomando a questão do zoneamento, da seleção para as vagas oferecidas na creche, posteriormente ao processo inicial de triagem a que passam as famílias que buscam por uma vaga para seu filho na creche, em decorrência da grande procura e, consequentemente, do não atendimento de toda a demanda, há a formulação de uma

[82] Valéria Oliveira Souza, entrevista realizada em 30/03/06.

nova listagem, por volta do mês de abril, abarcando os reminescentes da listagem do 0800 e as pessoas que não fizeram a inscrição por telefone mas que vieram à procura da creche, necessitando de vaga para seu filho. Essa nova listagem também segue o critério de zoneamento, sendo esta nova lista que será seguida no decorrer do ano letivo.

Creio que diante desta idéia trabalhada, é de suma importância o trecho da narrativa de Keila Maria, no qual ela expõe as dificuldades enfrentadas antes de conseguir a vaga na creche e também a dificuldade em conseguir a vaga para sua filha na creche.

> *Não, antes dela vim pra creche primeiro eu paguei minha vizinha pra tá olhando ela pra mim. Foi assim, né, meu bem? Fui pagá a Na Paula, né, minha vizinha lá de perto de casa, né? Aí, a Letícia tava cu trêis pá quatro meis. Aí, eu falei assim pra ela, prela tá oiando lá na minha casa. Eu falei assim: oia a Letícia quim casa, porque na sua casa não qué mais longe. Aí eu dexei tudo ixpricadim pra ela, né. Aí eu saí pra trabalhá. Aí eu liguei lá em casa pra vê cumé que tava, se a Letícia tava chorandu muito. Aí eu ligava, ligava e nada, sabe? Aí eu liguei pra minha otra vizinha e perguntei, falei: "oh, fulana, cadê a Na Paula? Cê por acaso viu ela?" Ela falou: "ixi, na hora que cê saiu ela virou as costas, pôs a minina no carrim e cascou fora". Aí eu fiquei loca. Falei, eu dexei tudo ixpricadim, né? Num é possível. Vim imbora do serviçu, cunversei qua minha patroa e vim bora. Cheguei lá em casa, num tava. Cadê a minina? Então eu peguei e fui na otra vizinha, tia dela, tava lá. Ingual, ela mintiu pra nóis, falô que num tava trabaiando, largô a minina qua tia dela e saiu pra trabalhá. Eu falei, ah não, foi só um dia.*[83]

É intrigante o drama vivido por essa mulher/mãe diante da situação narrada, em que ela sai para trabalhar, deixando sua filha com outra pessoa para que a mesma olhasse e cuidasse da criança e, de repente, ambas sumiram. Foi perceptível a emoção, o sentimento de ira desta mulher ao me relatar tal episódio. Posteriormente, ela tenta a vaga na creche, sem muito sucesso pois não havia passado pela inscrição e triagem do 0800.

> *Depois disso que conteceu, aí eu cunversei qua minha patroa e foi e dexô eu levá ela [sua filha, para o seu local de trabalho], sabe? Eu levei uns dias. Aí num deu certo, minha patroa foi e me dispensó. Eu falei: "ai, meu Deus do céu, agora pronto!" Aí fiquei uns quatro meis, cinco meis disimpregada. Aí, nóis cumeçô a í na igreja, né, meu bem? Aí a minina lá da igreja foi e rumô otro serviçu pra mim. Nesse queu tô agora. Aí eu tinha colocado a Letícia lá no Pirilampo. Acho que cê conhece. Só que é muito caro lá, né? Aí a minina foi, lá da igreja, a pastora cunhece a creche e o pessoal daqui, né? Foi e conversô com ela [a administradora da creche na época], aí depois de um tempo saiu a vaga pra Letícia. Tive muita sorte de tê conseguido.* [84]

[83] Keila Maria da Silva, entrevista realizada em 12/05/05.
[84] Keila Maria da Silva, entrevista realizada em 12/05/05.

Assim, diante de seu relato e dos esclarecimentos trazidos por Valéria Oliveira, no que concerne a disponibilidade e acesso as vagas, Keila Maria conseguira a vaga para sua filha, mediante o surgimento da mesma após a realização de uma nova listagem, tentando, frente a existência de vagas, atender as pessoas que por um motivo ou outro não realizaram a inscrição pelo 0800, mas que, posteriormente, vieram a precisar da vaga para seu filho. De acordo com a própria avaliação de Keila Maria, fora de fato, muita sorte ter conseguido a vaga nas atuais circunstâncias, sendo que, a demanda a ser atendida é lamentavelmente maior do que o número de vagas oferecidas.

No que tange ao atendimento na creche indaguei junto a tais mulheres/mães entrevistadas como se dava este processo, se a forma pela qual a creche estava estruturada era condizente com as necessidades delas enquanto mães que deixam seus filhos ali e saem para o trabalho. Ou seja, queria vislumbrar se a creche atende as necessidades dessas mães que são ao mesmo tempo trabalhadoras. Diante disso, Keila Maria afirmou que:

> *Eu entro no serviçu é oito horas, então não é complicado pra mim, dá tempu certim deu vim trazê a Letícia. E meu serviçu é pertim da minha casa. É perto dos dois, da minha casa e daqui da creche, então eu num tenho problema, não. Agora pra buscá, eu saio do meu serviçu mais cedo, lá pelas quatro horas que acaba. Aí eu vou lá em casa ajeito alguma coisa que dá tempo e depois eu vem e busco ela. Então, é bem tranquilo, num tem nada de complicado pra mim não, pra mim é até bom porque fica pertim e é por causa disso quela fica aqui também.*[85]

Keila Maria nos traz, neste trecho de seu depoimento, no que tange a questão dos horários da creche, que os mesmos são condizentes com suas necessidades, pois como ela trabalha de babá em uma residência e sendo seu horário de trabalho das 8:00 às 16:00 horas, em nada interfere os horários estabelecidos para que a criança chegue a unidade e, posteriormente, seja buscada.

Já na narrativa de Angela Rizza, pode-se perceber que há todo um esforço para adequar-se aos horários da creche, pois como já fora dito, seu horário de trabalho é das 7:30 às 17:30, e diante disso ela depara-se com a necessidade de articular meios para que sua filha seja buscada na unidade dentro do horário estabelecido.

---

[85] Keila Maria da Silva, entrevista realizada em 12/05/05.

> *Bem, na questão de horário eu procuro assim, tá concilianu o horário pra num tá podendo, tá atrasanu o horário da creche, né, que é um horário certo, da entrada e da saída, né? Procuro tá sempre, tá buscanu no horário certim, né? Porque eu saio em cima do horário daqui, entendeu? Então, eu sempre tento dá um jeito de num atrasá, né, que aí quando num dá preu vim buscá, queu num posso assim, saí mais cedo um poquim, o pai dela vem, né? Ou então a tia dela que vem buscá o João Paulo [seu sobrinho que também é matriculado na creche] leva ela. Cê intendeu? O jeito é fazê assim pra não tá atrasanu. As vezes acontece de vez em quando assim, uma vez aconteceu, só uma vez, deu tá atrasanu, mas eu faço o possível preu não atrasá.*[86]

O que temos aqui são realidades diferentes e, diante do número de alunos atendidos na unidade, muitas realidades se configuraram naquele espaço. Entretanto, em grande maioria, conforme pude observar e já descrevera anteriormente, são as mães que buscam seus filhos. Afirmo, por estar respaldada na pesquisa realizada nos arquivos da creche, junto as fichas de matrícula dos alunos, que tal questão, de certa forma, pode ser decorrente do fato destas mulheres/mães trabalharem nas proximidades da creche, sendo que um número consideravelmente expressivo são empregadas domésticas, diaristas, faxineiras, tendo, pois, uma carga horária não fixada em horas, mas sim, em serviços prestados. Ou seja, após terem terminado as tarefas estipuladas para aquele dia, não precisam necessariamente cumprir um quantitativo de horas diárias e, diante disso, podem comparecer a creche para buscarem seus filhos[87]. Neste contexto, as demais mulheres, cujos horários sejam incompatíveis têm que se adequar de alguma forma, seja atribuindo tal responsabilidade a outra pessoa, seja saindo mais cedo do trabalho para cumprir tal horário.

Nessa perspectiva de estar apreendendo a creche na vivências dessas mulheres, instigava-me muito perceber como estas mães concebem a creche, não mais partindo dos benefícios que a mesma lhe possibilita, enquanto lugar em que seu filho é cuidado e educado, nos momentos que fazem necessário sua ausência, ou seja, almejava perceber, à partir da visão das mães, o que viria a ser a creche diante das experiências de seus filhos, como que a creche foi aceita por ele, qual sua real interação com aquele meio, qual a percepção que elas possuem da creche, tendo como ponto de análise seu próprio filho.

---

[86] Angela Rizza Silva de Freitas, entrevista realizada em 12/05/2005.

[87] Acho que convém salvaguardar que várias são as profissões das mulheres que matriculam seus filhos na creche. Não pretendo aqui generalizar, mas sim propor um melhor entendimento dos motivos pelos quais torna-se possível para as mulheres/mães estarem buscando seus filhos por volta das 17:00 às 17:30 horas, horário estabelecido para o encerramento das atividades na creche.

Ah, foi ótimo pra Giovana. A Giovana era, era muito sozinha, só ela de minina. Então assim, ela era muito sozinha, então ela aprendeu a se adaptá com as criança, a convivê com as pessoa. Ela é alegre, tá mais alegre. Isso, não tem nada a reclamá da creche, não. É excelente, né, é muito bom. Ela aprendeu a ir no banheiro, né? Ta cunversandu até demais, tem hora (risos). Tá excelente, não tem nada a reclamá. Nem das professora também, elas são preparada, tem carinho qua Giovana. Tá tudo ótimo! [88]

.....

Pra ela , num foi assim, muito dificil, não, porque ela já ia prota escolinha. Ela já tinha ficado lá na outra, né? Ela ficô lá quais um meis, então, já tava mais o menus que custumada. Aí até que não deu muito trabalho, né? Hoje ela levanta cinco hora pra vim pra creche. A minina acorda cinco hora pra vim e num dorme mais, não (risos). É, ela cumeça a chorá, né? Aí eu vou pego o carrim dela e ponho ela sentada. Aí ela vê que agente nu vai saí, aí ela cumeça a chorá, até eu arrumá ela pra creche. Aí quando sai pra rua ela sussega, aí ela não chora mais, não. [89]

O sentimento que permeou a construção destas duas narrativas, produzidas em momentos diferentes, com sujeitos distintos foi uma felicitação, um grande orgulho dessas mulheres ao relatarem o aprendizado conquistado por seu filho, diante dos ensinamentos desenvolvidos na creche. Para Angela Rizza é gratificante ver como sua filha se desenvolvera, se tornando mais comunicativa, aprendendo a falar com mais desenvoltura, convivendo melhor com outras crianças, com outras pessoas, se tornando uma criança mais feliz, pois antes era muito sozinha. Quanto a Keila Maria é com muita satisfação que ela narrou o episódio diário em que sua filha, de apenas onze meses, acorda bem mais cedo do que o necessário, às cinco horas da manhã, e chora o tempo todo, segundo ela, querendo ir para a creche.

O que se configura neste dois depoimentos é que os benefícios trazidos pela creche, segundo estas mulheres/mães, são mais amplos do que o simples fato de ser um lugar que lhes permitam trabalhar, exercer uma profissão. A creche é para além de um lugar que objetive a guarda das crianças, enquanto suas mães trabalham. A creche tem a função social de cuidar e educar estas crianças, sendo que diante de suas concepções e práticas, um não se desvencilha do outro, pois ao atender crianças pequenas – 0 a 3 anos – não há como privilegiar um em detrimento do outro, pois eles se conjugam, sendo que, se educa cuidando e se cuida educando.

---

[88] Angela Rizza Silva de Freitas, entrevista realizada em 12/05/2005.
[89] Keila Maria da Silva, entrevista realizada em 12/05/05.

Diante dessa forma de tentar apreender a creche a partir da vivências das mães e de seus filhos uma questão se torna salutar: como se dera a adaptação de crianças tão pequenas, que na maioria das vezes, tem tal experiência como a primeira separação da mãe, dos irmãos, de seus entes familiares? Como se dera a adaptação quando estas crianças iniciaram suas atividades na creche UDI – Marta Helena?

Keila Maria nos traz que fora mais difícil para ela do que para sua filha, pois acerca de um mês ela já estava freqüentando uma outra escola e por isso sua adaptação, na UDI – Marta Helena, se dera de forma mais calma, sendo menos traumática.

> *Ah, eu sintí muito, fiquei muito sintida. Fiquei cum coração na mão porque eu inda num tinha nem custumado direito em dexá notra escola, aí já mudô, né? Foi dificil. Acho que cê num conhece ainda as pessoa, né? Quem vai ficá cum ela, ela bebezinha. Eu já tive problema, né, de dexá ela pro zoto olhá. Aí, vai, num foi fácil. Mas aí foi passanu os dias, né? Ela custumô rapidim também e eu fui ficanu mais tranquila, conhecendo as minina que fica cum ela, aí eu custumei também.*[90]

O fato da mãe deixar seu filho com outra pessoa ou em uma instituição para que alguém zele de sua integridade física, mental e moral, cuidando e educando enquanto ela se dedica a outra atividade, ao trabalho, traz para essas mulheres um certo sentimento de culpa, pois é atribuído a tal atitude um certo caráter de abandono, necessário e temporário, mas um abandono, pois são crianças muito pequenas e, consequentemente, muito dependentes da atenção e dedicação do adulto, e por isso, enquanto sendo responsável por aquela criança, a mãe se sente culpada em deixá-la na creche, mesmo diante de uma necessidade tão vigente.

Então é com grande emoção que Keila Maria relatou as dificuldades dos primeiros dias, do tempo de adaptação que se faz necessário, não só para a criança mas também para a mãe, o pai, enfim, toda família. Pude perceber, diante da experiência de trabalhar naquele local, que para as mães que colocam seus filhos inicialmente no berçário, a dificuldade de adaptação é muito maior, pois em alguns casos essas mulheres acabaram de cumprir a licença maternidade e necessitam voltar ao trabalho. Diante disso, é a primeira separação após o nascimento, sendo a adaptação de grande dificuldade não só para a criança, mas também para a mãe. É normal, nos depararmos com mulheres que saem da unidade aos prantos, quando deixam seu filho pela primeira

[90] Keila Maria da Silva, entrevista realizada em 12/05/05.

vez na creche, sendo que no início do ano tal cena é freqüentemente presenciada pelas funcionárias da creche. Atribuo a tal fato o forte vínculo construído, edificado entre mãe e filho, sendo a separação dura e amarga para ambos.

Angela Rizza em sua narrativa demonstra ter tido uma experiência diferente daquela trazida por Keila Maria, afirmando que a dificuldade maior foi para que sua filha acostumasse e adaptasse ao ambiente, ao ritmo, a rotina da creche, mas sobretudo a separação de seus familiares. Já para ela fora tranquilo o fato de ter que deixar sua filha na creche pela primeira vez.

> *Eu sabia que no início ia sê dificil para Giovana porque prela tá custumando não é fácil. Principalmente pruma criança, né? A cabecinha, né, é totalmente diferente da nossa, né? Hoje eu falo assim, ela se daptô bem, tá gostanu mesmo. E, pra mim? Não assim, eu já sabia as pessoa que estão aqui na creche, elas são preparada e estruturada pra lidá cum criança. Então é até melhó do que uma pessoa que agente pensa em pagá. No meu caso nu tem nem como eu tá pensando em pagá, que o dinhero tá curto (risos). Mas eu sempre tive tranqüila, num preocupei quando a Giovana vei pra cá, não. Porque igual eu te falei a creche é excelente, as pessoa tá preparada pra lidá mesmo quas criança. Tem até pedagogas, né? Pois é, são todas preparadas, não tem que preocupá.*[91]

A tranqüilidade em estar deixando, pela primeira vez, sua filha na creche, descrita por Angela Rizza, pode ser atribuída ao fato dela já ter um conhecimento sobre a creche, sua organização e estruturação, afirmando que confia nas pessoas que trabalham com as crianças, pois elas são preparadas para o exercício desta função. Creio também que o fato de sua filha ser um pouco maior, tendo dois anos já completos, facilitou e muito a segurança de tal mãe, pois sendo maior a criança é um pouco menos dependente, sabendo lidar melhor com certas situações e conseguindo socializar com sua mãe as experiências, os fatos ocorridos na creche durante o tempo que permanecera ali.

O período de adaptação existe não apenas para a criança, para a família, mas também para o educador, para a creche como um todo, pois é a partir deste momento, que se inicia a construção da convivência, do conhecer a criança e sua família, descobrindo seus hábitos, seus gostos, suas limitações e suas necessidades. Assim, da mesma maneira que as mães precisam conhecer a creche, sua organização, seu funcionamento, para se sentirem mais seguras e também se adequarem a nova vivência

[91] Angela Rizza Silva de Freitas, entrevista realizada em 12/05/2005.

de seu filho, toda a creche necessita conhecer a criança e sua família para estruturar-se da melhor forma possível, no intuito de atender e suprir as necessidades daquela criança.

Essa convivência que se inicia quando a criança começa a frequentar a creche, ela se faz diariamente, sendo construída e reformulada todos os dias, abarcando não apenas a criança, mas toda sua família: a mãe, o pai, os irmãos, avós, tios, dentre outros, pois todos se sentem responsáveis pelo bem estar e desenvolvimento da criança. Diante dessa idéia, a família como um todo participa da construção da teia de relações que permeiam a creche, sendo essenciais estas relações construídas para o desenvolvimento e a adaptação da criança com o ambiente e do ambiente para com a criança. Assim, a família se configura como uma intermediária na relação que se inicia entre criança e creche. Frente a isso, pode se perceber nas narrativas das mulheres entrevistadas, tanto mães quanto educadoras, como se estabelecem estas relações, como se dá a construção diária do convívio entre mulheres/mães e mulheres/funcionárias.

> *De forma geral, eu acho que é bom o relacionamento quas mães. Só que, eu acho que tem assim uma cobrança muito grande, por parte das mães, talvez até porque dexam a criança, acha que tem um sentimento de cupa, em tá dexando a criança lá o dia todo. Então coisa que some, talvez uma ropa, mais que foi por ela mesmo não tê marcado. É um, a criança às vezes passa mal, comeu alguma coisa em casa que às vezes não poderia tê comido, vai pra creche, aí passa mal, liga pra mãe, ela reclama porque a criança tá passando mal, que na casa dela num passa mal, que é só na creche. É mais isso, nessa questão, acho que o relacionamento mais é, é de forma afetiva não, acho que é só no profissional mesmo enquanto agente tá cuidando dos filhos deles. Eu não tenho nada que reclamá. Meu relacionamento é bom, acho que de quem trabalha comigo também. Agora, no geral na creche eu num sei, mas eu acho que é bom também, todo mundo faz o possível pra tratá bem os pais, porque afinal de conta ele é o contato que agente tem com os filhos pra sabê como que tá indo e tudo, se agente num conversá, não tê um bom relacionamento fica difícil desenvolver o trabalho com a criança.*[92]

Neste trecho do depoimento de Raquel Pereira, pode-se perceber há toda uma desenvoltura para que as relações entre funcionárias e famílias se dêem de forma harmônica, visando sempre o bem estar da criança, entretanto, os embates existem, sejam eles pelos motivos mais diversos, mas eles se fazem presentes, sendo evidentes. Pode-se dizer que, na maioria das vezes, se configuram como conflitos diários, cotidianos, mas que fazem parte das relações, configurando-as. E, por mais que tudo se

[92] Raquel Pereira Dias, entrevista realizada em 31/04/2005.

resolva da melhor forma possível, visando o bem estar da criança e a permanência do elo que liga criança e creche, perfazendo-se pela presença da família, outros embates surgirão, trazendo-nos novas formas de relação, novas perspectivas de convívio, novas necessidades, novas preocupações.

Assim, por mais que se objetive estruturar relações harmônicas no interior da creche (principalmente por parte das funcionárias e da administração), não se pode deixar de apresentar aqui os conflitos, mesmo porque eles se fazem enquanto práticas diárias, práticas saudáveis no estabelecimento de relacionamentos desenvolvidos a partir da alteridade, que se pautam na valorização e percepção do outro, respeitando-o e levando, pois, em consideração suas perspectivas, suas idéias, seus desejos e anseios.

Raquel Pereira traz ainda nesta parte de sua narrativa a reafirmação do que já fora dito anteriormente, os familiares são o elo de ligação da creche para com a criança: *"todo mundo faz o possível pra tratá bem os pais, porque afinal de conta ele é o contato que agente tem com os filhos pra sabê como que tá indo e tudo, se agente num conversá, não tê um bom relacionamento fica difícil desenvolver o trabalho com a criança"*. Sendo assim é que se faz necessária o estabelecimento de uma relação minimamente pautada na confiança e no respeito de ambos os lados. Relação esta que pode ter seus momentos de conflitos, mas que entretanto, devem ser contornados, resolvidos, sanados para que esta relação não afete o trabalho junto a criança, não prejudicando seu desenvolvimento.

Ao observar o outro lado, indagando das mães como se dam as relações no interior da creche, com se estabelecem as formas de convivência entre elas e as funcionárias da creche, observei que no relato de Angela Rizza, não se tem menção dos conflitos descritos anteriormente. Para ela está *"tudo excelente"*, nada precisa ser mudado, nem melhorado, transparecendo uma certa noção de harmonia.

> *Eu não tenho nada a reclamá, não. A qualidade da creche é excelente. Não tenho nada a reclamá. Pra mim tá tudo bom, nunca tive problema, me dou super bem quas minina [educadoras] da sala da Giovana. A Giovana gosta delas, então, num tem problema, nem conflito ninhum. Pra mim tá muito bom, mesmo.*[93]

[93] Angela Rizza Silva de Freitas, entrevista realizada em 12/05/2005.

Acredito que o fato dos problemas não aparecerem, não signifique que os mesmos não existam. Creio que, infelizmente, minha relação anterior com a creche, com estas mães, fizeram com que os conflitos fossem omitidos. Mesmo porque, diante de minhas próprias experiências como educadora, conheço-os, sei de sua existência, pois vivencio tais conflitos ao estabelecer diariamente minhas relações naquele espaço.

Da mesma forma que se buscou a percepção que as mulheres/mães possuem da creche, tentando resgatar junto a estas os valores atribuídos à creche, se faz de suma importância também apreender a forma pela qual as mulheres/funcionárias percebem a creche, o trabalho com as crianças, o ambiente de trabalho, os principais problemas enfrentados, etc. Diante disso tem-se na narrativa produzida por Raquel Pereira, a forma pela qual ela apreende a creche, à partir de suas vivências de educadora, sendo, pois, seu local de trabalho.

> *Bem, trabalhá com criança é bom. Agente tá sempre aprendendo, mais que ensinando, eu acho. Principalmente essa parte afetiva, é ótimo. Acho que desde que agente começa a conversá com uma criança agente já tá educando, já tá cuidando porque, quando o pai e a mãe dexa com agente lá, eu acho que agente já se sente até um poco mãe. Protege e cuida mesmo e também assim, tem aquela coisa de horário, tem que cumpri horário, na casa dagente talvez num tem essa rotina de almoço, café da manhã, banho, tudo certim. Lá tem, horário pra tomá café depois tem o intervalo pro pedagógico, depois vem o almoço, a escovação e tem o repouso. Mais disso tudo o que eu mais gosto de fazê, trabalhá quas criança é cantá. Ah, eles adora e é bom porque a resposta já é mais imediata, e agente fica feliz qua satisfação e aprendizado delas.*[94]

O que Raquel nos traz é um pouco dos seus sentimentos em relação as crianças, ao seu trabalho com elas, sendo para ela uma grande responsabilidade cuidar e educar essas crianças, mas ao mesmo tempo é algo prazeroso, considerado como sendo uma relação muito próxima a própria maternidade, pois ao lidar com a criança pequena os laços acabam se estreitando em decorrência da dependência desta ao adulto, e com isso, acaba-se se sentindo, segundo sua própria fala: *"até um poco mãe"*.

Ainda aqui pode-se perceber um pouco da rotina, do cotidiano vivenciado por esta educadora, cujo horário de trabalho é das 7:00 às 13:00 horas, ficando pois todo o período da manhã com as crianças. Neste período, no qual ela permanece na creche, as crianças entram até aproximadamente às 7:30 horas, tomam o café da manhã, participam de atividades pedagógicas, podendo ser, concomitante a isso, desenvolvido

[94] Raquel Pereira Dias, entrevista realizada em 31/04/2005.

atividades lúdicas. Tem o banho e, posteriormente, o almoço, a escovação e o repouso. Na tentativa de perceber um pouco mais do trabalho desenvolvido por esta mulheres/educadoras, juntamente às crianças, ela nos relata que o que mais gosta de trabalhar com as crianças é o cantar, pois ao se trabalhar com crianças pequenas à partir do canto, da música, a resposta é mais imediata, sendo, pois, um trabalho mais gratificante.

Diante de toda a dedicação que se faz necessário no trabalho com estas crianças tão pequenas, no exercício das atividades educacionais – pedagógicas e lúdicas – e no cuidar das crianças, quis apreender como que estas mulheres/educadoras concebem as crianças atendidas na creche e com as quais trabalham. Quem são estas crianças para elas? Como elas as vêem?

> *Tem algumas muito carentes em todos os sentidos da palavra carente, tanto de carinho como de é, (pausa) como que eu posso falá (pausa), recurso financeiro. E tem outras que não. Que vem mais porque precisa pra mãe trabalhá, a mãe dexa aqui e vai trabalhá, mas é aquela mãe muito atenciosa, que dá muito carinho e tudo bem. Mas tem umas que, realmente, é aqui, vem praqui pra gente dá tudo: carinho, educação, agente tem que dá, ensiná tudo, dá tudo. É, é complicado às vezes trabalhá, porque tem umas crianças rebeldes, tem umas que é mais agressiva, cê tem que entendê o motivo porque elas são agressiva, porque que tá rebelde, porque que tá chorando demais naquele dia. É difícil lidar com a agressividade, não é fácil, quando a criança é agressiva com as outras ou até mesmo com as educadoras, não é fácil lidar com isso. Tem hora que cê fica sem sabê o que falâ pra criança. Mas aí cê tem que pensá bem, respirá fundo e tentá entendê ela, entendê porque que ela tá fazendo aquilo. Mas é bom. É muito bom trabalhá aqui quas criança.*[95]

.....

> *Eu vejo como crianças que precisam da instituição porque a mãe também precisa de trabalhá, como no meu caso, quando eu trabalhava não tinha essa creches assim, né, pra dexa os meus filhos. Eu acho que essas crianças são crianças que precisam realmente estar lá, e que são recebidas com muito carinho. Acho que é só devido a situação financeira mesmo que estão lá.*[96]

Percebemos um pouco quem são essas crianças para as mulheres que trabalham na creche, diretamente com elas. Maria Ducineide afirma que as crianças atendidas na creche, em sua grande maioria, são crianças carentes, atribuindo um sentido amplo para esta palavra, sendo que, segundo ela, muitas crianças não possuem condições básicas para uma sobrevivência digna, outras são desprovidas de amparo emotivo e emocional,

---

[95] Maria Ducineide, entrevista realizada em 01/05/2005.
[96] Raquel Pereira Dias, entrevista realizada em 31/04/2005.

não possuem carinho, atenção e ainda tem também, aquelas crianças que estão matriculadas ali, pois suas mães necessitam trabalhar e para tanto precisam deixar seu filho na creche. Ela nos traz ainda neste trecho do seu depoimento que, a maior dificuldade enfrentada no exercício de sua profissão é a agressividade de algumas crianças, sendo muito complicado lidar com este problema, pois tem-se que buscar entender a criança, os motivos que a levam ao desencadeamento da agressividade, ensinando-lhe que tal atitude está errada, condenando seu ato, mas mantendo o cuidado para não piorar a situação, por se tratar de uma questão muito melindrosa.

Na narrativa de Raquel Pereira ela também vê as crianças que estão matriculadas na creche enquanto fazendo parte de famílias que realmente necessitam daquele espaço para que as mulheres/mães possa sair para o trabalho. Trazendo ainda que a questão primordial que leva as mães, as famílias a matricularem seus filhos, menores de 3 anos, na creche é proveniente do financeiro, da necessidade de ter que se ausentar para o trabalho e diante disso não ter com quem deixar a criança, seu filho.

Ao referendar um tema que busca conhecer um pouco a mulher, trabalhadora, mãe, esposa, partindo da creche como local de "encontro" com estas mulheres, este trabalho propôs vislumbrar, um pouco do cotidiano dessas mulheres, á partir de narrativas produzidas e mediadas por suas vivências. Com isso, torna-se essencial a elucubração da forma pela qual essas mulheres se relacionam com os diversos papéis sociais que estruturam suas experiências.

É nessa perspectiva que exponho a narrativa de Raquel Pereira, Keila Maria e Angela Rizza, no intuito de socializar suas experiências enquanto mulheres/mães trabalhadoras, tentando compreender melhor como se dá, para estes sujeitos históricos, o exercício dessas funções sociais, as responsabilidades, as dificuldades e também as alegrias, os prazeres, enfim, as vivências que se configuram diariamente.

> *É, uma rotina que agente tem. Quando agente tem filho piqueno então, é dificil, porque aquela coisa de corre dali, corre daqui pra dá conta das coisa tudo no, na hora certa, depois pra a escola já tem aquela preocupação de como que vai sê a escola, aí cê já tem uma preocupação qua escola. Então tudo assim, no dia-a-dia é, vai surgindo aquelas preocupações rotineiras mais que, cada dia diferente. Mais, dificuldade mais em termo de trabalhá assim. De tê filho, de achâ dificil assim, não(...) Hoje já num tem aquela coisa da, de tê que dá tudo na boca e tudo, mais inda tem a dificuldade de num podê dexá sozinho. É onde tem a minha mãe sempre por perto, que tá sempre me ajudando. Mais é mais fácil agora porque eles já tem, cada um vai pruma escola, já, todo mundo já se vira sozinho, num tem mais que tá fazendo uma cumida, eles já se viram, agora*

> *é muito melhor. A única dificuldade é que eu ainda tô estudando, intão já sobra poco tempo pra tá em casa, mais tranquilo.*[97]

Raquel Pereira relata um pouco de suas vivências como mãe, trazendo as preocupações, as responsabilidades, que envolvem o exercício desse papel, as dificuldades de quando seus filhos ainda eram pequenos e quais as dificuldades agora que são maiores. Afirma que ser mãe faz parte de uma rotina, sendo as mesmas preocupações, que são emolduradas diariamente, de acordo com a idade, mediante as necessidades dos filhos. Hoje, segundo ela é mais tranquilo, pois seus filhos estão maiores, entretanto ainda falta-lhe tempo para se dedicar mais a casa, pois além do trabalho na creche ela está cursando, à noite, o curso de Normal Superior.

Neste trecho trazido abaixo, Keila Maria faz referência para além das dificuldades em ser mulher/mãe trabalhadora, ela nos traz o sentimento da maternidade, a felicitação em ser mãe e a vontade de sê-lo. Quanto as dificuldades, pode-se observar que não são diferentes daquelas trazidas na narrativa de Raquel Pereira, trazendo assim a correria, a rotina diária, as preocupações com filho, marido, o cuidar da casa, como sendo as maiores dificuldades. Sendo que estas atividades, o dedicar-se ao cuidado da família dá, posteriormente, o exercício de suas atribuições profissionais.

> *Ah, a experiência foi muito boa. É bom dimais ser mãe, tinha muita vontade de ser mãe, né, meu bem? Demorô muito a rrumá, mais rrumei. (risos) Agora é dificil, é uma luta, né? O dia-a-dia é uma luta. É casa, marido, minino, tudo currido lá em casa. Chega do serviçu tem que arrumá casa, tudo certim. Aí já dá hora de vim buscá a Letícia. Principalmente quando ele [referindo-se a seu marido] chega mais cedo, né? Tem que corrê mais ainda, quele qué um trem, qué otro, qué uma coisa, qué otra. Aí eu fico loca.*[98]

No intuito de melhor discutir esta questão, achei por bem trazer ainda o depoimento de Angela, no qual ela afirma que:

> *Ah, é ótima! A melhor coisa que conteceu na mimvida. Só isso queu tenho pra falá pra você (...) eu tento sê a melhó profissional, né? E eu tento sê a melhó mãe, lógico, né? Eu sei que agente dexa a desejá algumas coisas, né, mas eu procuro ser cem por cento, né? É, é bem dificil conciliá as duas coisas ao mesmo tempo, mais eu tento conciliá, né? Agora eu num sei se eu dexo, é assim, questão a Giovana, Gabriel, Yago, num sei se eu dexo desejá, questão de mãe eu num sei se dexo a desejá. Isso eu num sei. (...) O dia-a-dia é currido, né? Meio currido porque eu tenho que dexá na creche, a, eu tenho que buscá,*

[97] Raquel Pereira Dias, entrevista realizada em 31/04/2005.
[98] Keila Maria da Silva, entrevista realizada em 12/05/05.

> *tenho que trabalhá, entendeu? É, tem horário, horário, sempre horário a ser cumprido, né, intão é meio complicado. Mais tem que tá, não tem como, né, tem que tá daptando com isso. Num tem jeito de não tá daptando, precisa, é necessário, né? Não tem otro jeito.*[99]

Angela Rizza, conforme se pode perceber, traz o que é ser mãe, diante de suas vivências, expondo seus sentimentos diante da maternidade. Mediante as dificuldades em estar conciliando essa função social às demais que exerce no seu dia-a-dia, afirma fazer o que pode, tentando harmonizar o ser mãe, com sua profissão, com ser dona de casa, com ser esposa. Afirma ainda que é complicado e corrido, mas se faz necessário a adaptação aos horários, atribuições e obrigações que tais papéis e funções estabelecem.

De acordo com o que se pode observar nos relatos, nas narrativas produzidas por estas mulheres, é muito complicado agregar à carga horária no exercício de suas profissões, a carga horária dedicada a casa, aos filhos, ao esposo. É perceptível que o trabalho dessas mulheres não cessa, posteriormente, ao chegar em casa. Pelo contrário, ali iniciam-se novas práticas, novas tarefas que se fazem necessárias e diárias. O tempo de descanso é revertido ao tempo de cuidar, independente dos filhos serem pequenos ou não. Este tempo se faz necessário, conforme análise das narrativas trazidas aqui.

Não pretendo construir um discurso feminista, nem tão pouco fazer juízo de valores junto as vivências dessas mulheres, edificando-as como heroínas do lar, da família. Prefiro me ater ao compromisso de resgatar suas experiências e trazer para a discussão um pouco do que pude observar em relação a ser mulher/mãe trabalhadora em nossa sociedade, expondo os sentimentos, os desejos, os anseios, as dificuldades, as responsabilidades. Enfim, busquei conhecer um pouco mais essas mulheres que se inscrevem como sujeitos históricos e sociais de seu tempo. Entretanto, é com plena convicção que deixo lacunas, questões ainda sem respostas, não findando, pois, em si mesma a pesquisa realizada.

[99] Angela Rizza Silva de Freitas, entrevista realizada em 12/05/2005.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creio que a forma mais simples de iniciar a dissertação neste estágio do trabalho aqui desenvolvido seria: "ao se findar...". Entretanto, apesar de apreciar as coisas simples, afirmar que tal pesquisa tem um fim, a partir deste trabalho desenvolvido, seria um equívoco, um erro inadmissível, pois a análise que faço, com toda convicção, é que para além de respostas conquistadas obtive uma ampliação nas inquietações que fervilham em minha mente.

É com grande apreço que olho para atrás e vejo os primeiros passos que dei como historiadora e pesquisadora. Vejo meus tropeços, minha dedicação à pesquisa, o respeito aos sujeitos, minhas dificuldades, meus acertos e meus erros, minha angústia, desconforto e insegurança diante de algo novo, na busca pelo desconhecido.

É com grande satisfação que vejo o resultado deste trabalho, imbuído do apoio e esforço de várias pessoas, os sujeitos históricos investigados, sem os quais esta pesquisa não se efetivaria. É com felicidade que me lembro do primeiro e rápido atendimento com a Dr.ª Célia Rocha Calvo, no qual mal balbuciei algumas palavras e hoje conversamos, dialogamos, "trocamos figurinhas" sem nenhum receio, eu diria até com uma respeitosa intimidade.

É interessante observar quão dimensão é criada por nós acerca das coisas. Eu, acho que de forma inconsciente, construíra uma imagem horripilante do que seria pesquisar e concretizar um trabalho monográfico. Vendo a pesquisa, o contato com as fontes, a análise das entrevistas, enfim, todo o trabalho do pesquisador como algo amedrontador. Hoje, com o cessar temporário dessas atividades enquanto pesquisadora/historiadora, é mais do que o sentimento de dever cumprido que permeia o íntimo do meu ser. É mais do que uma sensação de alívio por ter ultrapassado mais este estágio de minha vida. O que permanece é a vontade de continuar, de permanecer nesta direção, de dar continuidade àquilo que um dia eu considerei como sendo monstruoso.

Neste momento em que deveria colocar um ponto final, terminando assim o que me propus a desenvolver aqui, percebo que este é apenas o começo, apenas o início do caminho que acabei esboçando ao realizar este primeiro trabalho de pesquisa. Ou seja,

não foi possível esgotar todas as possibilidades, não foi possível responder todas as questões, nem tal pouco aprofundar em todas elas.

Posso dizer então, que algumas questões pairam no ar. Sendo que algumas delas, permanecem, para mim, de forma mais expressiva. Como, por exemplo, a expropriação realizada quando a creche passa a ser gestada pela Prefeitura: o que se perdeu realmente, quais os sentimentos que estavam imbricados diante da apropriação daquilo que fora construído pelas mulheres, pela comunidade, mediante suas lutas. Em prol de que essas ações de efetiva municipalização foram concedidas e aceitas pela própria comunidade? Como foi para aquelas mulheres, lidar com os sentimentos que envolveram a "perda da creche". Enfim, entender um pouco mais, aprofundar as análises, no que tange a tais indagações, ou seja, ao processo de municipalização, de construção da sede própria da creche para o bairro Marta Helena abarcando de forma mais específica as questões subjetivas, indo para além dos fatos em si.

Acho necessário e válido lançar para discussão uma questão que surgira já nos últimos estágios deste trabalho. É instigante pensar a creche enquanto direito da criança pequena, crianças de 0-3 anos. Consigo vislumbrar nesta questão que o objetivo maior do texto da Constituição de 1988 era a universalização do atendimento na creche, abrangendo todas as crianças, sem discriminação, sem selecionamento. É direito, é direito de todos! Percebo também que tal direito só será exercido e usufruído mediante a aprovação da família, não tendo, a educação oferecida nas creches, um caráter obrigatório. Entretanto, me intriga a idéia de "dar" tal direito para a criança pequena, principalmente aquela menor de 3 anos, pois o exercício deste direito implica automaticamente ao seu afastamento do convívio familiar. Que direito é este que priva a criança, o bebê da presença da mãe e de outros entes queridos?

Ainda diante dessa problemática, de acordo com o que fora discutido anteriormente, no segundo capítulo deste trabalho, as matrículas na creche são realizadas mediante processo de zoneamento. Assim, as crianças que estão sendo atendidas, não necessariamente precisam que suas mães estejam trabalhando para que seu acesso à creche seja efetivado, mesmo porque se é um direito de todos, não caberia aqui critérios de selecionamento. Mas se a creche não se faz enquanto uma necessidade para a mãe, visto que esta não trabalha, qual seria então a real necessidade daquela criança ver-se separada de sua mãe, do ser pelo qual ela tece seus primeiros e mais fortes sentimentos?

Caberia diante da questão lançada, uma investigação acerca daquilo que nossa sociedade atribui enquanto sendo necessidade para a criança pequena, buscando um entendimento maior da forma pela qual se constrói a concepção de infância nos dias de hoje. Para melhor vislumbrar esta questão, o estudo do historiador francês Philippe Ariès[100], já mencionado anteriormente, apresenta-se como sendo essencial, pois traz a análise da forma pela qual a criança e a infância são apreendidas pelas mais diversas sociedades, em alguns recortes de tempo, desenvolvendo uma discussão à partir da investigação dos túmulos, dos registros de morte mas, principalmente, da iconografia, buscando observar características das sociedades, à partir da Idade Média, resgatando assim, a forma pela qual a criança era tratada, percebida através das representações que se tinham desta.

Mediante a esse trabalho de Philippe Ariès é possível compreender a forma pela qual as sociedades no decorrer dos séculos percebiam a infância e ainda valorizavam e estruturavam a família. Tem-se, pois, a reafirmação da idéia de que a infância é percebida de formas diferentes, nas variações de tempo e espaço, mediante a organização pela qual se estrutura a sociedade observada. Dessa forma, a infância deve ser analisada diante do contexto histórico ao qual está inserida, cabendo assim, uma dedicação maior, ficando em aberto tal questão: como se dá a concepção e percepção da infância nos dias atuais, na nossa sociedade contemporânea?

Deixo então, mais do que respostas, mais do conclusões. Deixo algumas análises a fim de que, posteriormente, possam ser revistas, ampliadas, criticadas, complementadas. Almejo para além do meu crescimento intelectual, de uma satisfação pessoal, auxiliar de alguma forma as pessoas que se interessarem pela temática aqui abordada, e ainda outros pesquisadores que por ventura optem por caminhar com o propósito de melhor conhecer as mulheres, a creche, o bairro Marta Helena.

[100] ARIÈS, Philippe. "História Social da Criança e da Família". Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. "Tradição Oral e História Oral: proximidades e fronteiras". In: Revista História Oral. Programa de Pós-graduação em História da UFPE/PE. Pernambuco, vol. 08, n.° 1, jan/jun/2005, pp. 11-28.

ALMEIDA, Paulo Roberto e KHOURY, Yara Aun. "História Oral e Memórias: entrevista com Alessandro Portelli". In: História e Perspectivas 25-26. Revista dos Cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação em História da UFU. Uberlândia – MG: EDUFU, 2001/2002, pp. 27-54.

AMADO, Janaína. "A Culpa Nossa de Cada Dia: Ética e História Oral". IN: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, n.° 15, abril/1997, pp. 145-155.

ARIÈS, Philippe. "História Social da Criança e da Família". FLAKSMAN, Dora (trad.). 2° ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BLOCH, Marc. "Apologia da História ou O Oficio do Historiador". Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMPOS, Maria M. Malta. "Pré-escola: entre a educação e o assistencialismo – 1985". In: ROSEMBERG, Fúlvia (org.). "Creche". São Paulo: Cortez, 1989, pp. 11-19.

CALVO, Célia Rocha. "Muitas memórias e histórias de uma cidade: lembranças e experiências de viveres urbanos. Uberlândia 1938 –1990". Tese Doutorado. Pós-graduação em História Social. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2001.

CALVO, Célia Rocha. "Cultura e Cidade: Uberlândia, Espaço, Memória e Vivências". In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela (orgs.). História e Perspectivas. Revista dos Cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação em História da UFU. Uberlândia – MG: EDUFU, 2003, pp. 371-397.

CHAVEAU, Agnes e TÉTART, Philippe. "'Questões para a História do Presente". Bauru/SP: EDUSC, 1999, pp. 07-37 e pp.93-102.

FENELON, Déa Ribeiro. "O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo?" In: História e Perspectivas. Revista dos Cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação em História da UFU. Uberlândia – MG: EDUFU, n°.6, jan./jun. 1992, pp. 05-23.

FERREIRA, Jorgetânia Silva da. "Do Silêncio ao Preconceito: A (des)caracterização do emprego doméstico no pensamento acadêmico". In: História e Perspectivas. Revista dos Cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação em História da UFU. Uberlândia – MG: EDUFU, n.° 23, jul/dez. 2000, pp. 129-144.

FONTANA, R e CRUZ, M.N. "Psicologia do Trabalho Pedagógico". São Paulo: Atual, 1997, pp. 43-55 e pp. 57-67.

GOMIDE, Elfrida Fêlix de Sousa. "Educadores de Creche: Concepções e Práticas (Um Estudo de Caso). São Paulo – SP. Mestrado – Educação. Universidade de São Paulo, 1992.

KRAMER, S. "A Política do Pré-Escolar no Brasil – a arte do disfarce". 2.ed. Rio de Janeiro, Achimé, 1984. (Série Universidade: Educação).

KHOURY, Yara Aun. "Muitas Memórias, Outras Histórias: cultura e sujeito na História. In: FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes e outros (orgs.). Muita Memórias, Outra Histórias. São Paulo: Olho d'água, 2004, pp.116-138.

LE GOFF, Jacques. "A Historia do Cotidiano". IN: FERREIRA, Carlos de Veiga (trad.). "História e Nova História". Lisboa: Teorema, 1986, pp. 73-82.

MARSON, Adalberto. "Reflexões sobre o Procedimento Histórico". IN: "Repensando a História". SILVA, Marcos A. da. (org.). Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984, pp. 37-64.

MEC. "I Simpósio Nacional de Educação Infantil – Conferência Nacional de Educação para Todos". Brasília, 1994.

PERROT, Michelle. "História da Vida Privada. Da Revolução Francesa a Primeira Guerra Mundial". Vol. 4. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

PORTELLI. Alessandro. "A Filosofia e os Fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Revista Tempo. Rio de Janeiro, Vol. , n.° 2, UFF, 1996, pp. 56-72.

_____. "As Fronteiras da Memória. O massacre das fossas ardeatinas. Histórias, mito, rituais e símbolos". In: História e Perspectivas 25-26. Revista dos Cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação em História da UFU. Uberlândia – MG: EDUFU, 2001/2002, pp. 09-26.

_____. "Forma e significado na História Oral. A pesquisa como experimento em igualdade". In: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, n.º 14, fev./1997.

_____. "O que faz a história oral diferente". In: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, n.º 14, fev./1997, pp. 25-39.

_____. "O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum". In: FERREIRA, Marieta M.& AMADO, Janaína (org.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 103-130.

_____. "O Momento de Minha Vida: Funções do Tempo na História Oral". In: FENELON, Déa, MACIEL, Laura Antunes e outros (orgs.). Muita Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho d'água, 2004, pp. 296-313.

_____. "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral". IN: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, n.º 15, abril/1997, pp. 13-49.

ROSEMBERG, Fúlvia (org.). Creche. São Paulo: Cortez, 1989.

ROSEMBERG, Fúlvia, PINTO, Regina P. e NEGRÃO, Esmeralda V. "A Educação da Mulher no Brasil". São Paulo: Ed. Global, 1982.

SAMUEL, Raphael. "História Local e História Oral". IN: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, v. 9, nº 19, set./1989 – fev./1990, pp. 219-243.

SILVA, Marcos et Janaína Amado. "República em Migalhas: História Local e História Regional". São Paulo: Ed. Marco Zero/CNPQ, 1999, pp. 07-14.

SOUSA, Elizabeth Coelho. "A Política de Municipalização do Ensino: da teoria à prática". Uberlândia-MG. Mestrado – Educação. UFU/MG, 1999.

SOUZA, Aparecida Darc de. "Capitães do Asfalto: Infância e Adolescência Pobres na Cidade de Uberlândia – 1985-1995". In: "Meninos e meninas que vivem e ou trabalham nas ruas: um problema social para Uberlândia nos anos 80". Dissertação de Mestrado em História. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, 1998 – SP.

THOMPSON, E. P. "Intervalo: a Lógica Histórica". IN: "A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser". Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp. 47-62.

_____. "Folclore, Antropologia e História Social". In: As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos. Unicamp: São Paulo, 2001.

THOMSON, Alistair. "Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias". IN: Revista Projeto História. PUC/SP, 1981, n° 15. (Ética e História Oral).

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. "Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais". In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. 65-91.

UNICEF e ABRINQ. "10 Medidas Básicas para a Infância Brasileira". São Paulo, 1994.